



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

O MITO FUNDADOR DO BRASIL
NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

Paulo Alziro Schnor

Brasília
2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

O MITO FUNDADOR DO BRASIL
NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

Paulo Alziro Schnor

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Brasília
2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O MITO FUNDADOR DO BRASIL
NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

Autor: Paulo Alziro Schnor

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva

Banca:

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva – UnB
Presidente

Prof. Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas – UFRN
Membro externo

Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto – UnB
Membro interno

Dra. Lila Silva Foster – UnB
Suplente

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, a Jesus e ao Espírito Santo.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao espírito eterno de minha avó, Rosa Portella Schnor,
por ter me ensinado a amar o conhecimento;
à minha mãe, Eunice, por ter me levado à escola;
à minha esposa, Paula, por me ter feito acreditar que era possível
apesar dos meus limites;
aos meus filhos Miguel e João, que irão muito mais longe no
caminho do saber;
ao povo brasileiro por financiar a Universidade Pública;
ao meu orientador, Professor Doutor Gustavo de Castro e Silva,
por ter sido um generoso guia nesta caminhada;
aos meus Professores da Graduação e da Pós-Graduação por serem inspiradores;
e aos meus colegas do Mestrado e da Secretaria de Comunicação da UnB
pela companhia e solidariedade durante essa jornada.

RESUMO

Considerando a relevância do mito fundador como elemento primordial na elaboração de um sistema cultural identitário nacional, o objetivo geral deste trabalho é o de analisar se o Mito Fundador do Brasil está presente em *Grande Sertão: Veredas*. Para atingir esse escopo, verificou-se se há, na obra, elementos das imagens esotéricas criadas em Portugal desde o século XII. Buscou-se esclarecer se o pensamento mágico, utilizado por Guimarães Rosa, está de alguma forma ligado ao novo paradigma do conhecimento por via da complexidade estudada por Edgar Morin, e por meio da Razão Sensível, proposta por Maffesoli. Foi ainda analisado se *Grande Sertão: Veredas* poderia ser inscrito entre os estudos que fazem uma interpretação do Brasil. Procurou-se descrever a crise do Mito Fundador do Brasil desencadeada por ocasião dos 500 anos da descoberta ou invasão do Brasil, assim como o enquadramento do conteúdo do romance nesse debate. Avaliou-se se o livro apresenta uma ressignificação e uma atualização do Mito Fundador com a finalidade de comunicá-lo. A metodologia aplicada foi eminentemente bibliográfica, analítica e interpretativa. Procurou-se analisar os elementos de espiritualidade esotérica referentes ao Brasil, identificados no texto, com o conteúdo de vários autores que trabalham o Mito Fundador brasileiro, dentre os quais, o ensaio *Brasil, Mito fundador e sociedade autoritária* de Marilena Chauí (2000). Também foram analisados compêndios que tratam do enquadramento de *Grande Sertão: Veredas* como interpretação do Brasil, e outros que o estudam na perspectiva esotérica. Após análise interpretativa, foi possível concluir que *Grande Sertão: Veredas* é uma interpretação original do Brasil que contém elementos do Mito Fundador do Brasil. E que o livro ressignifica e atualiza o Mito com o objetivo de comunicá-lo às novas gerações para perpetuá-lo no tempo. A título de indicativo para pesquisas futuras, anota-se: aprofundar a questão do mal, do negativo e do diabo presentes na obra, sob o contexto do Mito Fundador do Brasil; detalhar a interpretação de Brasil, realizada de forma original por Guimarães Rosa, a partir de uma espiritualidade ecumênica-esotérica também encontrada no imaginário do Mito Fundador do Brasil; investigar a relação de Guimarães Rosa e de sua obra com os pensadores do Grupo Filosofia Portuguesa; estudar a obra de Guimarães Rosa no contexto da formação da comunidade lusófona, a partir de seus liames espirituais e culturais.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Grande Sertão-Veredas; Mito Fundador do Brasil; interpretação do Brasil; identidade nacional; comunicação

ABSTRACT

Considering the relevance of the founding myth as a primary element in the elaboration of a national identity cultural system, the general objective of this work is to analyze whether the Founding Myth of Brazil is present in *Grande Sertão: Veredas*. To achieve this goal, it was verified whether there are elements of esoteric images created in Portugal since the 12th century in the work. We sought to clarify whether the magical thought, used by Guimarães Rosa, is in any way linked to the new paradigm of knowledge through the complexity studied by Edgar Morin, and through Sensible Reason, proposed by Maffesoli. It was also analyzed whether *Grande Sertão: Veredas* could be included among the studies that make an interpretation of Brazil. We tried to describe the crisis of the Founding Myth of Brazil triggered on the occasion of the 500 years of the discovery or invasion of Brazil, as well as the framing of the content of the novel in this debate. It was evaluated whether the book presents a reframing and an update of the Founding Myth in order to communicate it. The applied methodology was eminently bibliographic, analytical and interpretative. We sought to analyze the elements of esoteric spirituality referring to Brazil, identified in the text, with the content of several authors working on the Brazilian Founding Myth, among which, the essay *Brasil, Founding Myth and authoritarian society* of Marilena Chauí (2000). Compendiums that deal with the framework of *Grande Sertão: Veredas* as an interpretation of Brazil, and others that study it from an esoteric perspective were also analyzed. After interpretive analysis, it was possible to conclude that *Grande Sertão: Veredas* is an original interpretation of Brazil that contains elements of the Founding Myth of Brazil. And that the book refreshes and updates the Myth with the aim of communicating it to new generations to perpetuate it over time. As an indication for future research, it should be noted: to deepen the question of evil, negative and devil present in the work, under the context of the Founding Myth of Brazil; detail the interpretation of Brazil, carried out in an original way by Guimarães Rosa, from an ecumenical-esoteric spirituality also found in the imaginary of the Founding Myth of Brazil; to investigate the relationship between Guimarães Rosa and his work with the thinkers of the Grupo Filosofia Portuguesa; study the work of Guimarães Rosa in the context of the formation of the Lusophone community, based on its spiritual and cultural links.

Keywords: Guimarães Rosa; *Grande Sertão-Veredas*; Founding Myth of Brazil; interpretation of Brazil; national identity; Communication

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa do livro A procura da Verdade Oculta.....	19
Imagem 2 - Retrato do padre António Vieira. Portugal	20
Imagem 3 - Pintura O Milagre de Ourique de Domingues Sequeira (1793).....	23
Imagem 4 - Retrato de D. Dinis e de D. Isabel da Sala dos Capelos, Universidade de Coimbra	25
Imagem 5 - Painéis de São Vicente de Fora, o homem de chapelão no terceiro quadro (da esquerda para a direita) é identificado como o Infante D. Henrique.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Contextualização da pesquisa	10
1.2. Objetivo geral e objetivos específicos	14
1.3. A metodologia.....	14
1.4. Estrutura da dissertação	15
2. IMAGINÁRIO ESOTÉRICO E MITO FUNDADOR DO BRASIL	18
2.1. Coração do Mundo, Pátria do Evangelho.....	18
2.2. Portugal esotérico	19
2.3. A narrativa dos dois lados do Mar Oceano	26
2.4. Agostinho da Silva	31
2.5. Mito fundador do Brasil.....	32
2.6. Da nonada ao infinito	39
3. ALGUMAS IDEIAS SOBRE O PENSAMENTO MÁGICO	41
3.1. O novo paradigma do conhecimento	42
3.2. A razão sensível.....	45
4. O BRASIL EM <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i>	50
4.1. Tecendo uma interpretação sobre o Brasil	51
4.2. Aproximações da interpretação de Rosa sobre o Brasil	56
5. UM MITO FUNDADOR EM CRISE	77
5.1. Outra perspectiva sobre o Mito Fundador do Brasil.....	81
5.2. Aproximações de GSV do Mito Fundador do Brasil.....	84
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	99

1. INTRODUÇÃO

A brasilidade é uma construção cultural que permite nos identificarmos como nação. É a partir da narrativa construída ao longo do tempo e por meio da transmissão de hábitos, costumes e tradições que podemos nos definir como brasileiros. Stuart Hall afirma que uma nação “[...] não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (2006, p. 49).

Um dos elementos primordiais na elaboração de um sistema cultural identitário é o mito fundador. Esse princípio é um dos catalisadores das múltiplas manifestações culturais e permite estabelecer marcos referenciais aglutinadores e mobilizadores do esforço comum.

O mito transcende os limites geracionais e perpetua-se.

[...] exemplo da narrativa da cultura nacional é a do mito fundacional: uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’. (Ibid., p. 54)

É a imaginação que pode constituir de fato uma nação, assim como diferenciar uma nação de outra. Como propõe Castoriadis, o imaginário tem o poder de criar a realidade das sociedades (PIMENTEL NETO, 2006, p. 13).

A instituição da sociedade é toda vez a instituição de um magma de significações imaginárias sociais, que podemos e devemos denominar um mundo de significações.

[...] O que unifica uma sociedade é uma unidade de seu mundo de significações. O que permite pensá-la em sua asseidade, como esta sociedade e não outra, é a particularidade ou a especificidade de seu mundo de significações enquanto instituição deste magma de significações imaginárias sociais, organizado assim e não diferentemente. (CASTORIADIS, 1982, p. 404)

No século XX, o mito passou a ser aceito por pesquisadores como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 1963, p. 9), e não mais tratado de forma reducionista, como mera crendice sem valor para o edifício da civilização humana. Assim, justifica-se buscar compreender como a criação artística tem retirado do próprio universo mítico substância para ressignificar e comunicar o mito ao mundo contemporâneo.

O fenômeno artístico é, por natureza, simbólico e “os símbolos são a base que constitui o mito” (GARCEZ, 2008, p. 88-89), mas aqui trata-se do símbolo da hermenêutica que nos remete ao transcendental, que não é nem restrito nem restringível ao racional. Tanto

a arte quanto o mito não constituem uma experiência egocêntrica, porque exigem a presença do outro para se manifestarem.

Nesse ponto, pela necessidade da relação com o outro, observa-se o imbricamento entre comunicação e transcendência apresentando à comunicação o desafio de ultrapassar o “conjunto de suas habilidades técnicas, analíticas, históricas, ideológicas e políticas” (CASTRO, 2013, p. 20), que a caracterizaram no contexto do paradigma racionalista-mecanicista dominante no século XX. Será preciso compreendê-la, agora, “como o grande polo gestor ou catalisador de energias dinâmicas que põem em interação uma cadeia de novas interações humanas e não humanas” (Ibid.).

1.1. Contextualização da pesquisa

Por ocasião das comemorações dos 500 anos do descobrimento ou da invasão do Brasil, dentre os diversos debates públicos sobre o tema, a professora Marilena Chauí lançou um repto para a discussão em torno do Mito Fundador brasileiro, que, segundo ela, seria um elemento estruturante do autoritarismo de nossa sociedade.

Quando a conversa trata de brasilidade, a obra de Guimarães Rosa assoma à lembrança. *Grande Sertão: Veredas* emerge, à primeira vista, como registro profundo e amplo do espaço do sertanejo. Porém, como afirma CASTRO (2017), a imaginação de Rosa extai da matriz regional, os grandes temas do drama humano, e, por certo, também, com a sua estética da mistura e simbologia esotérica, apresenta uma interpretação de Brasil.

O presente trabalho pretendeu investigar se as aparições e os imaginários esotéricos que compõem o Mito Fundador do Brasil estão presentes na obra síntese de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

No percurso, em busca da resposta, foi preciso verificar se os elementos simbólicos construídos desde o século XII em Portugal ressoam no interior de Minas Gerais e na obra do escritor mineiro no século XX.

Dentre os poucos estudos entrelaçando Guimarães Rosa e Portugal, o de Lages indica que o escritor fez uma “apropriação oblíqua desse grande mito da tradição portuguesa que é a saudade, trazendo-o para dentro de sua própria definição de uma identidade brasileira, como algo de fundamentalmente ambivalente” (2006, p. 489). Para ela, pensar Guimarães Rosa e Portugal juntos é, no fundo, uma maneira de pensar a Europa:

[...] pensar numa Europa de Guimarães Rosa significa necessariamente pensar num outro mapa, recortado pelas referências da cultura europeia assim como elas foram absorvidas pelo leitor Guimarães Rosa e reconstruídas intertextualmente no desenho de sua escrita, e em permanente diálogo com elementos da cultura não-européia (índigena, afro-americana, asiática); a reflexão de Guimarães Rosa sobre a Europa passa sempre pelo crivo da literatura enquanto rede intertextual e inter-cultural. Guimarães Rosa era particularmente sensível à forma com que os dados culturais penetram na(s) língua (s) e propunha uma compreensão do Brasil e da literatura brasileira que passasse por uma dupla determinação: pela reflexão crítica sobre a língua vernácula, o português do Brasil, e por uma visão do outro, do estrangeiro ('Eu gosto muito de estrangeiro') (LAGES, 2006, p. 489)

Portugal, por exemplo, se situa no ponto das ambiguidades, tão próxima ao estilo e o pensamento de JGR:

[...] nossa relação presente com a cultura portuguesa, com a qual temos tanto em comum no passado e tão pouco diálogo no presente, como enfatizou há pouco tempo Boaventura de Sousa Santos em entrevista ao Jornal do Brasil. Portugal para o Brasil ocupa o ambíguo lugar de pai, mãe e irmão. Essa ambiguidade em situar as nossas relações de parentesco com Portugal, ou nosso 'romance familiar' aponta para uma intensificação dos sentimentos ambivalentes (de amor e ódio) presentes em qualquer relação de caráter cultural entre povos ou nações. (LAGES, 2006, p. 490)

A apropriação da ideia de saudade, que tem no imaginário lusitano e na sua filosofia a conotação de reconquista do Paraíso Perdido e de retorno à Casa do Pai, associada a uma visão diferenciada da Europa, compreendida como uma cultura a ser amalgamada por outras nos ares da encruzilhada do Novo Mundo, após o que, se abririam perspectivas de uma convivência ecumênica de todos os povos e culturas em um mesmo espaço. São pistas de que, na narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, o Mito Fundador do Brasil poderá ser encontrado.

Se há na obra de Rosa uma concepção de identidade nacional, a que se buscar saber se ele realiza, a partir do simbolismo esotérico, uma leitura que exara uma interpretação do Brasil.

Entendo o imaginário, nesta dissertação, como campo da problematização da relação crítica com as imagens de *Grande Sertão: Veredas*. O Brasil é a noção que abriga as minhas preocupações. João Guimarães Rosa é compreendido como um narrador midiático e literário, por isso, este estudo não deixa de ser uma forma de retrabalhar uma velha história de Brasil.

Entre o acontecer e o narrar existe um jogo complexo de possibilidades, interpretações e conclusões. Pode-se, também, chamar esse duplo sentido de abertura, no sentido de uma narrativa aberta, capaz de acolher. É possível compreender, assim, que o imaginário trabalha sempre no nível do re-ver, do lembrar e do re-contar. (CASTRO, 2017, p. 96)

Desejo tratar o texto *Grande Sertão: Veredas* considerando-o a partir do ponto de vista proposto pelo professor Gustavo de Castro (2017), ou seja, como resultado de uma relação *mediúnica de possessão* entre autor e personagem. Relação que se dá, segundo Morin, no autêntico processo literário, no qual acontece um duplo movimento estético de projeção e identificação entre criador e obra.

Entre a criação romanesca de um lado e a evocação dos espíritos por um feiticeiro ou um médium, de outro lado, os processos mentais são, até um certo grau, análogos. O romancista se projeta em seus heróis, como um espírito *vodu* que habita seus personagens, e inversamente, escreve sob seu ditado, como um médium possuído pelos espíritos (as personagens) que invocou. (...) Esse universo imaginário adquire vida para o leitor se este é, por sua vez, possuído e médium, isto é, se ele se projeta e se identifica com os personagens em situação, se ele vive neles e se eles vivem nele. (MORIN *apud* CASTRO, 2017, p.96)

O processo *mediúnico-psicográfico*, nos termos acima definido, foi testemunhado por amigos íntimos de Rosa, como Franklin de Oliveira¹ e Paulo Rónai², pois a primeira

¹ Franklin de Oliveira (1916-2000), jornalista e crítico literário. Foi editorialista e crítico literário do jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro, em 1956. Em 1960 transferiu-se para Porto Alegre, onde foi secretário-geral do Conselho de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Sul, no governo Leonel Brizola (1958-1961). Posteriormente atuou como delegado desse estado junto ao Banco de Desenvolvimento Regional do Extremo Sul. Exerceu importantes funções administrativas na Petrobrás quando, após o movimento político-militar de março de 1964, teve seus direitos políticos suspensos pelo Ato Institucional nº 1. Retornou então ao jornalismo. Membro da Academia Maranhense de Letras, recebeu os prêmios Golfinho de Ouro de Literatura, em 1978, atribuído pelo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, e Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1982, pelo conjunto da obra. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/Texto%20sobre%20Franklin%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 15 de fev. 2020.

² Um dos mais importantes estudiosos críticos da obra de Guimarães Rosa, “Paulo Rónai (1907 - 1992) foi ensaísta, tradutor, linguista e professor. Filho de um livreiro, com 19 anos já traduz poetas latinos para revistas. Em 1929, termina o doutorado e começa a publicar textos de crítica literária. Lança, em 1939, uma coletânea de poetas brasileiros, traduzidos por ele mesmo. No mesmo ano, por ter ascendência judaica, é enviado a um campo de trabalhos forçados. Em 1941, no entanto, por meio de contatos com intelectuais brasileiros, consegue refúgio no Rio de Janeiro. Logo no início de sua estadia, conhece Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989), amizade que rende, mais tarde, a coletânea Mar de Histórias: Antologia do Conto Mundial, publicada em dez volumes. [...] No Brasil, além de escrever textos para periódicos cariocas, passa a lecionar latim e francês e se empenha em trabalhos de tradução: coordena, a partir de 1945, a edição brasileira dos 89 títulos da Comédia Humana, de Balzac, publica a Antologia do Conto Húngaro (1957), e, mais tarde, traduz o romance Os Meninos da Rua Paulo (1971), de Ferénc Molnar. Seu compromisso com a tradução leva-o a fundar, em 1974, a Associação Brasileira de Tradutores. Em 1981, recebe o Prêmio Trienal Nath Horst da Federação Internacional de Tradutores, um dos mais importantes da área. Falece em 1992 e, três anos depois, é homenageado pela

versão de *Grande Sertão: Veredas* foi escrita de um só folego e resultou em 395 páginas, sem antes haver nenhum outro esboço produzido.

Na versão corrente da gênese de GSV, parece haver consenso de que o livro nasceu enquanto Rosa escrevia um conto do livro *Corpo de Baile*, no qual estava trabalhando havia meses. E o conto foi crescendo. Cresceu até alcançar 395 páginas. O primeiro rascunho foi produzido entre julho de 1953 e fevereiro de 1954. De dentro de *Corpo de Baile* nasceu GSV. Uma coisa dentro da outra. (CASTRO, 2017, p.99)

É levando em consideração este processo *medianímico* entre autor e seus personagens que abordarei alguns aspectos das imagens e do imaginário em *Grande Sertão: Veredas* e sua relação com o Mito Fundador do Brasil.

A abordagem levará em conta que Guimarães Rosa é um pensador da comunicação e da linguagem, cuja obra literária especializou-se na crítica da estética e da ordem socioliterária, a partir da problematização do entremeio, ou seja, dos espaços que ficam entre coisas, da “terceira margem”.

O livro é um monólogo de dupla perspectiva: o narrador é também personagem; o jagunço é também professor, aquele que conta o que viveu, assim como viveu o que conta. Riobaldo produz, além de narração, reflexão, elabora, lança imagens, qual um filósofo selvagem. A estrutura de GSV é também dual: um texto escrito com características de oralidade que utiliza certa erudição, mas que é popular; o narrador tem momentos de lucidez filosófica e de loucura desvairada. Sua sexualidade tem contornos bissexuais; o narrador está próximo e distante do homem sertanejo; sua concepção metafísica une espiritismo popular com as ideias do budismo e de Heráclito. (CASTRO, 2017, p. 100-101)

Assim na margem da ambiguidade entre as imagens espelhadas do romance: história e imaginação, pretende-se, com o auxílio do conceito hermético de correspondência entre o que está em cima (espiritual) e o que está em baixo (material), conhecer uma imagem síntese de nação.

No entanto, à forma de um sistema aberto, esta imagem visualizada produzirá sempre novas dualidades e sínteses *ad infinitum*, como na narrativa de Riobaldo.

A importância da noção espacial do Aberto e do imaginário de caminho, está clara até mesmo no título, que evoca a palavra “sertão”, não um sertão qualquer, mas o círculo mais vasto, a abertura do Aberto, acolhedora do imponderável “Grande”.

Fundação Biblioteca Nacional, que passa a conceder a tradutores brasileiros o Prêmio Paulo Rónai. (Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2286/paulo-ronai>. Acesso em: 15 de fev. 2020).

Além disso, muito se poderia falar sobre o imaginário das “veredas”, sendas, estradas, vias, trilhas percursos, fluxos etc. Uma dessas veredas abertas está na relação projeção/identificação Rosa-Riobaldo, que é a mesma de um feiticeiro batizando e dando vida a seu *vodu*. (CASTRO, 2017, p. 98).

1.2. Objetivo geral e objetivos específicos

Considerando a relevância do mito fundador como elemento primordial na elaboração de um sistema cultural identitário nacional, o objetivo geral deste trabalho é o de analisar se o Mito Fundador do Brasil está presente em *Grande Sertão: Veredas*.

Com esta finalidade, pretendo cumprir os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar se há elementos do imaginário criado desde Portugal no século XII na narrativa do GSV;
- b) esclarecer a forma pensamento adotada por Guimarães Rosa na criação do romance e seu pertencimento ao novo-paradigma do conhecimento;
- c) analisar se das aparições e o imaginário de GSV emanam uma interpretação do Brasil;
- d) descrever aspectos da crise do Mito Fundador desencadeada a partir das comemorações do V Centenário da descoberta ou invasão do Brasil;
- e) avaliar se *Grande Sertão: Veredas* ressignifica e atualiza o Mito Fundador do Brasil para comunicá-lo ao mundo contemporâneo.

1.3. A metodologia

A metodologia empregada nesta pesquisa é eminentemente bibliográfica, analítica e interpretativa. O processo teve início com uma leitura contemplativa e aprofundada de *Grande Sertão: Veredas*, a fim de identificar no texto a presença do Mito Fundador em uma possível interpretação coordenada do Brasil.

Gradativamente, fui montando uma matriz de análise, considerando o enquadramento das imagens construídas pelo texto em duas grandes categorias: Espiritualidade Esotérica e Pensamento sobre o Brasil, a fim de observar os seus pontos de aproximação e distanciamento.

Paralelamente fiz um levantamento bibliográfico balizado pelos livros *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de Humberto de Campos e Chico Xavier (2018); *Os painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil*, de Conceição Silva (1997); *Agostinho da Silva: condições e missão da comunidade luso-brasileira*, organizado por Henryk Siewiersky (2009); e *Mitologia do Kaos*, de Jorge Mautner (2002). O objetivo foi de compreender o pensamento esotérico contido no Mito Fundador do Brasil. Da mesma forma, procurei esquadrihar os livros *O Brasil*, de Rosa de Luiz Roncari (2004); *JGR Metafísica do Grande Sertão*, de Francis Utéza (2016); e *grandesertão.br*, de Willi Bolle (2004) à luz do tema em discussão.

Realizei leitura analítica do ensaio *Brasil, Mito fundador e sociedade autoritária* com a finalidade de conhecer a decodificação da estrutura do Mito Fundador, realizada pela professora Marilena Chauí (2000). Persegui ainda o intento de entender a argumentação da autora a respeito das consequências desse imaginário multissecular em nossa sociedade.

Em seguida, fiz o relacionamento do conteúdo reunido de GSV com o dos demais textos esquadrihados para produzir uma interpretação pertinente aos objetivos do presente trabalho. Cujas linhas de reflexão foram de verificar se o texto de Guimarães Rosa produzia uma interpretação de Brasil, e se a interpretação permite constatar que o Mito Fundador do Brasil está presente em *Grande Sertão: Veredas*.

1.4. Estrutura da dissertação

Para dar cumprimento aos objetivos específicos e alcançar o objetivo geral, organizei o trabalho em quatro capítulos seguidos de um relato das conclusões obtidas.

No primeiro capítulo, apresento que o imaginário de nossa nação começa a ser elaborado muito antes da revelação feita pelos navegadores portugueses, sua gênese está no nascedouro do projeto Templário de encontrar o Santo Graal. É alimentado pela teologia herética de Joaquim de Fiore e pela confraria *Fidelle D'Amore*, que encontram na Rainha Santa Isabel e em D. Dinis seus continuadores.

O percurso da formação das imagens esotéricas de Brasil passa pelos anúncios feitos pelo profeta popular Bandarra e pela douta reflexão do padre António Vieira, com a sua *História do Futuro* a anunciar o Quinto Império.

Dos dois lados do oceano o caleidoscópio do imaginário do Mito Fundador do Brasil adquire densidade e complexidade. Em Portugal, isso se dá, com o movimento Renascença Portuguesa e com o Grupo de Filosofia Portuguesa. Destacando-se nesta pesquisa as obras de Fernando Pessoa e Agostinho da Silva.

No Brasil, é possível observar a contribuição do espiritismo, especialmente, com o livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, obra de Humberto de Campos psicografada por Chico Xavier. Mais recentemente, Jorge Mautner contribuiu com esse imaginário, a partir de seus conceitos de amálgama Brasil e de brasilificação do Mundo.

São apresentadas aproximações que evidenciarão o possível pertencimento de *Grande Sertão: Veredas* como repositório do Mito Fundador e também se indicam possíveis conexões de Guimarães Rosa com intelectuais portugueses que trabalharam o tema.

No segundo capítulo procuro reconstituir a trajetória, segundo a qual, se pode compreender como o pensamento mágico de Guimarães Rosa está perfilhado ao novo paradigma do conhecimento. Busca-se demonstrar como a sua recusa em se submeter à megera cartesiana estava alinhada com o espírito renovador do seu tempo, que veio demonstrar a necessidade de reconhecer os limites do paradigma reducionista-mecanicista sustentado em Descartes e Newton e a necessidade de recepcionar novamente o encantamento, o metafísico e o transcendente na formulação do saber.

Indico ali, ainda, caminhos da metodologia utilizada nesta pesquisa, ao ponderar a respeito da necessidade de lançar mão da fenomenologia, por meio da razão sensível de Maffesoli, para pesquisar a obra de Guimarães Rosa. Pois, conforme constata Mautner, as *Veredas do Grande Sertão*:

são as sendas perdidas de Heidegger, agora com mais profundidade e relevância. A sabedoria infinita do povo brasileiro, frases de moradores de nosso sertão e veredas são sabedorias taoístas mineiras, vislumbres da mais profunda fenomenologia escritos em um novo português. (MAUTNER,2018)

O terceiro capítulo é dedicado a enxergar, nas imagens do GSV, uma interpretação rosiana de Brasil. Busco entender o significado registrado de forma sintética em cada quadro da narrativa escolhida, que possa compor um entendimento geral a respeito dos aspectos históricos, políticos e sociais do povo brasileiro. Nesse esforço, além da contemplação

perlustrativa da narração de Riobaldo, lanço mão dos estudos de Roncari, Utéza e Bolle para validar a compreensão de que o livro se insere entre os compêndios que tratam de pensar a nação, suas origens e seu futuro.

O quarto capítulo traz uma descrição de aspectos da crise desencadeada a partir das comemorações dos quinhentos anos da descoberta ou invasão do Brasil. Ali apresento a crítica feita pela professora Marilena Chauí ao Mito Fundador do Brasil, por favorecer o fortalecimento de uma matriz autoritária da sociedade brasileira, seja nas classes dominantes, seja nas classes populares. Alinho, em contraponto, argumentos retirados de *Grande Sertão: Veredas* que possibilitam fazer uma ressignificação do Mito que, sem alienação histórico-político-social, revela um processo civilizatório ecumênico-esotérico para o Brasil.

Por último, são apresentadas as conclusões obtidas: foi possível verificar que há, em GSV, elementos do imaginário desenvolvido em Portugal a partir do século XII e que compõem o Mito Fundador do Brasil; o pensamento mágico, adotado por Guimarães na elaboração da obra, está conectado com o novo paradigma do conhecimento; ao analisar as aparições e o imaginário de GSV encontra-se uma interpretação original do Brasil; ao descrever a crise do Mito Fundador do Brasil desencadeada durante as comemorações do V Centenário da descoberta ou invasão do Brasil, observa-se que há o pertencimento de GSV à tradição do Mito Fundador, sendo possível dizer que Guimarães Rosa ressignificou e atualizou o mito para comunicá-lo à sociedade contemporânea de forma a perenizá-lo junto às novas gerações.

A título de indicativos para o desenvolvimento de novas pesquisas enumerei a relevância de desenvolver aprofundadamente a temática do mal, do negativo e do diabo, presentes em GSV, no contexto do Mito Fundador do Brasil. Outra vereda promissora para a investigação, me parece ser a realização de uma análise da interpretação de Brasil, contida em *Grande Sertão: Veredas*, a partir dos elementos que compõe o Mito Fundador brasileiro. Nesse sentido, será relevante investigar, a relação de Guimarães Rosa e de seu romance, com os pensadores da Filosofia Portuguesa e com suas obras. Parece também promissor, investigar, a obra de Guimarães Rosa no contexto da lusofonia, considerando os liames espirituais e esotéricos dos povos falantes da Língua Portuguesa. Especialmente, sob o viés da construção ecumênica de uma comunidade lusófona, tanto do ponto de vista espiritual quanto cultural.

2. IMAGINÁRIO ESOTÉRICO E MITO FUNDADOR DO BRASIL

2.1. Coração do Mundo, Pátria do Evangelho

Desde menino, observando as rodas de conversa da casa de minha avó, ouvia coisas que entrelaçavam o mundo dos espíritos e o destino das pessoas. Tudo se comunicava: a transcendência e a imanência, a mão divina e o destino dos homens. Havia no relato do dia a dia e, também, das coisas da história do Brasil uma relação entre o visível e o invisível. Um diálogo que nunca cessava, nem cessaria até o tempo de cumprir o destino de cada um e de todos os brasileiros.

Na adolescência, nas letras grafadas pelas mãos de Chico Xavier, conheci a ideia de um Brasil coração do mundo, pátria do evangelho³. O livro era apresentado como resultado de uma investigação realizada no mundo dos espíritos pelo jornalista e cronista maranhense Humberto de Campos⁴.

O trabalho foi publicado quatro anos após a sua morte, provocou grande polêmica e disputa por direitos autorais. Naquela altura, o escritor e crítico literário Agripino Grieco declarou sobre a produção de Humberto de Campos pela mediunidade de Chico Xavier:

Como literato há 30 anos, que estuda a mecânica dos estilos, a sensação instantânea que tive foi de percorrer um manuscrito inédito retirado do espólio do memorialista glorioso. (GRIECO *apud* TIMPONI, 1978, p. 67)

A obra seria uma grande reportagem realizada no plano extra físico, na qual o repórter acessou fontes e documentos por meio dos quais se tornou possível contribuir com a “elucidação da história da civilização brasileira em sua marcha através dos tempos” (CAMPOS; XAVIER, 2011, p. 8).

As informações do livro foram colhidas das tradições conservadas por falanges espirituais⁵ que preservam e comunicam as informações sobre a origem e a missão do povo

³ O *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* é um livro de autoria atribuída ao cronista maranhense Humberto de Campos (1886-1934), que ocupou a cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras. Trata-se de uma psicografia do médium espírita Francisco Cândido Xavier (1910-2002), publicada em 1938. O volume continua a ser reeditado sucessivamente pela Federação Espírita Brasileira até os dias de hoje.

⁴ Em 1938, Guimarães Rosa, com o seu primeiro livro *Contos* ficou em segundo lugar no Prêmio Humberto de Campos promovido pela José Olympio Editora, segundo relato de Marques Rebelo e Graciliano Ramos a decisão precisou de voto de desempate de Peregrino Júnior (SALLA; MILANO, 2017, p. 77-78).

⁵ De acordo com o Dicionário Michaelis, falange espiritual é um “grupo de entidades que, conforme algumas religiões, como a umbanda ou o espiritismo, por exemplo, atuam dentro de uma mesma linha ou faixa de vibração espiritual” (2020). Dessa forma, espíritos agrupam-se por afinidade para alcançar determinado

brasileiro. O trabalho visava demonstrar que o Brasil iluminaria a humanidade, superando os sectarismos de toda ordem que dividem as pessoas e promovem a discórdia e a violência.

Encontrar esse relato possibilitou-me conhecer a ideia de um Brasil síntese do mundo, explicado pelos gênios do astral como o coração redivivo da humanidade. Minha atenção foi despertada para uma nação profunda. O Brasil são múltiplas camadas das quais tocamos apenas as mais superficiais, dele em si mesmo sabemos quase nada. Por isso, é importante nos apegarmos às veredas que conduzem aos mananciais profundos de água muita, fresca e regenerativa para a essência humana. Assim comecei a penetrar o imaginário fundador da Terra de Santa Cruz.

2.2. Portugal esotérico

Bem mais tarde, mudei-me para Portugal. Na cidade do Porto, em uma manhã de sábado, entrei numa de suas tradicionais livrarias. Ao percorrer as primeiras estantes, minha atenção foi chamada para uma publicação: *A procura da verdade oculta – textos filosóficos e esotéricos* (1989). O prefácio, a organização e as notas eram do professor António Quadros, o autor do conteúdo era Fernando Pessoa.

Imagem 1- Capa do livro *A procura da Verdade Oculta*



Fonte: Página da Bertrand Livreiros de Portugal⁶

objetivo. Existem, dentre outras, as falanges dos médicos ou curadores, dos rezadores, dos raizeiros, dos boiadeiros, dos índios e dos caboclos.

⁶ Disponível em: <https://www.bertrand.pt/livro/a-procura-da-verdade-oculta-fernando-essoa/223601>. Acesso em: 16 fev. 2020.

No Brasil, Pessoa era apresentado como um autor agnóstico, porém ele próprio declarava, nas páginas daquela coletânea, ser médium, em carta destinada à sua tia Anica, adepta do espiritismo:

Aí pelos fins de Março (se não me engano), comecei a ser médium. Imagine! Eu, que [...] era um elemento atrasador nas sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática. [...] Já sei o bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo acordados em mim os sentidos chamados superiores para um fim qualquer. (PESSOA, 1989, p. 140)

Fernando Pessoa⁷ foi estudioso do conhecimento esotérico e gnóstico, traduziu, dentre outros livros ocultistas, *A Voz do Silêncio* de Helena Blavatsky⁸. Em seu espólio, encontra-se também uma significativa produção original sobre o transcendente, composta por poesias, ensaios, reflexões, rituais, contos e psicografias. Nesse campo do conhecimento, uma de suas principais influências foi o padre António Vieira.

Imagem 2 - Retrato do padre António Vieira. Portugal



Fonte: Página do Arquivo Nacional Torre do Tomo⁹

⁷ Fernando Pessoa foi destacado colaborador da Revista *Águia*, órgão de imprensa ligado ao movimento cultural Renascença Portuguesa liderado pelo filósofo português Teixeira de Pascoes e, posteriormente, por Leonardo Coimbra. Posteriormente, após cisão entre os membros do movimento, passou a colaborar com a Revista *Orpheu*. O nacionalismo difundido pela Revista *Águia* pode ser assim resumido: “um nacionalismo lírico espiritualista, neorromântico e providencialista de Teixeira de Pascoes e dos poetas da “Renascença Portuguesa”, Jaime Cortesão, António Correia de Oliveira, Augusto Casimiro, Mário Beirão, retratando um Portugal histórico, tradicional, irmanado na interpretação e consciencialização das constantes da cultura portuguesa e centrado no conhecido aforismo de Pascoes segundo o qual “o futuro de Portugal reside no seu passado”, já a abordagem, que melhor definiria o posicionamento de Pessoa, é o nacionalismo providencialista que está contido em sua obra ocultista e esotérica (REAL, 2011,p.237) Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/288>. Acesso em: 16 fev. 2020.

⁸ Helena Blavatsky (1831-1891) escritora russa, sistematizadora da Teosofia e cofundadora da Sociedade Teosófica. A tradução de *A Voz do Silêncio* para o português foi realizada por Fernando Pessoa em 1916.

⁹ Disponível em: <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/padre-antonio-vieira-nos-carceres-da-inquisicao/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

Vieira escreveu a *História do Futuro*, nela reuniu textos do profeta Daniel combinados com o Apocalipse, atribuído a Jesus pelo apóstolo-evangelista João, e com as Trovas de um profeta popular chamado Bandarra¹⁰. A principal mensagem profética transmitida pela obra é que Portugal corporificaria o Quinto Império.

A ideia central de Quinto Império é encontrada em uma passagem do Antigo Testamento da Bíblia, no livro do profeta Daniel. O poderoso rei da Babilônia, Nabucodonosor¹¹, teve um sonho e lançou um desafio inédito aos sábios de sua corte. Eles deveriam descrever o sonho real e apresentar a devida interpretação, sem que nenhum relato lhes fosse feito.

Todos os notáveis magos, astrólogos, encantadores e caldeus já estavam entrando em desespero, pois o monarca havia prometido despedaçá-los por falsidade e engano, caso não conseguissem narrar o que se passara em sonho de forma a dar credibilidade à interpretação, quando o profeta Daniel se apresentou para deslindar o mistério.

Daniel descreve uma estátua gigantesca cuja cabeça de ouro representava a Babilônia e as demais partes do corpo representavam reinos futuros que a sucederiam. Todos esses impérios seriam destruídos até que um seria instalado para sempre:

Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu **suscitará um reino que não será jamais destruído**; nem passará a soberania deste reino a outro povo; mas esmiuçarà e consumirá todos esses reinos, e subsistirá para sempre.

Porquanto viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro, o grande Deus faz saber ao rei o que há de suceder no futuro. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação. (BÍBLIA, Daniel, 2, 31- 45, grifo nosso)

Na opinião de Vieira, os impérios que foram destruídos correspondem ao assírio, ao persa, ao grego e ao romano. Portugal seria o Quinto Império que encherá toda a Terra, surgido de uma pedra que é cortada sem o auxílio de mãos humanas, portanto, de maneira

¹⁰ António Gonçalves Annes Bandarra (1500–1556) sapateiro e profeta popular português, nasceu na aldeia de Troncoso. Conhecedor do Velho Testamento da Bíblia divulgava interpretações dos textos em forma de trovas, por essa razão foi inquirido no Tribunal do Santo Ofício. Influenciou o pensamento sebastianista e messiânico de António Vieira e Fernando Pessoa. As suas trovas tratam do Quinto Império, da volta de D. Sebastião e do destino de Portugal.

¹¹ Nabucodonosor (634-562 a.C.) governou o império babilônico por quarenta e três anos, foi o principal responsável pelo esplendor da cidade de Babilônia. Conquistou Judá, destruiu Jerusalém e levou cativos os judeus para servir em seu reino.

espiritual. Esse projeto profético e poético é abraçado por Fernando Pessoa. A tarefa de harmonização universal, que cabe ao povo lusitano, é narrada em seu livro *Mensagem* (2006), porém ele próprio reclama que depois de tanto esforço em dar novos mundos ao mundo, ainda, faltou cumprir-se Portugal¹²:

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português,
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal (PESSOA, 2006, p. 60).

Nessa concepção, a missão espiritual portuguesa vinha sendo preparada desde há muito tempo. O fundador de Portugal, D. Afonso Henriques, foi instruído por São Hugo de Cluny e São Bernardo de Claraval, de quem era parente, para proteger o Santo Graal, conforme registra o professor Conceição Silva (1997, p. 115).

É relevante lembrar que foi durante a administração de São Hugo que, a partir da abadia de Cluny¹³, propagaram-se por toda a Europa os romances sobre o Santo Graal, narrando os esforços do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda. É, também, indissociável da trajetória de Portugal destacar que o autor da regra dos Pobres Cavaleiros de Cristo¹⁴ e do Templo de Salomão, os Templários, foi São Bernardo¹⁵.

¹² Poema *O Infante*, da segunda parte do livro *Mensagem* denominada Mar Portuguez.

¹³ A Abadia de Cluny foi edificada na Borgonha, abrigava a Ordem Beneditina de Cluny que observava com esmerado cuidado a Regra de São Bento sintetizada no lema *Ora et Labora*. O seu apogeu foi alcançado quando foi seu prior D. Hugo I, irmão de Henrique da Borgonha, Conde de Portugal. Desse lugar partiu um movimento de reforma do cristianismo visando, pela prática da virtude cristã, reviver os áureos tempos dos apóstolos de Jesus.

¹⁴ A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão ficou conhecida como a Ordem dos Templários. Nascida para proteger os peregrinos à Terra Santa, tornou-se a mais poderosa instituição religiosa de sua época. Os templários estão na origem de Portugal, por lutarem ao lado de D. Afonso Henriques, filho de D. Henrique da Borgonha, para conquistar o território que estava sob o domínio mouro.

¹⁵ Bernardo de Claraval, primo do Conde D. Henrique, uma personalidade muito influente em seu tempo, sendo um dos principais responsáveis pela reforma empreendida na Ordem Beneditina que deu origem à Ordem de

Os nove primeiros monges cavaleiros realizaram escavações nas ruínas do templo do Rei Salomão, onde teriam encontrado grande tesouro que traria riqueza e poder à nascedoura Ordem, o que, no imaginário popular, tratava-se do Graal (SILVA, 1997).

Imagem 3 - Pintura O Milagre de Ourique de Domingues Sequeira (1793)



Fonte: Página do jornal Mundo Português¹⁶

D. Afonso Henriques é o fundador de um país Templário, cuja primeira capital foi Guimarães, e o acontecimento fundacional é o milagre ocorrido na Batalha de Ourique. Naquela ocasião, o exército lusitano estava em grande desvantagem numérica frente ao exército mulçumano. Às vésperas do embate, Jesus teria aparecido ao comandante das forças lusas e anunciado:

Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e impérios, e quero em ti e teus descendentes **fundar para mim um império**, por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais estranhas. E comporás o escudo de tuas armas do preço com que Eu remi o gênero humano, e daquele por que fui comprado dos judeus, e ser-me-á reino santificado, puro na Fé e amado por minha piedade[...]. Não se apartará deles nem de ti nunca minha misericórdia, porque por sua via **tenho aparelhadas grandes searas e a eles escolhidos por meus segadores em terras muito remotas.** (CASTRO, 1786, p. 56, grifos nossos)

Ao vencer a batalha, D. Afonso Henriques passa a ser chamado de rei, consolida a independência do Condado Portucalense, destinado a proteger o Santo Graal segundo aprendera de seus parentes São Hugo e São Bernardo. Mais tarde, D. Dinis I irá preservar a

Cister. Foi o autor da Regra da Ordem dos Templários e responsável por seu reconhecimento pela Igreja no Concílio de Troyes.

¹⁶ Disponível em: <https://www.mundoportugues.pt/camara-de-castro-verde-comemora-880-anos-da-batalha-de-ourique/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

missão portuguesa, salvando a Ordem dos Templários da destruição tramada pela conjuração entre o Rei Felipe IV, o Belo, da França e o Papa Clemente V.

Para apoderar-se das riquezas da Ordem do Templo, Felipe consegue autorização papal para prender todos os templários, aos quais devia vultosas somas de dinheiro tomado por empréstimo. Astuciosamente, encaminhou cartas por toda a França nas quais ordenava aos seus comandantes de confiança que se preparassem em segredo para agir. Foi assim que, na sangrenta sexta-feira 13 de outubro de 1307, estima-se que tenham sido presos quinze mil monges, seguiram-se sete anos de torturas que culminaram com a morte na fogueira do Grão-Mestre Jaques De Molay (READ, 2001).

O assassinato do líder templário contribuiu para aumentar a mística em torno daquela comunidade. Diante da fogueira na qual seria executado, De Molay desafiou o Rei e o Papa a apresentarem-se com ele para serem julgados por Deus. Um mês depois morreu Clemente V, passados oito meses Felipe, o Belo, deixou este mundo.

Durante todo o período de perseguição, D. Dinis não cedeu à pressão papal. Ao contrário, transformou a Ordem dos Templários na Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, conservou intacta a regra que fora elaborada por São Bernardo, os hábitos dos monges e a sua insígnia. Chamada comumente Ordem de Cristo, abrigou todos os Cavaleiros do Templo que estavam em solo português, preservando-lhes o patrimônio e a sede no Castelo de Tomar.

D. Dinis, criador da primeira Universidade em Portugal, inicialmente estabelecida em Lisboa e depois definitivamente construída em Coimbra, foi trovador pertencente à corrente esotérica dos *Fidelle D'Amore* (Amor Verdadeiro), uma confraria de livres pensadores, escritores e artistas que se opunham à religião institucionalizada de Roma e abraçavam uma espiritualidade livre.

O monarca também ficou conhecido como o rei Lavrador, pois mandara cultivar o simbólico pinhal de Leiria, do qual foi retirada a madeira de reconstrução das caravelas e o ânimo para os navegadores seguirem adiante na busca do novo Éden, de onde, pela vez primeira, a luz nasceria do ocidente¹⁷.

¹⁷ Referência ao poema *Ocidente*, que integra o livro *Mensagem* de Fernando Pessoa. Normalmente, entende-se que a luz espiritual vem das tradições nascidas no oriente, porém no texto o poeta anuncia uma nova luz, agora, vinda do ocidente.

Imagem 4 - Retrato de D. Dinis e de D. Isabel da Sala dos Capelos, Universidade de Coimbra



Fonte: Página Anodomdinis¹⁸

O rei recebera forte influência de sua esposa, a rainha Isabel¹⁹, que trouxera da corte de Aragão as ideias do beneditino Joaquim de Fiore²⁰ que lhes foram ensinadas pelo médico e alquimista Arnaldo de Vilanova²¹.

¹⁸ Disponível em: <https://anodomdinis.blogs.sapo.pt/bodas-de-dom-dinis-e-dona-isabel-16354>. Acesso em 16 fev. 2020.

¹⁹ Isabel de Aragão (1271-1336) foi canonizada após sua morte e passou a ser cultuada como Rainha Santa Isabel ou Rainha Santa. A ela são atribuídos acontecimentos miraculosos como o de transformar pães em rosas. De acordo com a tradição contada em Portugal, a rainha era habituada a distribuir pessoalmente pães à população pobre de Leiria, atitude que não contava com a aprovação do seu marido. Certa ocasião, quando se encaminhava para fazer suas doações, foi surpreendida por D. Dinis que indagou a respeito do que ela levava no regaço do vestido. Isabel respondeu que carregava consigo rosas. O rei desconfiado pediu para olhar, a rainha ao descobrir o que ocultava revelou exemplares maravilhosos daquela flor, especialmente, aromáticos.

²⁰ Joaquim de Fiore (1135–1202) monge e abade da Ordem de Cister, aparece na *Divina Comédia* de Dante Alighieri como o calabrês abade Joaquim, dotado de espírito profético. Foi autorizado por três Papas a utilizar o seu dom de profecia para fazer a interpretação das Escrituras Sagradas, porém após a sua morte teve sua obra condenada por heresia pela Igreja. Ele dividiu profeticamente a história em Três Idades, a primeira do Pai, assinalada pela obediência servil; a segunda, a Idade do Filho, marcada pela obediência filial; e, a terceira, seria a do Espírito Santo, na qual existiria a liberdade espiritual plena. As suas ideias influenciaram fortemente os franciscanos, que identificaram em São Francisco de Assis o primeiro personagem das gerações que se sucederiam para consolidar a Terceira Idade, a do Evangelho Eterno, aquele não é escrito, porém soprado pelo Espírito.

²¹ Arnaldo de Vilanova (1230–1311) foi médico, embaixador, alquimista, astrólogo e teólogo. Notabilizou-se pela excelência de sua prática médica e por defender uma filosofia contrária ao pensamento escolástico. Tratou

As ideias de Joaquim de Fiore tratam das Três Idades: a Idade do Pai, a Idade do Filho e a Idade do Espírito Santo, sendo esta última a ser estabelecida pelo labor de Portugal. O Espírito Santo, nessa concepção, não é apenas a terceira pessoa da Santíssima Trindade, mas é o “Espírito Divino Universal presente em todas as religiões e crenças tradicionais” (SILVA, 1997, p. 75).

Com a finalidade de propagar junto ao povo as ideias da Terceira Idade que foram declaradas heréticas por Roma, Isabel instituiu, com o beneplácito de D. Dinis, a Festa do Divino Espírito Santo. A celebração teve início em 1321 no convento dos franciscanos espirituais da cidade de Alenquer sob a inspiração do casal real.

Tanto no Brasil como em Portugal, a festa é rica em simbolismos: um menino é coroado imperador, os pobres são alimentados e os presos libertados. Nela é possível visualizar o Quinto Império: o poder é exercido com a pureza da criança, há justiça social pela solidariedade e a liberdade é fruto da fraternidade.

É possível observar que o surgimento do Quinto Império, a guarda do Santo Graal e o anúncio da chegada da Idade do Espírito Santo plasmaram o imaginário português entre os séculos XIV e XV. Tendo por finalidade materializá-lo, será realizado o incomparável esforço de dar novos mundos ao mundo por meio da era das navegações.

2.3. A narrativa dos dois lados do Mar Oceano

Ao encontrar em Fernando Pessoa uma vereda espiritual, pude desfazer a ideia de um Portugal no qual, exclusivamente, havia uma religiosidade exotérica²² e um materialismo positivista. De fato, existia toda uma tradição de intelectuais que aprofundavam a abordagem do conhecimento esotérico, dentre os quais se destacam Agostinho da Silva, Dalila Lello

de papas e reis, dentre eles, Pedro III, pai de Isabel. Vilanova foi defensor e propagador das ideias de Joaquim de Fiore, tendo influenciado a formação da futura rainha de Portugal e de seu irmão Jaime II de Aragão.

²² A religiosidade exotérica é aquela cujos postulados são divulgados publicamente, normalmente, requer apenas a crença das pessoas que a professam. A religiosidade esotérica se propõe a tratar os assuntos espirituais em profundidade, o que exige robusta formação daqueles que participam de seus círculos ou grupos de estudos.

Pereira da Costa²³ e outros integrantes do Grupo da Filosofia Portuguesa²⁴, tais como António Quadros²⁵, Antônio Braz²⁶, Pinharanda Gomes²⁷, Orlando Vitorino²⁸ e António Telmo²⁹. O Grupo foi criado por Álvaro Ribeiro³⁰ José Marinho³¹ a partir do pensamento

²³ Dalila Lello Pereira da Costa (1918–2012) escritora, ensaísta e poetisa portuguesa, licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas (1944) pela Universidade de Coimbra. Viveu em São Paulo entre 1959 e 1965 e mais tarde na Bélgica, antes de se mudar definitivamente para a sua casa no Porto. Tornou-se na única mulher do Grupo da Filosofia Portuguesa, escola filosófica fundada por Álvaro Ribeiro e José Marinho. Detentora de uma profunda erudição e um vasto conhecimento universal, conjugou as várias linhas da tradição, espiritualidade e cultura portuguesas com as grandes obras de Mircea Eliade, Carl Gustav Jung, René Guénon, Henri Corbin e outros pensadores de renome internacional. A autora lançou a sua primeira obra aos 52 anos, *O esoterismo de Fernando Pessoa* (1971). Colaborou com várias publicações e participou em inúmeros encontros nacionais e internacionais. (Disponível em: <http://plataforma9.com/congressos/Congresso-centenario-nas-cimento-dalila-pereira-da-costa.htm>. Acesso em: 7 nov. 2018)

²⁴ O Grupo da Filosofia Portuguesa organizou-se a partir dos diálogos entre José Marinho e Álvaro Ribeiro, ambos discípulos de Leonardo Coimbra e Teixeira Rego na Faculdade Letras do Porto, fechada pela ditadura de António Salazar em 1932. Álvaro Ribeiro abre o diálogo com o livro *O Problema da Filosofia Portuguesa* (1943), nele expõe os tópicos estruturantes dos debates: “a filosofia como ponto equidistante tanto do positivismo agnóstico como do catolicismo ortodoxo, a filosofia como expressão literária ou linguagem verbal, a filosofia como obra de livre pensamento, – tudo isso sem esquecer que, no seguimento do humanismo criacionista de Leonardo Coimbra, a filosofia não podia deixar de ser, em qualquer situação, uma obra de antropologia”. No dizer de Marinho: “o facto de haver filosofia em Portugal não alterava a forma universal da filosofia, antes contribuía para ela, como, de resto, acontecera antes com a filosofia helénica ou a alemã”. Por volta de 1957, juntam-se aos dois diversos outros pensadores que produzem “o vasto acervo que constitui hoje o património de pensamento escrito da filosofia portuguesa uma parte considerável diz respeito às relações da filosofia com a filologia – vínculo que Álvaro Ribeiro julgava determinante quando se falava de filosofia situada – e com a teoria e a crítica literárias, cujos antecedentes eram, no domínio filosófico, muitíssimo mais do que estimáveis, sobretudo quando pensamos nas, a qualquer título, decisivas obras de Platão, Aristóteles, Kant ou Hegel dedicadas ao assunto”. (Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/filosofia-portuguesa/>. Acesso em: 20 fev. 2020).

²⁵ António Quadros (1923-1993) escritor e filósofo português. Foi diretor de publicações de cultura e filosofia, atuou como crítico literário nos principais jornais e emissoras de rádio de seu país. Na década de 1950, começou a frequentar as tertúlias do Grupo Filosofia Portuguesa promovidas por Álvaro Ribeiro e José Marinho. Como autor, deixou mais de vinte e seis obras, dentre as quais *Portugal, Razão e Mistério* (1986); *Memória das Origens, Saudades do Futuro* (1992), além de ter organizado obras de Mário Sá Carneiro e Fernando Pessoa.

²⁶ Antônio Braz Teixeira (1936) escritor, filósofo e professor universitário. Pertence ao Grupo da Filosofia Portuguesa. Foi secretário de Estado da Cultura de Portugal, diretor do Teatro D. Maria II e presidente da Imprensa Nacional. Autor de vasta obra na qual dedica especial atenção às temáticas filosofia e religião; e filosofia do direito.

²⁷ Jesué Pinharanda Gomes (1939) autodidata, escritor, filósofo e historiador. Recebeu em 2018 o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade da Beira Interior. Integrante do movimento Filosofia Portuguesa, produziu em cinquenta anos trezentos títulos que incluem opúsculos, separatas, dispersos e traduções. Desenvolveu em sua obra temas sobre Filosofia, Pensamento Português, História, Etnografia e Espiritualidade. Traduziu obras de Platão e Descartes. (Disponível em: <http://www.ubi.pt/Noticia/6180>. Acesso em: 8 nov. 2018)

²⁸ Orlando Vitorino (1922-2003) formado pela Universidade de Lisboa em Ciências Histórico-Filosóficas foi discípulo de José Marinho e Álvaro Ribeiro. Publicou, entre outras obras, *Exaltação da Filosofia Derrotada* (1984), *A Fenomenologia do Mal e Outros Ensaios Filosóficos* (2010), *As Teses da Filosofia Portuguesa* (2015).

²⁹ António Telmo (1927-2010) filósofo e escritor, irmão de Orlando Vitorino, formou-se em Filologia Clássica pela Universidade de Lisboa. Foi professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Brasília à convite de Agostinho da Silva. Deixou uma vasta bibliografia, na qual se destacam *Gramática Secreta da Língua Portuguesa* (1981), *Desembarque dos Maniqueus na Ilha de Camões* (1982), *História Secreta de Portugal* (1977), *O Horóscopo de Portugal* (1997).

³⁰ Álvaro Ribeiro (1905-1981) filósofo e escritor, formado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde foi discípulo de Leonardo Coimbra. Criou, com José Marinho, o movimento Filosofia Portuguesa. Foi autor de *O Problema da Filosofia Portuguesa* (1943), *Leonardo Coimbra: apontamentos de biografia e de bibliografia* (1954), *A Razão Animada: sumário de Antropologia* (1957). Traduziu para o português, dentre outras, obras de Kant, Kierkegaard e Nietzsche.

³¹ José Marinho (1904-1975) filósofo e escritor, formado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras do Porto. Ao cursar algumas cadeiras de filosofia torna-se discípulo de Leonardo Coimbra. Por razões políticas é

de Leonardo Coimbra³² e Sampaio Bruno³³. Tendo recebido forte influência de Teixeira de Pascoas³⁴ e Jaime Cortesão³⁵.

A meu ver, a narrativa da presença espiritual na formação do Brasil, surgiu em Humberto de Campos e Chico Xavier. Por exemplo, o período áureo das navegações portuguesas tem início com um diálogo entre Jesus e um espírito chamado Helil:

impedido de dar aulas em instituições públicas. Ocupa-se então em escrever, traduzir e dar aulas particulares. Juntamente com Álvaro Ribeiro cria o Grupo da Filosofia Portuguesa. Entre suas obras publicadas estão *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra* (1945), *Teoria do Ser e da Verdade* (1961), *Elementos para uma antropologia situada* (1966), *Filosofia, Ensino ou Iniciação?* (1972) e, postumamente, *Verdade, Condição e Destino do Pensamento Português Contemporâneo* (1976).

³² Leonardo Coimbra (1883-1936), filósofo, professor e político, foi ministro da Instrução Pública de Portugal e fundador da Faculdade de Letras do Porto. Segundo o autor de *Leonardo Coimbra e a I República* (FAVA, 2008), o pensador foi um ativo pesquisador do Espiritismo, porém como filósofo notabilizou-se por desenvolver o Criacionismo: “uma filosofia da liberdade, radicando nas infinitas capacidades criadoras do pensamento, que dinamicamente se liberta dos determinismos naturais e sociais” (CALAFATE, 2018). Fundou, na cidade do Porto, com Teixeira de Pascoas, Jaime Cortesão e outros intelectuais o movimento cultural Renascença Portuguesa, que procurou organizar universidades populares e criar uma alternativa filosófico-literária, não positivista, para a República recém implantada em Portugal. A Revista *Águia* foi o seu principal veículo de comunicação do movimento, tendo atraído colaboradores como Mário Sá Carneiro e Fernando Pessoa. Como autor, deixou inúmeras outras obras, *Criacionismo – Vol. I e II* (1983) e *A Filosofia de Henri Bergson* (1932).

³³ Sampaio Bruno (1857-1915) filósofo, escritor e político defensor ardoroso da República em Portugal, por essa razão foi exilado. Tendo sido racionalista e positivista na juventude, aos poucos abriu-se “ao mito, à profecia, à revelação, às alucinações auditivas (de que disse ter sido alvo), às sociedades secretas, ao mesmo tempo que expurgou o messianismo do que considerava a sua dimensão acessória para focar no essencial: a redenção do homem e, com ele e através dele, a redenção universal, acabando por nos traçar uma metafísica da redenção que parte do mistério das origens para terminar na redenção não só do homem, pois recusou a perspectiva antropocêntrica de um certo evolucionismo imperante que à luz do seu critério tem por imoral, mas a redenção universal e fraterna de toda a cadeia dos seres, da natureza no seu conjunto, num processo que se lhe apresentava como a revelação sucessiva de fins divinos, rumo à perdida perfeição de um absoluto misteriosamente alterado” (CALAFATE, 2000). Escreveu *O Brasil Mental* (1898), *O Encoberto* (1904) e *A Ideia de Deus* (1902).

³⁴ Teixeira de Pascoas (1877-1952) advogado, poeta e ensaísta. Foi um dos principais teóricos do Saudosismo, movimento literário, religioso e filosófico que se organizou sob a insígnia da Renascença Portuguesa e editou a revista *A Águia*. “O saudosismo acaba por designar o movimento de cunho lusitanista estruturado em torno à questão da saudade portuguesa. Particularmente influenciado pelo momento político que se vivia em Portugal com o advento da República, e condicionado ainda, pela persistente crise que afectava a sociedade e a cultura nacionais, o pensador [...] desenvolve uma particular atenção às características particulares diferenciadoras do ‘gênio lusitano’, considerando a necessidade de preservar a identidade nacional, pela promoção do encontro de Portugal com as suas próprias raízes. O gênio português encontra a sua síntese na saudade lusiada, que, não obstante ser um sentimento cósmico encontra num povo caracteristicamente saudosista a sua expressão mais apurada” (TEIXEIRA, 2000).

³⁵ Jaime Cortesão (1884-1960) médico, político, escritor e historiador. Por opor-se ao fascismo e à ditadura de António Salazar, exilou-se na França e depois no Brasil. Em nosso país foi professor universitário, especializando-se nos Descobrimientos Portugueses, destacou-se como pesquisador da História da formação do Brasil. Depois de retornar à Portugal, foi indicado para concorrer à Presidência da República contra o Estado Novo. Foi um dos intelectuais que deu forma à Renascença Portuguesa, embora perfilhado ao saudosismo de Pascoas, “Cortesão define-se como ‘poeta da ação’ e procura dinamizar no movimento projetos pedagógicos, numa ação idealista, voluntarista, altruísta e educativa, fundando as Universidades Populares e a revista *A Vida Portuguesa*” (TRAVERSA, 2004).

Tu, Helil, te corporificarás na Terra, no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente; instituirás um roteiro de coragem, para que sejam transpostas as imensidades desses oceanos perigosos e solitários, que separam o velho do novo mundo. (CAMPOS; XAVIER, 2011, p. 23)

Nessa narrativa, Helil renascerá como o Infante D. Henrique para ser o Grão-Mestre da Ordem de Cristo, responsável pela expansão marítima por meio da qual a missão ecumênica de Portugal se materializaria.

D. Henrique era, acima de tudo, um místico sinceramente convencido de estar imbuído de uma missão transcendente na terra, para cuja efetivação na prática obrigava ao trabalho hercúleo carregado de perigos, riscos e mistérios a desvendar, das Navegações, para descoberta e unificação de todo o Globo. (SILVA, 1997, p. 61)

Imagem 5 - Painéis de São Vicente de Fora, o homem de chapelão no terceiro quadro (da esquerda para a direita) é identificado como o Infante D. Henrique³⁶



Fonte: Página do Museu Nacional de Arte Antiga de Portugal³⁷

Para Conceição Silva (1997), é difícil explicar do ponto de vista meramente racional a escolha do local para sediar o empreendimento marítimo. O mais razoável seria escolher Lisboa, porém D. Henrique optou pelo Algarve. O investigador identificou entre outros motivos iniciáticos: o fato de ali localizar-se o Promontório Sacro dos Romanos (Promontório de Sagres para os portugueses), o finisterra da antiguidade; a Vila do Infante

³⁶ O políptico, composto por seis quadros, retrata os vários extratos da população portuguesa no período preparatório das descobertas portuguesas, foi pintado por Nuno Gonçalves, provavelmente, em 1470.

³⁷ Disponível em: <http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-portuguesa/paincis-de-sao-vice>. Acesso em: 16 de fev. 2020.

foi erguida naquele lugar sobre as ruínas de um templo de período anterior à invasão romana, na era dos lusitanos; a existência no lugar de uma estrela de sessenta raios da mesma época do templo, e que sempre aparece ligada a lugares sagrados da Península Ibérica, Irlanda e Gália; a proximidade com a povoação e a baía de Lagos, cuja denominação seria uma adulteração da palavra Logos (SILVA, 1997, p. 66-67).

É possível deduzir que a lendária Escola de Sagres tenha sido essencialmente uma escola iniciática. Segundo a tradição, Cristóvão Colombo instruiu-se ali, o que poderia explicar o registro que fez em seu *Libro de las Profecias*, quanto a certeza de existir um outro continente:

Quem duvida que esta inspiração não me foi dada pelo Espírito Santo que, com seus raios de luz maravilhosa, me vinha avivando e ordenando que eu prosseguisse e, ainda sem cessar um momento, continua a inspirar-me com entusiasmo, consolando-me com a leitura da Sagrada Escritura, nos livros do Velho e do Novo Testamento, com as epístolas dos bem-aventurados apóstolos? (COLOMBO *apud* RAMATÍS; MAES, 2015, p. 16-17)

A Ordem da Cavalaria de Cristo sediada na Vila de Tomar será responsável por toda a saga das navegações lusitanas. A Charola do Convento de Cristo, cujo espaço central é um círculo a partir do qual abrem-se oito faces, guardando e, ao mesmo tempo, revelando o sentido medianeiro da união dos mundos visível e invisível configurado no número oito disposto horizontalmente.

A certa altura da história das navegações portuguesas, D. Manuel I, Mestre da Ordem de Cristo, resolve confiar a Pedro Álvares Cabral a maior frota já constituída para uma expedição marítima, justamente a ele, que até então nunca havia navegado (BUENO, 1998). Uma decisão que causa perplexidade até os dias de hoje. Porém, a ordem do rei se justifica, segundo a tradição espiritual, por ser Cabral o membro da Ordem especialmente destinado à tarefa de revelar o Brasil ao mundo, segundo os compromissos estabelecidos pelos liames reencarnatórios.

Reencarnação, a palavra proibida que os unia mas que somente soava dentro das paredes sagradas do Castelo, vez por outra era pronunciada. Com o cuidado de fazê-lo longe dos ouvidos dos monges. Assim o era havia séculos já, pois a Igreja de Roma proibira em Concílio que se tratasse do assunto. Mas como poderiam os herdeiros dos Templários esquecê-la? (GALVANI, 2000, p. 232)

Da mesma forma que Cristóvão Colombo ouvia o Espírito Santo a orientá-lo na desafiadora missão de revelar a América ao Velho Mundo, segundo Humberto de Campos, o processo de revelação do Brasil também seria mediúnico.

No oceano largo, o capitão-mor considera a possibilidade de levar a sua bandeira à terra desconhecida do hemisfério sul. O seu desejo cria a necessária ambientação ao grande plano do mundo invisível. Henrique de Sagres aproveita esta maravilhosa possibilidade. Suas falanges de navegadores do Infinito se desdobram nas caravelas embandeiradas e alegres. Aproveitam-se todos os ascendentes mediúnicos. As noites de Cabral são povoadas de sonhos sobrenaturais e, insensivelmente, as caravelas inquietas cedem ao impulso de uma orientação imperceptível. Os caminhos das índias são abandonados. Em todos os corações há uma angustiada expectativa. O pavor do desconhecido empolga a alma daqueles homens rudes, que se viam perdidos entre o céu e o mar, nas imensidades do Infinito. Mas, a assistência espiritual do **mensageiro invisível, que, de fato, era ali o divino expedicionário**, derrama um claror de esperança em todos os ânimos. As primeiras mensagens da terra próxima recebem-nas com alegria indizível. As ondas se mostram agora, amiúde, qual colcha caprichosa de folhas, de flores e de perfumes. (CAMPOS; XAVIER, 2011, p. 15-16, grifo nosso)

Dessa maneira, gradativamente, ao longo de minha vida, fui observando de maneira contemplativa e amorosa que há um imaginário surgido há séculos em Portugal que prossegue e se amplia no Brasil.

2.4. Agostinho da Silva

Ainda me lembro quando viajava do Porto a Lisboa e ouvi pelo rádio a notícia da desencarnação do professor Agostinho da Silva. Imediatamente fui tomado de uma sensação de haver perdido uma singular oportunidade, pois, chegado a Portugal há aproximadamente um ano, começava a descobrir a importância daquele notável filósofo para a compreensão do Brasil.

Curioso ter sido necessário morar em Portugal para ouvir falar de alguém tão relevante para o país onde nasci e vivi até àquela altura, trinta anos, um paradoxo tão ao gosto do pensador da lusofonia.

O filólogo e pedagogo foi preceptor e uma das principais influências reconhecidas pelo estadista Mário Soares, cuja contribuição para a democratização, após a longa ditadura

salazarista, e edificação político-social da sociedade portuguesa contemporânea é amplamente reconhecida.

Autodeclarado pouco apto para o trabalho, foi, entretanto, incansável. Para além de sua obra acadêmica e literária, foi autor, editor e distribuidor de uma série de biografias que, lançadas à mão cheia ao povo, constituíram a fonte de iniciação ao conhecimento de gerações.

Exilado pelo regime salazarista asilou-se no Brasil, por aqui foi um dos professores fundadores da Universidade Federal da Paraíba. Depois rumou para a Universidade da Bahia, na qual criou o Centro de Estudos Afro-Orientais. Caetano Veloso registra em seu livro *Verdade Tropical* que Agostinho da Silva influenciou jovens estudantes e intelectuais de Salvador, dentre eles, Glauber Rocha, e que sua perspectiva sobre a Idade do Espírito Santo também está presente em todo o Tropicalismo (1997, p. 221).

Naturalizou-se brasileiro em 1958, no ano seguinte passou a integrar a Comissão Instaladora da Universidade de Brasília. Interagiu intensamente com Darcy Ribeiro e propôs a criação do Instituto de Teologia, aos moldes inovadores da Terceira Idade, sem subordinação confessional. Nele, estariam presentes as religiões da América, da África, da Ásia e da Europa em sua essência ecumênica para, ao lado de ateus e agnósticos, pensar o fenômeno da criação científica e artística e “marcar como fim último do homem a sua plena absorção no Espírito” (SILVA, 2009, p. 53).

O Brasil, para Agostinho da Silva, é o continuador de Portugal na edificação do Quinto Império, a vivência da Idade do Espírito Santo. Esse mito e esse ideal que alimentaram os sonhos dos navegadores e poetas da grande pátria, que é a língua portuguesa, são identificados por ele, também, na obra de Guimarães Rosa (VARELA, 2006, p. 92).

2.5. Mito fundador do Brasil

Na Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel I, que é ao mesmo tempo certidão de nascimento, primeira obra literária e primeira peça de comunicação a respeito do país, o Mito Fundador do Brasil está presente. A narrativa fala sobre os desafios enfrentados pelos navegadores, como o sobressalto no início da viagem quando do desaparecimento de uma embarcação comandada por Vasco Ataíde; sobre o avistamento da nova terra, que se dá

afortunadamente e por sincronicidade no período da Páscoa de Cristo; e sobre a escolha do primeiro nome para a descoberta, aliás, revelador da predestinação daquele lugar: Terra da Vera Cruz.

A gente encontrada é pura como se vivesse no Jardim do Éden antes de o pecado ter entrado no mundo. O convívio entre navegadores e autóctones é pacífico e se dá aos pés da cruz enquanto o Evangelho é anunciado. Após a Santa Missa, uma cena imprevista e comovente se desenrola: os nativos e os recém-chegados dançam na praia, sem que desconfiança ou prevenções impeçam a alegria do encontro de mundos tão diferentes.

Caminha narra a beleza e a exuberância das matas, das muitas águas e da terra em que tudo germina e cresce. E, quase ao finalizar sua missiva adverte: “Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (IPHAN, 2017).

O padre António Vieira, ao construir a sua obra espiritual e literária, abraça o Quinto Império como tema central. Trata-se do cumprimento do sonho profético de Nabucodonosor revelado ao profeta Daniel, segundo o qual um reino que jamais será destruído por mãos humanas seria levantado pelo poder divino. Para Vieira, esse era o destino de Portugal e, por consequência, do Brasil que é parte do mesmo corpo (VIEIRA, 1953).

Um dos criadores da Universidade de Brasília (UnB), Darcy Ribeiro, em seu livro *O Povo Brasileiro*, comenta aspectos da utopia do mito fundador que moveu a ação dos franciscanos no princípio da colonização:

Os frades, fazendo ressoar no Novo Mundo antigas heresias joaquinistas como a do infante D. Henrique, com sua pregação de que, uma vez que era passado o tempo do Pai – de que rege o Velho Testamento – e também o do Filho – de que trata o Novo Testamento, era chegada a Era do Espírito Santo, que instalará o milênio do amor e da alegria neste mundo, com os índios conversos e convertidos em louvadores da glória de Deus. A tarefa a que os missionários se propunham não era transplantar os modos europeus de ser e de viver para o Novo Mundo. Era, ao contrário, recriar aqui o humano, desenvolvendo suas melhores potencialidades, para implantar, afinal, uma sociedade solidária, igualitária, orante e pia, nas bases sonhadas pelos profetas. Esta utopia socialista e seráfica floresce nas Américas, recorrendo às tradições do cristianismo primitivo e às mais generosas profecias messiânicas. Ela se funda, por igual, no pasmo dos missionários diante da inocência adâmica e do solidarismo edênico que se capacitaram a ver nos índios, à medida que com eles conviviam. (RIBEIRO, 1995, p. 60-61)

Interessante destacar que Darcy Ribeiro, mesmo após analisar criticamente as consequências do fervor dos místicos religiosos do princípio da colonização, ao final de sua obra seminal apresenta o que pode ser também uma releitura do Mito Fundador do Brasil:

Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade europeia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar. [...] Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso autossustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra. (Ibid., p. 454-455, grifo nosso)

O filósofo português Agostinho da Silva, um dos professores fundadores da UnB, convidado por Darcy, e criador do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses³⁸, associava ao Brasil a missão de fazer cumprir o Quinto Império:

Agostinho da Silva atribui ao Brasil um papel primacial na difusão da ideia de Quinto Império – daí, e desde logo, esta sua exortação que tome o Brasil inteiramente sobre si, como parte de **seu destino histórico**, a tarefa de, guardando o que Portugal teve de melhor e não pôde plenamente realizar e juntando-lhe todos os outros elementos universais que entraram em sua grande síntese, oferecer ao mundo um modelo de vida em que se entrelaçam numa perfeita harmonia os fundamentais impulsos de produzir beleza, de amar os homens e de louvar a Deus. (EPIFÂNIO, 2007, p. 85-86, grifo nosso)

O tempo passa, porém, pensadores, escritores, educadores, filósofos e artistas reciclam o mito fundador e o comunicam aos seus contemporâneos e àqueles que os sucedem por meio de seus legados. É interessante observar que, mesmo quando existe grande distinção entre eles, no que concerne a valores como fé e transcendência, como é o caso de

³⁸ Revista Darcy, n. 07, ago.- set. 2011, p. 56-59, Brasília: UnB.

Darcy Ribeiro e Agostinho da Silva, há uma convergência no esforço de interpretar e transmitir por meio de suas obras e trajetórias, que o destino do Brasil é vivenciar o seu mito.

O mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. (CHAUÍ, 2000)

O mito fundador do Brasil, para Marilena Chauí, tem como primeiro componente a difusão pelo colonizador da ideia de que o novo território é o Éden bíblico. Esse período foi estudado e consagrado por Sérgio Buarque de Holanda (2000) como a “visão do paraíso”.

O segundo componente do mito, segundo Chauí, é o milenarismo do frade Joaquim de Fiori, que anunciava o Império do Espírito Santo na Terceira Idade da história. E, como terceiro elemento do construto, a pesquisadora propõe:

a elaboração jurídico-teocêntrica da figura do governante como rei pela graça de Deus, a partir da teoria medieval do direito natural objetivo e do direito natural subjetivo e de sua interpretação pelos teólogos e juristas de Coimbra para os fundamentos das monarquias absolutas (CHAUÍ, 2000, p. 58).

De acordo com a autora, o Brasil, terra abençoada por Deus, é a expressão que sintetizaria o mito fundador.

O cientista político Vamireh Chacon em sua obra *Deus é brasileiro* explica que os povos “com cultura de nação” são compenetrados de um senso de missão (1990, p. 12). Assim teriam se sentido os ingleses seguidores de Cromwell, os franceses obstinados em transmitir ao mundo os Direitos do Homem e do Cidadão, os norte-americanos empenhados em difundir a concepção contida nas diretrizes traçadas pelos *Founding Fathers*³⁹ e, na ex-União Soviética, teriam sobrevivido “os anseios de paz e justiça eslavos e universalistas de Gógol, Dostoiévsky e Tolstói” (Ibid., p. 26-27), na tentativa socialista de forjar novas realidades para todo o planeta. Daí, não ser estranho o imaginário brasileiro de cumprir sua destinação histórica ou divina.

³⁹ Founding Fathers of the United States (Pais Fundadores dos Estados Unidos da América) são os líderes que redigiram e assinaram a Declaração da Independência, lutaram na Revolução Americana ou tomaram parte da redação da Constituição norte americana.

Com essas leituras, pude tecer a linha que me possibilitou alinhar a possibilidade de ser o mito fundador do Brasil uma perspectiva espiritual e esotérica criadora da identidade nacional, passível de estudo à luz da ciência e do pensar acadêmico.

A ambição percebida em António Vieira, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva é a de encarnar o mito na história plasmando a civilização da Era do Espírito.

Com duas mãos - o Acto e o Destino -
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho trémulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Occidente o véu rasgou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu (PESSOA, 2006, p. 69).

Agostinho da Silva enxerga em Guimarães Rosa a mesma flama da tradição lusíada que navegadores, escritores e poetas iniciados comunicaram, passando de geração em geração a profecia do Quinto Império.

De início, a minha aproximação das narrativas do mito fundador do Brasil ocorre, no entanto, pela escrita, som e imagem da obra de Jorge Mautner, outro prototropicalista e profeta do Kaos⁴⁰.

A obra completa do multiartista Jorge Mautner publicada sob o título de *Mitologia do Kaos* reúne romances, ensaios e letras de músicas que parecem revitalizar o mito fundador do Brasil. Para Moraes Jr. (2011), Mautner contribui com a construção utópica do Brasil do século XXI influenciado pelo pensamento social de Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro (2011, p. 139). A síntese de sua proposta pode ser encontrada nos *Panfletos da Nova Era*:

[...] do Brasil irradiar-se-á a matriz principal, digamos, o molho especial da grande comida mundial, que a cultura planetária estará por estas alturas internacionalizando. [...] Só aquilo que os batuques, os cantos de Iansã representam para uma futura psicanálise-encenada-ritual-candombleizada! Qual o exato valor das radiações e fabricação de ondas supervitais

⁴⁰ Kaos é nome do movimento político-cultural proposto por Jorge Mautner. As suas ideias estão reunidas na trilogia denominada *Mitologia do Kaos* (2002).

biogeneticamente como nós o fazemos num som de tamborim, bater de capoeira? Capoeira: (saúde, luta e ginástica = em valor ao Kung-Fu e Tai-Chi) e de todos os nossos supervalores de energia vital-amazônica, sensual sendo fabricada pelos nossos gênios crioulos, negros, cafusos, mamelucos, mulatos, índios e brancos anegralhados como eu? Isto sim é a verdadeira cultura popular das massas do planeta terra! O samba e maracatu e o rock de nossas Américas negro-índio-brancas (esperança de união ecumênica realizada!) são injeções de super-B12 para cansados vampiros dos mundos de plástico. E esta sim, a MPB, é a cultura de massas, de onde aprendo eu, aonde exatamente se localizam meus mestres, Luiz Melodia e Jakson do Pandeiro, a originalidade e especificidade de nossa cultura da morenitude. [...] Brasil do séc. XXI é isso, a realização da mais linda visão das Américas; onde o 1º, o 2º, o 3º e o 4º mundo estão conglomerados e fabricaram um carnaval-ecumênico de minorias abraâmicas unidas em toque de batuque, numa cultura que antes de Zaratustra, já dizia sim à própria tristeza, para superá-la na volta por cima, na afirmação da própria sensação de cômica de prazer que é o desafio permanente da vida! (MAUTNER, 2002, v.2, p. 238-239)

Ao divulgar seu livro *O Filho do Holocausto – Memórias*, Mautner advertiu: “ou o mundo se brasilifica ou vira nazista” (2006). O Brasil, ao encarnar o seu mito fundador, se tornaria um farol humanizador para as outras nações:

[...] O Brasil é o continente indicado há muito tempo. Todas as profecias falam disso. Rabindranath Tagore (filósofo indiano) dizia que “a civilização superior do amor nascerá no Brasil”. Jacques Maritain (filósofo francês) dizia que “o único lugar onde a justiça e a liberdade poderão aflorar juntas é o Brasil”. Stefan Zweig escreveu no século 19 o livro “Brasil, o País do Futuro”. Já é isso agora. (MAUTNER, 2012)

Para Eduardo Gianetti, Jorge Mautner filia-se à corrente dos pensadores “proféticos” formada por Oswald de Andrade, Gilberto Freire e Darcy Ribeiro. Em oposição aos “mimetistas” representados por Rui Barbosa e Eugênio Gudin (2016, p. 167). Estes acreditam que o Brasil deve imitar os países que alcançaram o desenvolvimento econômico e social ao modo capitalista. Enquanto aqueles entendem que estamos forjando uma nova civilização, ápice de uma cultura fundada na solidariedade e na fraternidade.

José Bonifácio, em 1823, nos definiu: ‘Diferente dos outros povos e culturas, nós somos o amálgama’. Isso é **Guimarães Rosa**, Mário de Andrade e os tambores do candomblé. Tem ainda os repentistas, que sabem de tudo e são quânticos. Esse amálgama ninguém tem. (MAUTNER, 2016, grifo nosso)

Nesse ponto confluem, a respeito do Mito Fundador em Guimarães Rosa, Agostinho da Silva e Jorge Mautner. Para este, o *Grande Sertão: Veredas*

são as sendas perdidas de Heidegger, agora com mais profundidade e relevância. A sabedoria infinita do povo brasileiro, frases de moradores de nosso sertão e veredas são sabedorias taoístas mineiras, vislumbres da mais profunda fenomenologia escrita em um novo português. Noel Rosa já dizia: Tudo aquilo que o malandro pronuncia é brasileiro, já passou de português. Guimarães Rosa nos mostra a profunda metafísica e sabedoria profunda do chamado povo iletrado do Brasil, elevando-o às dimensões mais esplêndidas da sabedoria filosófica mundial. Poesia e emoção e também citações da proximidade total desta sabedoria do sertão e das veredas com a meditação da simultaneidade pré-fenomenológica de Meister Eckhart, e de Jakob Böhme, que diz: "o que está dentro do círculo, também está fora do círculo." A famosa simultaneidade já faz parte há muito tempo dos habitantes dos nossos sertões. Além disso, Guimarães Rosa e sua esposa arriscaram várias vezes as suas vidas na época em que trabalhavam no Consulado de Hamburgo, na Alemanha Nazista, salvando centenas de judeus que iriam para o Campo de Concentração, contrabandeando-os para o Brasil dos Grandes Sertões e Veredas. (MAUTNER, 2018)

A importância da comunicação e, nomeadamente, da literatura para a formação e coesão de comunidades imaginadas, como é o caso das nações modernas, é evidenciada por Benedict Anderson:

Si el desarrollo de la imprenta como una mercancía es la clave para la generación de ideas del todo nuevas de simultaneidad, nos encontramos simplemente en el punto en que se vuelven posibles las comunidades del tipo 'horizontal-secular, de tiempo transversal [...] la convergencia del capitalismo y la tecnología impresa en la fatal diversidad del lenguaje humano hizo posible una nueva forma de comunidad imaginada, que en su morfología básica preparó el escenario para la nación moderna. (ANDERSON, 1993, p. 63)

O presente trabalho é um esforço na tentativa de compreender a identidade brasileira, em um cenário de forte clivagem entre concepções ideológicas e de crise político-institucional da Nova República⁴¹. A insuficiência das propostas políticas, conservadoras ou

⁴¹ Período iniciado em 1985, com a eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República e fim da Ditadura Militar, instalada pelo Golpe Cívico-Militar de 1964. A Nova República, apesar de ter estabelecido um período democrático com duração inédita na história brasileira, já passou por graves crises econômicas e políticas, dentre as quais se destacam períodos de hiperinflação e dois *impeachments* presidenciais. Ainda que

progressistas, até aqui apresentadas para unir a nação em torno de um projeto comum pode indicar a necessidade de uma abordagem da questão que seja capaz de transpor os limites das soluções partidárias e economicistas. Uma nova perspectiva talvez possa ser encontrada pela via da cultura, especialmente quando procurada na essência do imaginário do mito que deu origem à nação brasileira.

2.6. Da nonada ao infinito

Grande Sertão: Veredas descreve a trajetória da alma humana em seu percurso de desenvolvimento, do quase nada ao infinito. No caminho são as veredas que auxiliam nesse processo de autopoiese do ser.

A busca espiritual e esotérica é a questão central da obra de Guimarães Rosa (UTÉZA, 2016, p. 22). Para ele, o crucial problema a ser resolvido é a existência ou não de Deus. Porém, a caminhada se faz, também, do ponto de vista coletivo e, por essa razão, existe uma perspectiva de interpretação do Brasil a ser haurida de seu trabalho.

A fim de realizar a conexão entre a metafísica e a compreensão histórica, Bolle propõe a utilização da *Urgeschichte*, “isto é, a história arcaica, originária ou primeva da sociedade. [...] refere-se sobretudo a uma dimensão mítica e especulativa da história” (2004, p. 145).

A cidade de Guimarães é cognominada o Berço de Portugal. A origem do nome é germânica *Weihs Mar* que resultaria primeiro em Weimar, e depois Vimaranes, finalmente, Guimarães. O significado original da palavra seria cavaleiro ou cavalo de combate, por isso João Guimarães Rosa autodenominou-se o Cavaleiro da Rosa do Burgo do Coração (Cordisburgo foi sua cidade natal). Daí, é possível intuir uma relação do Cavaleiro da Rosa com os Cavaleiros Templários e a tradição filosófica Rosa-cruz, e da cidade do Coração com a civilização a ser criada a partir do Coração do Mundo, que é o Brasil.

A conexão de GSV com o Mito Fundador do Brasil, talvez possa ter raízes na relação de seu criador com o escritor e historiador, Jaime Cortesão, em cuja bibliografia constam trabalhos, tais como: *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*

se tenha alcançado estabilidade monetária e alguma mobilidade social, prevalece a incapacidade de produzir um projeto nacional consistente que permita ao Brasil superar os seus problemas estruturais, como afirmou o ex-Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso: “o sistema político brasileiro fracassou e somos todos responsáveis” (DINES, 2015).

(Lisboa, 1922), *Do sigilo nacional sobre os Descobrimientos* (Lisboa, 1924), *O Romance das Ilhas Encantadas* (Lisboa, 1926), *Cabral e as Origens do Brasil* (Rio de Janeiro, 1944), *História do Brasil nos Velhos Mapas* (Rio de Janeiro, 1965-1971).

Quando Rosa ocupou a chefia de gabinete do Ministério das Relações Exteriores, na gestão de João Neves da Fontoura (1887-1963), ele participou de todas as aulas ministradas pelo intelectual lusitano, que se encontrava exilado da ditadura salazarista no Brasil, no recém fundado Instituto Rio Branco (IRB) em 1945. Os temas desenvolvidos na ocasião versaram sobre o “descobrimento” do Brasil, formação territorial brasileira, o Tratado de Tordesilhas, além de estudos sobre a interação entre cartografia e história do Brasil.

Da relação entre ambos, há inclusive um relato, segundo o qual Cortesão teria, certa feita, visitado Rosa no Itamarati com a finalidade de parabenizá-lo pelo estilo utilizado na crônica *História das Fadas*, que lembrava a fala e a escrita da época dos descobrimentos (VIANNA, 2019, p. 46).

Outro ponto a ser observado é que Agostinho da Silva, exilado no Brasil entre 1947 e 1969, colaborou com seu sogro, pois foi casado com a filha de Cortesão, Maria Judith Zuzarte Cortesão (1915-2007), em sua pesquisa a respeito de Alexandre Gusmão e o Tratado de Madri e na organização da Exposição do Quanto Centenário da Cidade de São Paulo (RIBEIRO, 2018, p. 8 e 10). A sintonia intelectual entre Rosa e Cortesão pode ter sido, dessa forma, expandida para Agostinho da Silva, que reconhecia no trabalho do brasileiro, a chama dos navegadores e poetas lusitanos.

Há ainda a relação de ambos com o editor António Augusto de Souza Pinto⁴², responsável pela divulgação da cultura portuguesa no Brasil, e da cultura brasileira em Portugal. Ele era sócio e editor de Cortesão e foi responsável pela publicação de Rosa pela editora Livros do Brasil (VIANNA, 2019, p.102).

É possível depreender do material aqui registrado que a busca metafísica de Rosa possa ter encontrado no esoterismo português uma base inspiradora para pensar a nação, e, nesse caso, a sua obra poderia conter elementos do Mito Fundador.

⁴² António de Sousa Pinto (1901-1987), editor português criou várias casas editoras e livrarias. Caracterizou seu trabalho pela divulgação da herança cultural portuguesa no Brasil por meio da editora Livros de Portugal, da qual foi diretor Jaime Cortesão. Da mesma forma, por meio de sua editora Livros do Brasil, divulgou autores brasileiros em Portugal, dentre os quais, João Guimarães Rosa. (MELO, 2018, p. 1)

3. ALGUMAS IDEIAS SOBRE O PENSAMENTO MÁGICO

Para percorrer e perلustrar o *Grande Sertão* de Guimarães Rosa em busca do Mito Fundador do Brasil, foi preciso encontrar o método que pudesse ajustar-se ao perfil desafiador do originalíssimo escritor e pensador do Brasil, cujo conteúdo é sobretudo uma manifestação do pensamento mágico e do encantamento perdidos no mundo sob o domínio da “megera cartesiana”, como ele denomina o racionalismo reducionista.

O intrincado Sertão, compacto, rústico e ensimesmado revela-se por meio de uma diafania espiritual, a ser buscada por meio da contemplação fenomenológica utilizando a razão sensível, um novo método para um novo paradigma da ciência.

A fenomenologia iniciada por Edmund Husserl (1859-1938) criou uma tradição teórico-epistemológica que tem orientado a formulação teórica desde os fins do século XIX. A sua influência tem dialogado com as mudanças ocorridas na Física, o que tem provado um questionamento do paradigma reducionista-mecanicista e contribuído com as bases de novo paradigma para o desenvolvimento do saber.

Husserl irá elaborar sobre a possibilidade de haver de fato conhecimento das coisas em si mesmas, por isso realiza uma crítica radical ao positivismo dominante em sua época (PINHO, 2017, p. 36). Outra característica do pensamento fenomenológico é o seu antinaturalismo, isto é, nega a concepção de que as ciências naturais possam oferecer uma visão efetiva e plena da realidade (CERBONE, 2014, p. 29).

Segundo Husserl, o erro primordial da ciência positivista estava no fato de considerar o mundo preexistente e independente da consciência de um sujeito. Por essa razão, a sua tentativa é a de dar à ciência uma verdade apodítica, ou seja, capaz de relatar o mundo como ele se apresenta no âmbito da consciência. A Fenomenologia compreende como fenômeno a consciência dos objetos, o que põe fim a dicotomia entre sujeito e objeto (PINHO, 2017, p. 40).

A produção do conhecimento preocupou o pensador, pois havia uma supervalorização do conhecimento prático proporcionado pelas ciências naturais embasadas na visão positivista, o que estimulava a fragmentação do saber. Era para ele perturbador constatar que o avanço das ciências naturais restringisse o espaço para o desenvolvimento das ciências humanas. Observava o distanciamento entre essas áreas ampliando-se e

impedindo a conexão entre elas, mesmo quando estivessem buscando respostas para os mesmos problemas (BRAGAGNOLO, 2014, p. 74).

Permeando esse estado de coisas, uma constatação se destacava e prevalecia: a insuficiência do método empírico para estabelecer uma base imutável para o conhecimento. O método, por sua própria estrutura, torna possível encontrar resultados diversos para um mesmo problema de pesquisa. Por essa razão, a fenomenologia tem por ambição suplantar o método positivo (BRAGAGNOLO, 2014, p. 75).

3.1. O novo paradigma do conhecimento

O físico Fritjof Capra em seu livro *O Ponto de Mutação* defende a ideia de que a crise vivida por toda a sociedade contemporânea é civilizacional, segundo ele, trata-se de um fenômeno histórico cíclico. A transição atual se dá com o declínio do patriarcado; o declínio da era do combustível fóssil e a mudança de paradigma. Esta última significa “uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade” (CAPRA, 1982, p. 20).

O paradigma reducionista-mecanicista é fundamentado nas proposições de Descartes para quem o universo material nada mais é do que uma máquina, inclusive os seres vivos que nele existem. Outro postulado desse paradigma é a afirmação de que o observador em nada interfere no objeto, o que torna viável fazer uma descrição objetiva da natureza. A consolidação dessa perspectiva se deu com a contribuição de Isaac Newton, por meio do seu cálculo diferencial foi possível descrever o movimento dos corpos sólidos confirmando que as ideias cartesianas estavam corretas.

Segundo Capra (1982), Descartes deu ao pensamento científico sua estrutura geral – a concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas. O que foi sustentado pela física newtoniana nos séculos XVII, XVIII e XIX. Entretanto, será a própria Física, referencial metodológico para as ciências, que irá iniciar o questionamento do paradigma dominante. Faraday e Maxwell, ao introduzirem o conceito de campos de força, demonstraram que é possível estudá-los sem referenciar os corpos materiais, o que era até aquele momento uma necessidade intrínseca, segundo os ditames do reducionismo-mecanicista.

A descoberta da evolução em biologia forçou o abandono da concepção cartesiana, de acordo com a qual o mundo era uma máquina criada por Deus. Assim, o universo passou a ser visto como um sistema em evolução permanente, “no qual estruturas complexas se desenvolviam a partir de formas mais simples” (CAPRA, 1982, p. 59-60). Porém, essa complexidade que tendia para a ordem, também era desafiada pela segunda lei da termodinâmica: qualquer sistema físico isolado avançará espontaneamente na direção de uma desordem crescente, trata-se da entropia. A física que se desenvolve no século XX irá derrubar a ideia de verdade única e inquestionável em ciência. O novo paradigma irá introduzir, por exemplo, o conceito de dualidade que surge com a descoberta da natureza dual da matéria e da luz.

Parece impossível aceitar que alguma coisa possa ser, ao mesmo tempo, uma partícula, uma entidade confinada num volume muito pequeno, e uma onda que se espalha sobre uma vasta região do espaço. E, no entanto, era exatamente isso o que os físicos tinham que aceitar (CAPRA, 1982, p. 63)

Outros conceitos irão surgir para definir o novo paradigma, tais como: princípio da incerteza, princípio da complementaridade, princípio da probabilidade, princípio da complexidade e princípio da não localidade. O princípio da complexidade afirma que a natureza não apresenta elementos isolados e que tudo deve ser definido por suas relações, pois o íntimo da matéria é uma

[...]teia complicada de relações entre as várias partes de um todo unificado. Heisenberg assim se expressou: ‘O mundo apresenta-se, pois, como um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes espécies se alternam, se sobrepõem ou se combinam, e desse modo determinam a contextura do todo’. [...]As partículas subatômicas – não podem ser entendidas como entidades isoladas, mas devem ser definidas através de suas inter-relações. [...]Henry Stapp, da Universidade da Califórnia, escreve: ‘Uma partícula elementar não é uma entidade não-analisável que tenha existência independente. É, em essência, um conjunto que se estendem a outras coisas. [...]Gregory Bateson argumentou, inclusive, que as relações devem ser usadas como base para todas as definições[...]. (CAPRA, 1982, p. 65)

Confirmando a proposição fenomenológica de que não é possível considerar o mundo preexistente e independente da consciência do observador, o princípio da não localidade explica que:

Minha decisão consciente acerca de como observar, digamos, um elétron determinará, em certa medida, as propriedades do elétron. Se formulo uma pergunta sobre a partícula, ele me dá uma resposta sobre a partícula; se faço uma pergunta sobre a onda, ele me dá uma resposta sobre a onda. O elétron não possui propriedades objetivas independentes da minha mente. Na física atômica, não pode mais ser mantida a nítida divisão cartesiana entre matéria e mente, entre o observado e observador. (CAPRA, 1982, p. 71)

As proposições fenomenológicas e os avanços da microfísica possibilitaram criar um arcabouço conceitual estruturante do paradigma da complexidade, que começa a se definir em 1956, a partir das pesquisas realizadas por Heinz Von Foerster no Biological Computer Laboratory na Universidade de Illinois. Com a contribuição Ross Ashby, Warren McCulloch, Humberto Maturana e Gordon Pask, ali desenvolveram-se estudos sobre “causalidade circular, auto referência e o papel organizador do acaso, mesclando conhecimentos da biologia e da cibernética” (SERVA, 1992, p. 27).

Na década de 1960, avanços na biologia molecular irão propiciar novos passos para a complexidade. Desenvolve-se o conceito de que o funcionamento da célula é semelhante a uma máquina viva que se constrói a si mesma. Neste estudo, termos e conceitos da comunicação são utilizados, entre eles “programa, código, informação, mensagem, tradução[...]” (SERVA, 1992). Esse é mais um sintoma da transdisciplinaridade que permeia o novo paradigma da ciência.

O Prêmio Nobel de Química, Ilya Prigogine, na década de 1970, explicou que em sistemas abertos é possível existirem estruturas dissipativas de entropia o que permite a auto-organização para além desordem entrópica, como ocorre, por exemplo, com os furacões. No mesmo período, Jaques Monod, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina:

[...]ensejando uma cibernética microscópica no estudo do funcionamento e reprodução da célula, [...] extrapola as fronteiras da bioquímica celular, elaborando uma obra epistemológica que clama pela renovação da ciência e ressaltando a compreensão do papel do acaso como ponto de partida para uma nova teoria da evolução das espécies. A emergência do paradigma da complexidade é uma tentativa de superar os impasses conceituais, lógicos e epistemológicos que disciplinas como biologia, cibernética, físico-química, teorias da comunicação, dentre outras, criaram a partir dos seus próprios desenvolvimentos. (SERVA, 1992, p. 27)

Nesse ponto de amadurecimento da proposição complexa, é possível introduzir a contribuição da obra de Edgar Morin, que na síntese de Serva (1992), “é uma tentativa de

concretização da transdisciplinaridade científica e filosófica, fazendo interagir fenomenologia, dialética e teoria de sistemas”.

O pensamento complexo para Morin é estruturador da interdisciplinaridade porque articula as disciplinas separadas, dando igual peso ao pensamento racional-lógico-científico e o mítico-simbólico-mágico (SANTOS e HAMMERSCHIMIT, 2012). A epistemologia deve dar conta dos sistemas físicos, biológicos e antropossociológicos. Esse contexto exige a razão aberta, que se caracteriza por ser evolutiva, residual, complexa e dialógica.

A razão é evolutiva, porque progride por mutações e reorganizações profundas. [...]residual, porque acolhe o a-racional e o sobre-racional. [...]complexa, porque reconhece a complexidade da relação sujeito/objeto, ordem/desordem, reconhecendo, também em si própria, uma zona obscura, irracional e incerta, abrindo-se ao acaso, à álea, à desordem, ao anômico e ao aestrutural. [...]É dialógica, porque opera com macroconceitos recursivos, ou seja, grandes unidades teóricas de caráter complementar, concorrente e antagonista. (ESTRADA, 2009, p. 86)

Os três princípios essenciais que moldam a complexidade em Morin (2011) são o dialógico, o recursivo e o hologramático. Na dialogia elementos complementares e contraditórios preservam a dualidade na unidade. A recursividade rompe com a linearidade de causa e efeito do paradigma cartesiano-newtoniano, ou seja, há uma retroalimentação: causa > efeito > causa. Pelo princípio hologramático, a parte está no todo e o todo em cada parte. Esses princípios da complexidade, podem ser observados na narrativa de GSV:

O romance apresenta dentro de si multiplicidade, recursividade e complexidade, no sentido de um caos organizador. Há uma proposta de repetição intencional, a narrativa gira, volta e retorna (em “eterno retorno”): Riobaldo inicia, avança, volta e retoma. No romance, há a proposta de recomeço interno, meticulosamente pensado. Depois de narrar boa parte de sua aventura a seu ouvinte, Riobaldo diz: [...] aqui eu podia por ponto”. (CASTRO, 2017, p. 99)

3.2. A razão sensível

A conjunção da Filosofia fenomenológica, com o afloramento de um novo paradigma científico e a inauguração da pós-modernidade criou as condições ideais para o desvelar do pensamento de Michel Maffesoli.

Fundamentado no pensamento de Gilbert Durand de quem foi aluno, Maffesoli desenvolve uma obra própria e peculiar que se constitui numa

[...]grande contribuição para a compreensão de uma atualidade pós-moderna, na medida em que eleger por campo de estudo não mais a mitologia ou a literatura, mas o cotidiano. [...]Para Maffesoli, a complexidade do mundo pós-moderno exige do cientista social a criação de novos conceitos, ou melhor, noções, que, dentro de uma perspectiva fenomenológica, dêem conta da diversidade e especificidade da vida do homem comum, na sua vivência do dia a dia. (PITTA, 1997, p. 20)

Maffesoli em seu livro, *Elogio da Razão Sensível*, abertamente declara a sua aspiração de superar os limites do cartesianismo que instituiu “a visão de um mundo contratual, regido por um voluntarismo racional”, e afirma: “nada mais resta a esperar do saber estabelecido” (MAFFESOLI, 1998, p. 15). É preciso emancipar-se da razão instrumental que está umbilicalmente ligada ao desejo de poder e domínio, e abraçar a postura de inação vigilante que possibilita nutrir-se do saber popular.

É estando desapegado em relação aos diversos impositivos e universais, é estado enraizado no ordinário, que o conhecimento responde melhor à sua vocação: a libido sciendi. Por que não dizer: um saber erótico que ama o mundo que descreve. Assim pela purgação do geral, da Verdade, daquilo que é tido como correto, pode encarar-se o plausível e os possíveis das situações humanas. (MAFFESOLI, 1998, p. 14-15)

Santos (2012) registra que fundada na razão sensível, na multiplicidade de ideias e no enfatizar do cotidiano como espaço onde se reúne o viver e o pensar, definido por Nietzsche como o saber dionisíaco, surge uma nova metodologia em oposição à razão instrumental, para a qual a interpretação é mais significativa do que a explicação dos fatos.

A metodologia fenomenológica apresentada por Maffesoli assenta-se em três operadores metodológicos da razão sensível: a descrição, a intuição e a metáfora.

É por meio da descrição, intuição e metáfora que a razão sensível, na contemporaneidade, se embriaga de vida, ao evitar a amputação dos sentimentos que estão impregnados na razão, na forma de se interpretar o mundo em seu dinamismo, potência e complexidade; essa sensibilidade resgata o desejo de interação entre o conhecimento e o viver, sem excluir um ou outro, que paradoxalmente ou não, coexistem harmonicamente no cotidiano, mas não no mundo das ideias, que, ao nomear o que se apreende, mata aquilo que é nomeado. Dito de outro modo: no mundo proposto pelo demiurgo, o que existem são entidades metafísicas preexistentes que representam ideias separadas das forças vitais. (SANTOS, 2012, p. 357)

O pesquisador para surpreender o dinamismo da vida, conciliando o saber e o viver, ao descrever, necessitará deixar dissolver o seu eu crítico assumindo uma postura

contemplativa para perceber aquilo que ocorre diante do objeto com o qual está entrelaçado. Há que libertar-se do desejo de concluir, convencendo-se de que a pluralidade do mundo não permite conclusão e, sim, abertura. Há que se ter

[...] um pensamento acariciante, que pouco se importa com a ilusão da verdade, que não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas se empenha sempre em manter-se a caminho. No sentido estrito, trata-se de um “método” erótico, enamorado da vida e que se empenha em mostrar sua fecundidade. (MAFFESOLI, 1998, p. 170-171)

O observador precisa ter em conta que a coisa é a sua própria interpretação, atento à perspectiva de que não há sentidos definitivos, mas variações constantes a serem apreendidas:

Em outras palavras, aquilo que chamamos “própria coisa” está carregada de forças que a ultrapassam. O universo está povoado de símbolos cujo sentido não se consegue esgotar mas cujas significações não valem senão por suas interações, vividas dia a dia sem que seja “conscientizado” ou verbalizado. (MAFFESOLI, 1998, p. 175)

O descrever exige que se “faça da descrição o próprio fundamento de sua progressão”, trata-se de uma postura acariciante diante da “realidade complexa e aberta” que procura antes acompanhar do que subjugar (MAFFESOLI, 1998).

Como o pesquisador não parte de convicções preconcebidas diante da complexidade, assume a noção fenomenológica de perspectivação, na qual a ideia de horizonte propiciará a abertura necessária para evitar a simplificação redutora de significados e sentidos.

Desprezada no paradigma dominante, a intuição é recuperada nos procedimentos metodológicos de pesquisa fenomenológica.

Devo precisar, de imediato, que não entendo a intuição como simples qualidade psicológica. É até possível que ela seja tudo menos pessoal. Com efeito, pode-se, ainda que seja a título de hipótese, considerar que ela participa de um inconsciente coletivo. Que ela é oriunda de um tipo de sedimentação da experiência ancestral, que ela exprime o que propus chamar de “saber incorporado” que, em cada grupo social e, portanto, em cada indivíduo, constitui-se sem que se lhe dê muita atenção. (MAFFESOLI, 1998, p. 199)

A intuição antecipadora, que presente e guia, deve ser entendida como uma sensibilidade intelectual. Sendo por isso mesmo desafiadora da proposição cartesiana-newtoniana que exige distanciamento e recusa a interação observador-objeto.

Na abordagem fenomenológica

[...] a intuição coloca-se em jogo uma “visão central” que, justamente, não é indireta mas, antes, enraíza-se profundamente na própria coisa, dela se nutre e, portanto, dela frui. É, aliás, nesse sentido que, para bem compreender essas características, é necessário apelar para os poetas, para os artistas, para os místicos, ou para a experiência do senso comum que saiba aderir àquilo que é, viver e fruir daquilo que é. (MAFFESOLI, 1998, p. 203)

É preciso frisar que esse método objetiva estabelecer uma forte sinergia entre racionalidade e intuição, propiciando ao pesquisador a possibilidade obter uma visão mais ampla e global nas observações por ele realizadas para as suas pesquisas.

Finalmente, o buscador do conhecimento precisa apropriar-se da metáfora como ferramenta de investigação, ela é indispensável diante da complexidade do mundo atual, no qual, fica cada vez mais difícil identificar os limites das sociedades e das instituições.

[...]assim como a intuição é um bom meio de apreender o retorno da experiência cotidiana, é possível que a metáfora seja a mais capacitada para perceber o aspecto matizado de um mundo marginal cujos desdobramentos ainda são imprevisíveis. (MAFFESOLI, 1998, p. 229)

Ao impregnar-se dos três operadores do método fenomenológico, descrição, intuição e metáfora, a pesquisa de comunicação passa a ter recursos harmonizados com o novo paradigma do conhecimento para trabalhar com as questões e desafios comunicacionais do mundo complexo da pós-modernidade.

A pesquisa centrada na contemplação, a mover-se por meio de um pensamento acariciante do texto, do contexto, do intertexto e do espírito movente da obra é uma exigência da complexidade da narrativa em *Grande Sertão: Veredas*, na qual, a ambiguidade permeia cada possível assertiva, dizendo a coisa e o contrário dela mesma sem produzir necessariamente contradição, mas que propicia nova compreensão e induz a ciclos sucessivos para os quais é preciso sempre retomar trajetos percorridos, porém em níveis de aprofundamento crescentes à semelhança de uma ascese mística ou de um sistema complexo.

O caminhar se dá no entremeio da descrição propiciada pela leitura-escrita contemplativa, guiado e aclarado pela intuição e sustentado pela absorção da metáfora constituída pela trajetória de vida do autor, pela entidade protagonista da narrativa e pelos símbolos esotéricos, e que somente se revela por fruição do conhecimento, ou, pela percepção da consciência. No entanto, o resultado da pesquisa, pois não há conclusão, será aquele que a experiência de cada observador puder manifestar enquanto se desloca no tempo e no espaço.

4. O BRASIL EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Riobaldo é o Brasil⁴³. A interpretação a respeito da nação brasileira passa, portanto, em Guimarães Rosa, pelas palavras do personagem central do seu único romance. Por meio delas, se dá a comunicação do conteúdo haurido pelo autor: do verbo se faz a narrativa da realidade⁴⁴. Porém, diversamente da maioria das interpretações sobre o Brasil, o caminho não é o do racionalismo mas, sim, o do encantamento⁴⁵. Não é no campo limitado da racionalidade, mas pela revelação mística que o entendimento se dá:

[...] os meus livros, em essência, são “anti-intelectuais” – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bérngson, com Berdiaeff, - com Cristo, principalmente. [...] (BIZARRI, 2003, p. 90)

Embora munido de criterioso método racional, conforme descreve poeta Vinicius de Moraes ao falar sobre o trabalho de pesquisa realizado por seu então colega na carreira diplomática, que reunia e catalogava de forma exaustiva elementos da história, da geografia e da análise político-social para a sua produção literária⁴⁶. A reflexão em Rosa se dá na dimensão mágica, na qual, para ele, está a realidade em que é possível captar a essência da

⁴³ Em entrevista ao crítico alemão Günter Lorenz, Guimarães Rosa declarou que “Riobaldo é apenas o Brasil” (RONCARI, 2004, p. 86).

⁴⁴ Quanto ao movimento razão e revelação na linguagem, é relevante observar o paralelo entre Walter Benjamin e Guimarães Rosa traçado por Marília Rothier Cardoso: “Benjamin formula o conceito de linguagem para além de qualquer intencionalidade comunicativa ou qualquer utilitarismo informacional: “o que a linguagem comunica é a essência linguística das coisas” (Benjamin, 1971, p. 81). Em consequência, o conceito engloba e aproxima as línguas articuladas dos homens e a linguagem “muda” da natureza, operando um deslocamento vertiginoso da razão lógica para a revelação mística. Essa trajetória é, precisamente, o ponto de encontro da aventura filosófica do alemão com a viagem ficcional do brasileiro. Para interferir em circunstâncias político-culturais diversas, ambos escolhem estratégia equivalente – transportar o leitor para um tempo simultâneo no qual os mitos modernos, propostos à maneira do oráculo arcaico, perdem sua credibilidade autoritária. Seja para Benjamin, seja para Guimarães Rosa, a tarefa da “nomeação”, atribuída aos homens, se os destaca dos demais seres é em função do empréstimo de uma linguagem sagrada comum a todos e, portanto, tanto melhor empregada quanto mais experimentalmente próximo o nomeador esteja das coisas nomeadas” (CARDOSO, 2006, p. 113).

⁴⁵ “A perspectiva do encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos. É a partir do encanto que os saberes se dinamizam e pegam carona nas asas do vento, encruzando caminhos, atando versos, desenhando gestos, soprando sons, assentando chãos e encarnando corpos. Na miudeza da vida comum os saberes se encantam e são reinventados os sentidos do mundo” (SIMAS; RUFINO, 2018, p.12 e 13).

⁴⁶ Episódio relatado por Antônio Cândido em entrevista sobre *Grande Sertão: Veredas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>. Acesso em: 20 fev. 2020.

trajetória humana⁴⁷ (nota com a citação de Drummond feita por Roncari nas páginas 20 e 21).

4.1. Tecendo uma interpretação sobre o Brasil

A tecitura de uma visão sobre o Brasil é desenvolvida em toda a obra rosiana:

[...]desde *Sagarana* – como revela já o próprio nome do primeiro livro -, procurava encenar na sua literatura também *a saga de um povo* e os seus percalços na busca da contenção e superação da violência, e de assimilação de regras de vida social e novos costumes políticos, com vistas à instituição no país de uma civilização. (RONCARI, 204, p. 296)

Para o autor de *O Brasil de Rosa*, em *Grande Sertão: Veredas*, ao lado da narrativa romanesca, apresenta-se a épica, que abarca uma interpretação da busca civilizatória. Em sua obra literária, Rosa dialoga com as perspectivas de outros intérpretes do Brasil, tais como

⁴⁷ “Esse processo estético-ideológico de redução dos fatos históricos e empíricos aos seus arquétipos formadores que os aproximam das representações míticas é muito bem revelado por Carlos Drummond de Andrade, na crônica do ‘Encontro’, em que ele relata uma conversa que teve com Rosa, na praia de Copacabana, e este lhe teria dito: ‘O tempo é que é o meu inimigo, e eu fujo à sua dimensão. Se leio o jornal, seleciono as notícias. As de atualidade mais crítica, transporto-as para dois milênios antes, ou mais. Assim os Anibais, os Farós assumem o lugar de X, de Y, de Z, e eu consigo isolar-me para captar o mistério do homem, num universo mágico. Porque se os acontecimentos não me interessam, a realidade, que é mágica, me interessa muito’ (RONCARI, 2004, p. 20-21).

Alberto Torres⁴⁸, Alceu Amoroso Lima⁴⁹, Oliveira Vianna⁵⁰, Gilberto Freyre⁵¹, Sérgio Buarque de Holanda⁵², Caio Prado Jr.⁵³ e Paulo Prado⁵⁴, a respeito especialmente das seguintes temáticas

⁴⁸ Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917) foi abolicionista e republicano convicto desde os tempos de juventude. Mais tarde, seus ideais concentraram-se no pacifismo internacional, voltando-se, finalmente, para uma concepção nacionalista da história, despertada, durante sua segunda legislatura federal, quando da discussão de projetos sobre seguros e remessa de lucros para o exterior. Sempre escrevendo na imprensa, suas principais obras - *A organização nacional* e *O problema nacional* - nasceram de artigos publicados no *Diário de Notícias* e no *Jornal do Comércio*. Nesses dois livros, Torres defende suas ideias nacionalistas. Da constante preocupação de Alberto Torres com a realidade brasileira, nasceu sua proposta de reforma da Constituição de 1891, na qual ele propunha um legislativo que também representasse as classes profissionais e a criação de um Poder Coordenador, espécie de Poder Moderador e Conselho de Estado republicanos. Seus pensamentos - principalmente no que se refere ao elogio da miscigenação - influenciariam um grupo de escritores que, despontando com o Modernismo, mais tarde se filiariam ao Integralismo. Em seu último livro, *As fontes da vida no Brasil*, de 1915, Alberto Torres reafirmou a defesa do nacionalismo étnico-social. (INTÉRPRETES DO BRASIL, 2020)

⁴⁹ Alceu Amoroso Lima (1893-1983), também conhecido pelo pseudônimo literário Tristão de Ataíde, filósofo social, crítico literário, professor de filosofia e literatura, jornalista e escritor. Foi reitor da Universidade do Distrito Federal e um dos fundadores da PUC/RJ. Católico e humanista de grande influência, deu continuidade à obra de Jackson de Figueiredo nas atividades do Centro Dom Vital, agremiação cultural que reuniu, entre outros, Gustavo Corção e Sobral Pinto. A trajetória de seu pensamento começou com uma perspectiva liberal e agnóstica, passou por um profundo conservadorismo católico, tendo alinhado-se, na última fase de sua obra, à uma visão político-social progressista. Intelectual de sólida formação ministrou cursos na Universidade de Sorbonne em Paris sobre civilização brasileira. Quando exerceu o cargo de diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana, órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA), realizou inúmeras conferências em universidades norte-americanas e mexicanas. A sua oposição à ditadura militar implantada em 1964 se deu desde a edição do Ato Institucional número 2 e prosseguiu mesmo durante o processo de abertura política, especialmente, por meio de sua respeitável coluna no *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro. Como escritor e jornalista deixou vastíssima obra a respeito de literatura e reflexões sobre os variados e complexos temas políticos, sociais e religiosos. Ocupou a cadeira número 40 da Academia Brasileira de Letras.

⁵⁰ Oliveira Viana (1883-1951) foi professor de Direito, sociólogo e escritor. Ocupou diversos cargos públicos, especialmente, destacou-se como consultor jurídico do Ministério do Trabalho. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e deixou vastíssima obra. Dentre seus estudos publicados, o livro *Raça e Assimilação* (1932) causou enorme polêmica ao defender a diluição da raça negra na sociedade brasileira: "Oliveira Viana hauriu as concepções teóricas de autores como Arthur de Gobineau, Vacher de Lapouge, Gustave Le Bon, Le Play, Ratzel, entre outros mencionados já em seu primeiro livro. Inspirando-se neles, Oliveira Viana considerou a etnologia uma ciência explicativa dos fenômenos sociais e históricos. Julgando que as diferentes raças humanas se encontrariam em estágios distintos na escala evolutiva, afirmou existir uma relação direta de causalidade entre as raças alegadamente mais evoluídas na escala biológica e nas formas mais desenvolvidas de cultura. Por ilação, associou a elite dirigente com a raça alegadamente superior que seria a branca, caucasiana ou ariana. Essa elite social ariana, pelo exemplo do comportamento, da educação pública imposta às massas e dos mecanismos de coerção administrativa e jurídica exercidos sobre as classes inferiores, compostas em grande parte por mestiços e negros, iria progressivamente incutir-lhes os padrões morais, de disciplina e procedimento, característicos de uma cultura superior. Assim, a elite exerceria uma função civilizadora sobre o conjunto da população. A preocupação de Oliveira Viana com a questão racial no Brasil, muito acentuada na fase inicial de sua obra, nos decênios de 1910 e 1920, parece um reflexo da ansiedade da elite da época com o problema da integração das massas negras e mestiças a uma sociedade moderna, após a abolição da escravidão. Problema este enfatizado dramaticamente pelas sublevações de Canudos, da revolta da vacina obrigatória, no Rio de Janeiro em 1904, e a rebelião dos marujos da Marinha de Guerra em 1910. Prova de que a questão racial era candente para a intelectualidade brasileira na virada do século é o fato de que outros intelectuais de prestígio na ocasião, como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, a ela também se dedicaram" (CHAVES, FGV CPDOC, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo?busca=Oliveira+Viana&TipoUD=0&MacroTipoUD=0&nItens=30>. Acesso em 20 fev. 2020)

⁵¹ Gilberto Freyre (1900-1987) foi sociólogo, jornalista, escritor e artista plástico, como professor atuou a Universidade do Distrito Federal. No exterior ministrou aulas nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, na Universidade de Londres, em Stanford e ainda dirigiu um seminário para pós-graduados sobre sociologia da escravidão na Universidade de Colúmbia (FGV CPDOC, 2020, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gilberto-de-melo-freire>). Seus ensaios fizeram uma abordagem do Brasil considerando as perspectivas sociológicas, antropológicas e históricas. Eleito deputado constituinte em 1946, trabalhou contra o racismo. A partir da publicação de seu ensaio *Casa-Grande & Senzala*, houve uma virada nos estudos sobre a nação brasileira, provocando o gradual abandono das abordagens com premissas racistas: "ao mesmo tempo, na sua releitura total e radical da formação da cultura brasileira, limpou o caminho para a civilização, com o reforço à tese cultural (golpe de morte nos determinismos, mesmo nas adaptações brasileiras, voltadas para a frente), e foi obstáculo aos esquemas analíticos redutores, ao valorizar a riqueza de um cotidiano plural, afetivo, relacional, sincrético e, até certo ponto, quando comparado aos processos de colonização da América espanhola, tolerante e único"(SILVA, 2004, p. 203). As principais críticas recebidas por Freyre são: a pouca relevância dada ao preconceito racial na explicação às desigualdades entre brancos e negros; a ele é atribuída a ideia de "democracia racial", o que dificultaria a formulação de políticas adequadas para corrigir o prejuízo causado aos brasileiros negros (MARQUES; CASTRO, 2015, p. 33-36).

⁵² Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) foi sociólogo, historiador, crítico literário, escritor e jornalista. Atuou como professor da Universidade do Distrito Federal e da Universidade de São Paulo. Autor de clássicos como *Raízes do Brasil* (1936) e *Visão do Paraíso* (1959), na estruturação de seus ensaios há uma influência conceitual do sociólogo alemão Max Weber. No primeiro compêndio, Holanda "buscava conceber um país livre dos caciques rurais e mostrar que caminho deveria ser trilhado pela antiga colônia para se converter em uma nação democrática e moderna. No entanto, o livro não constitui apenas um projeto normativo, é também analítico. Para articular suas visões, Buarque de Holanda mergulhou profundamente na história brasileira e desenvolveu um diagnóstico sócio-histórico que transcendia enormemente as pesquisas conduzidas à época. É esta propriedade que faz do livro 'um clássico de nascença'. O ensaio oferece respostas concisas aos desafios analíticos e políticos de seu tempo, além de captar a tensão, na forma específica como se manifesta no Brasil, entre continuidade e mudança social numa perspectiva de longa duração" (COSTA, 2014, p. 823). Juntamente com a obra de Freyre, os estudos de Buarque de Holanda representam uma ruptura com Oliveira Vianna e sua ideia de que a raça branca deveria liderar o país. Porém, a análise em *Raízes do Brasil*, enfatiza as relações opressoras do patriarcado rural que marcou a formação do país. O patriarcalismo favoreceu o desenvolvimento do homem cordial: "por meio do 'homem cordial', Buarque de Holanda não buscou destacar nem a generosidade, nem a inocência dos brasileiros. Tampouco se trata de uma gentileza no sentido de uma simpatia ritualizada. Buarque de Holanda entende por 'cordialidade' a tentativa constante de personalizar todas as interações interpessoais: em primeiro plano devem estar os sentimentos, não o anonimato da ordem legalizada que promete tratar a todos como iguais"(COSTA, 2014, p. 834).

⁵³ Caio Prado Junior (1907-1990) foi advogado, editor, político, historiador e ensaísta político. É considerado o primeiro autor a trazer a interpretação dialética da história para análise interpretativa do Brasil: "sua influência e originalidade nas controvérsias das propostas constituíram uma corrente não só na historiografia marxista, mas no pensamento social brasileiro, ainda que autores já tivessem se utilizado desse modelo anteriormente" (DIEHL, 2004, p. 352). A sua contribuição entretanto também sofre alguma restrição crítica: "o pioneirismo de Prado Júnior consiste em inserir a economia colonial do Brasil no contexto da história mundial. Sua debilidade analítica está na tendência a explicar processos políticos por meio de um economicismo" (COSTA, 2014, p. 832).

⁵⁴ Paulo da Silva Prado (1869-1943) foi cafeicultor, investidor, escritor e ensaísta, mecenas e organizador da Semana de Arte Moderna de 1922. O seu livro *Retrato do Brasil - Ensaio sobre a tristeza brasileira* trata-se de um clássico da interpretação do Brasil. O lançamento se deu em 1928, nos estertores da República Velha. O seu principal escopo foi de combater o ufanismo estabelecido nas análises sobre a nação brasileira. Porém, o livro apresenta "uma visão racista, uma visão de degradação radical do brasileiro. Ele se utiliza, para construir a sua ideia do Brasil, dos inquéritos da inquisição. Confissões extraídas na tortura, esse é o material que ele usa para dizer o que é o Brasil. Pode ser, talvez, uma distopia. É um mundo muito feio, o que ele monta" (BERRIEL, 2013, p. 7).

[...]a miscigenação racial e o mulato; a estratificação e a hierarquia social; a organização familiar; os problemas do arrivismo e da ascensão social, a transição dos costumes senhoriais aos burgueses; a crítica ao dinheiro, como o sangue corrosivo do capitalismo, corruptor e dissolvente dos valores da tradição; a concepção das elites e as suas funções civilizatórias e modernizadoras; o conflito social, não apenas no plano da vida socioeconômico (*sic*), mas também cultural; as ambiguidades geradas pelo choque entre civilização e barbárie, cultura e rusticidade, ordem e desordem; a insuficiência dos costumes tradicionais e patriarcais; e as alternativas do processo de modernização: imitação artificial do importado e ruptura com o velho ou assimilação do novo sob o controle da tradição.[...] (RONCARI, 2004, p. 21)

Tendo como pano de fundo a Primeira República⁵⁵, a proposta da obra rosiana partiria do diagnóstico e do receituário apresentados por Alceu Amoroso Lima em Política

⁵⁵ A obra de Guimarães Rosa, segundo Roncari, “alegorizava a história da vida político institucional de nossa primeira experiência republicana” (2004, p. 19). A República Velha ou Primeira República é o período que vai da proclamação da forma de governo que substituiu a monarquia no país em 1889, e durou até a queda do presidente Washington Luís em razão da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas. O período foi marcado pela chamada Política dos Governadores ou Política dos Estados, de acordo com a qual, o governo federal apoiava de forma irrestrita os governos estaduais, que retribuía movendo a força dos chamados coronéis regionais e locais no sentido de dar apoio eleitoral para formar bancadas legislativas de sustentação ao Presidente da República. O instrumento de cooptação de votos, utilizado pelos coronéis, era a troca de votos por favores, o que fortaleceu largamente a prática do clientelismo. No período, consolidou-se uma forte aliança das oligarquias rurais de São Paulo e Minas Gerais, a chamada Política do Café com Leite, que se revezavam no comando do país. A Constituição de 1891 destacou-se por dar forma federativa ao Estado, criar o sufrágio universal masculino e estabelecer o Estado laico, com a separação formal entre Estado e Igreja. Diversas revoltas ocorreram no período, como a Guerra dos Canudos (1896-1897), Revolta da Vacina (1904), Revolta da Chibata (1910), Guerra do Contestado (1912-1916), as Revoltas Tenentistas que culminaram com a Coluna Prestes (1925-1927), houve também a forte atuação do cangaço, em razão do aparecimento do bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. A organização produtiva estava entre os principais impulsionadores das insatisfações: “As relações de produção em vigor abrangiam várias formas de exploração do trabalho. No campo, vínculos empregatícios contaminados pela prática do favor prendiam empregados a patrões por dívidas muitas vezes impossíveis de saldar e configuravam situações que beiravam à escravidão. Na cidade, o panorama não era diferente: uma massa de trabalhadores pobres acumulava-se no espaço urbano e vendia sua força de trabalho a preços que degradavam a vida, quando não a inviabilizavam, ou dedicava-se a outras ocupações, em nome da sobrevivência. Sem alternativas no mercado de trabalho, muitos ex-escravos e seus descendentes viviam em situação de desemprego crônico ou agregados a famílias ricas, onde exerciam extensas jornadas de trabalho doméstico não-remunerado. Os imigrantes, por sua vez, lutavam contra as dores do desenraizamento, do preconceito e das ‘duras condições de existência, resultantes das condições gerais de tratamento dos trabalhadores no país, onde quase equivaliam aos escravos’. A ausência de leis que garantissem os direitos básicos dos trabalhadores sancionava uma jornada de trabalho fabril esgotante, que podia chegar a 17 horas ininterruptas; a inexistência de férias e de repouso remunerado; salários aviltantes, ainda mais baixos no caso de mulheres e crianças, que em 1920 correspondiam a 43% dos trabalhadores industriais na cidade de São Paulo. Tudo isso fez da Primeira República lugar privilegiado do que Antonio Candido chamou de ‘esquema decididamente espoliador que está na raiz da nossa sociedade’ (PATTO, 1999, p. 170).

e Letras⁵⁶, redigido em conexão com o espírito dos manifestos dos anos 1920⁵⁷, para desenvolver a sua leitura de Brasil.

No referido ensaio, Lima denuncia o principal desafio para a civilização brasileira. Segundo o pensador católico, o nosso problema primordial é a tentativa permanente de mútua exclusão dos pensamentos opostos. Este dilema é desenvolvido em *Grande Sertão: Veredas*⁵⁸, onde é relatada de maneira detalhada a fórmula adotada para a solução de conflitos e diferenças no decorrer da formação da brasilidade: a violência.

Ao longo de nossa história, as forças antagônicas atuam como ventos ferozes que se entrechocam e se repelem, e serviriam apenas ao enfraquecimento da civilização brasileira. Exemplos desse quadro são os antagonismos políticos, literários e de costumes vigentes no período primeiro da vida republicana.

[...] Pois não seriam estas as faces dos dois ventos contrários – caudilhismo e cesarismo, patriarcalismo e ordem familiar burguesa, regionalismo e cosmopolitismo - , nos campos da política, do amor e das letras, da vida pública e literária, cujos embates formam o redemoinho, o terreno mais propício para a vigência do espírito rebelde da anarquia, “do instinto demolidor”, ajustando-se perfeitamente à metáfora colocada como chave de leitura na abertura do *Grande Sertão*: “ O diabo na rua, no meio do redemoinho...”? (RONCARI, 2004, p. 24)

Se o diabo andeja, divide e prospera nas rajadas de ventos dos embates fratricidas, a solução seria encontrada na assimilação dos pensamentos contrários.

⁵⁶ *Política e letras* é um ensaio de Alceu do Amoroso Lima inserido na coletânea Estudos literários organizada por Afrânio Coutinho e publica pela Editora Aguilar em 1966.

⁵⁷ Culturalmente, o período da República Velha foi marcado por diversos manifestos de intelectuais ligados ao movimento modernista, cujo epicentro foi a Semana de Arte Moderna de 1922. No período, várias revistas aglutinaram expoentes do movimento, tais como: Klaxon (1922), Estética (1924), A Revista (1925), Verde (1927), Festa (1927), Revista de Antropologia (1928), Arco e Flexa (1928), Marcação (1929) e Madrugada (1929). Várias dessas publicações difundiram os manifestos que externavam os princípios e propostas dos vários grupos de artistas e intelectuais modernistas, os principais manifestos foram: Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924), Manifesto Regionalista (1926), Manifesto Antropófago (1928), Manifesto Nhenguaçu Verde-Amarelo (1929).

⁵⁸ RONCARI (2004) propôs que a obra de Guimarães Rosa foi escrita em três camadas. A primeira “baseada na experiência do autor e nos seus vínculos com a tradição literária brasileira, na qual ele retomava os temas do sertão, do jagunço, do gado, da grande propriedade agrária, dos conflitos decorrentes do processo de modernização e dos seus modos de expressão tradicionais”; a segunda: “fundada em extensa leitura e erudição literária e filosófica, que eram mais ou menos explicitadas, na qual ele elaborava a dimensão simbólica, universal e mítica”, e, a terceira, na qual “alegorizava a história político-institucional de nossa primeira experiência republicana e numa perspectiva que poderíamos considerar conservadora” (p. 18-19).

Politicamente, portanto, a solução que o tempo e o bom senso nos trarão será por força a “assimilação” das forças vivas da nacionalidade americana, por natureza anárquicas e incultas, pelas forças vivas da espiritualidade, tantas vezes desviadas pela paixão pelo poder, mas afinal cultivadas pelo idealismo e pela experiência do ocidente cristão. E isso, se a Providência e a Inteligência até lá defenderem a nossa periclitante unidade. (LIMA *apud* RONCARI, 2004, p. 22)

Para Roncari, o diagnóstico e a terapêutica de Lima são assumidos por Guimarães Rosa como o compromisso estruturante de sua obra (RONCARI, 2004, p. 22 e 24). Aparentemente, porém, a harmonização necessária para solucionar o problema crítico da nacionalidade demandaria a intervenção de uma força milagrosa⁵⁹. Não sem motivo, portanto, é possível observar na narrativa de Riobaldo, o que se poderia nomear de um encantamento espiritual da encruzilhada, onde todos milagrosamente se encontram⁶⁰.

4.2. Aproximações da interpretação de Rosa sobre o Brasil

Na obra de Guimarães Rosa, a centralidade é dedicada a tratar do que para ele é o único problema fundamental do ser humano: a existência de Deus, conforme relata o crítico Antônio Cândido em entrevista concedida em 2018⁶¹. O fato de Riobaldo apresentar um assombroso fator de harmonização do Brasil não é por acaso: “Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve” (GSV, 2001, p. 76). A crença na existência divina é a argamassa da assimilação dos contrários, viabilizadora da civilização brasileira.

A espiritualidade de Rosa é de natureza não sectária pois é entendida como antídoto à cisão demolidora das concepções que divergem entre si; é intrinsecamente universalista porque busca o liame transcendente que interliga todas as manifestações religiosas servindo-

⁵⁹ Ao analisar o ensaio *Política e letras* de Alceu do Amoroso Lima (1966), Roncari (2004) conclui: “Esse ensaio, além de fazer uma radiografia da ‘civilização brasileira’ – na medida em que abarca a política e a literatura conjuntamente –, procura apontar a **saída quase milagrosa** aos seus impasses: a harmonização das forças contrárias, como modo de solução (grifos nossos, p. 23).

⁶⁰ Ao tratar da questão do sincretismo SIMAS e RUFINO (2018), sem minimizar que o fato de “essas experiências de cruzos culturais” estão ligadas às propostas racistas de embranquecimento da população e da cultura brasileiras fazem a seguinte reflexão ambivalente: “O sincretismo, enfim, é fenômeno de mão dupla, vem de negros e brancos, tem influências ameríndias, pode ser entendido como estratégia de resistência e controle, com variável complexa de nuances, e pode ser entendido – é óbvio, mas quase ninguém fala – como fenômeno de fé. Não custa lembrar que a incorporação de deuses e crenças do outro é vista por muitos povos como acréscimo de força vital; e não diluição dela ou estratégia pensada com a frieza dos devotos da razão” (p. 69).

⁶¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

lhes como plataforma perene; e, não dualista por virtude de compreender a vida como um *continuum*.

[...] sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita, antes, talvez, como o Riobaldo do "G.S.:V", pertença eu a todas. Especulativo, demais. Daí, todas as minhas, constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberam os meus livros. Talvez meio-existencialista-cristão (alguns me classificam assim), meio neo-platônico (outros me carimbam disto), e sempre impregnado de hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou. (BIZARRI, 2003, p. 90)

É sempre bom acrescentar a esta coleção de nomenclaturas, àquela assinalada por Mautner que chama de “taoísmo mineiro” a prática de transcendência que ele observa em Guimarães Rosa. É possível deduzir que a perspectiva emanada de sua espiritualidade seja também o vetor estruturante da interpretação do povo brasileiro realizada pelo filho de Cordisburgo:

[...]é inoperante a rígida separação entre metafísica e política. Por isso mesmo, seria infrutífero querer inverter agora a perspectiva, substituindo as análises metafísicas do romance de Guimarães Rosa pelas históricas. Trata-se, em vez disso, de desenvolver uma interpretação dialética, no sentido de extrair dos elementos esotéricos, míticos e metafísicos do romance conhecimentos históricos, políticos e sociais. (BOLLE, 2004, p. 148)

Riobaldo, simultaneamente compreendido como o Brasil e como porta-voz da interpretação de nossa identidade, revela a via para escaparmos da confusão mental enredadeira e forjadora de nossos entraves políticos, culturais e sociais:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma...Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.[...] (GSV, 2001, p. 15)

Diferentemente dos pensadores cujo imaginar de uma nação estava atrelado fortemente ao racionalismo ao adotar categorias de análises, tais como o encontro das raças, a superioridade das raças, o branqueamento como solução, o culturalismo redentor, o embate sertão e cidade, as preocupações sanitaristas, a questão do coronelismo, o problema da fome, o patrimonialismo, a visão marxista, o desenvolvimento e subdesenvolvimento, o desenvolvimento e a dependência, a cordialidade e a hierarquia, dentre outras. Guimarães Rosa adota uma perspectiva radical e original para ler o Brasil, a espiritualidade que não separa espírito e matéria.

Utéza (2004) propõe que Riobaldo “pretende construir a sua própria cultura espiritual”. Daí ser possível pensar em uma espiritualidade brasileira, na qual se reuniriam a essência das manifestações espirituais do Oriente e do Ocidente em uma síntese da assimilação de uma pela outra e vice-versa.

[...] o singular ecumenismo do narrador: uma heterodoxia fundada em um substrato esotérico que, para além da herança do cristianismo em sua versão católica exotérica, remonta às origens do *homo religiosus*. Nestas condições, a pedagogia do erro, da dúvida e da ambiguidade pode levar à luz do conhecimento sob a direção de um caipira do interior de Minas, com pelo menos tanta eficácia como uma lição ex-cátedra de metafísica dada por um doutor em filosofia. (UTÉZA, 2004, p. 59)

É possível especular que as tradições espirituais dos povos indígenas, do candomblé, do catolicismo popular das benzedeadas e rezadeiras, do kardecismo e da umbanda são vigas mestras de uma espiritualidade tipicamente brasileira. São elas que permitiriam a assimilação de outras concepções que abarcam a existência do espírito, do carma e da reencarnação, tais como, o hinduísmo, o budismo e a filosofia de Platão e Plotino, dentre outras.

Em *Grande Sertão: Veredas*, encontramos na narrativa de Riobaldo uma exegese da realidade a partir de vários conceitos espirituais, que descrevem a travessia do espírito da nonada ao infinito. Para entender essa trajetória, é relevante destacar a figura do comprador Quelemém, estudioso do pensamento kardecista, sempre referenciado pelo narrador.

A própria travessia, conceito chave do romance, pode ser entendida como a expressão de uma tese essencial para o kardecismo. A saber, os espíritos saem da ignorância para o

conhecimento que nunca cessa por meio do enfrentamento de incontáveis provações (KARDEC, 2004, p. 340 e 384).

Como documenta Francis Utéza (2016), Guimarães Rosa travou conhecimento com o Espiritismo codificado por Alan Kardec ao conviver com Manoel Carvalho⁶², morador na cidade Itaguara em Minas Gerais. Foi esse médium quem presenteou Rosa com o livro *Depois da Morte* de autoria de León Denis⁶³, principal pensador da filosofia espírita após a desencarnação de seu codificador.

Muitos dos elementos constitutivos da espiritualidade brasileira, encruzilhada da humanidade, estão presentes na narrativa de Riobaldo. O que possibilitaria deduzir que, para além de uma leitura do momento político da Velha República, o retrato feito por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, trataria não somente dos temas que cindiam a sociedade brasileira daquela época, mas, sim, abrangeria o risco da cisão mais grave e irreversível entre espírito e matéria.

A opção por um modelo de desenvolvimento materialista sacrificaria a própria função história do Brasil⁶⁴, ater-se apenas ao transcendente não permitiria construir a paz social condenando-nos à violência.

⁶² Manoel Rodrigues de Carvalho foi um médium curador e raizeiro, com quem Guimarães Rosa manteve grande amizade, desde que morou em Itaguara, em Minas Gerais. Segundo a filha de Guimarães Rosa, a escritora Vilma Guimarães Rosa, existe uma “visível semelhança” entre Manoel e o “Compradre meu Quelemém de Goiás”, personagem de GSV. A autora de *Relembrações: João Guimarães Rosa, Meu Pai* (1999), destaca que o escritor mineiro David de Carvalho documentou no ensaio “João Guimarães Rosa, o Místico”, aspectos da duradoura amizade entre eles: “então faz-se amigo de Manoel Carvalho, residente nos Gentios, e que receita. João Guimarães Rosa compreende-o julga-o de utilidade a uma gente marginalizada, distante do médico, da farmácia, quanto mais que Manoel Carvalho é bem intencionado e possui uma biblioteca sadia, fato mais engrandecido se considerarmos a época e as circunstâncias. A par de compêndios de ensinamentos médicos, lá se encontram também vários livros de inspiração espírita: A Grande Síntese, de Pietro Ubaldi, e Depois da Morte, de León Denis” (p. 340). Vilma, ainda publica, carta de Rosa dirigida a Manoel Carvalho, “seu Neca”, onde o escritor registra: “Tenho commigo o livro ‘Depois da Morte’, de Leon Denis, que me offereceram. É o livro mais bello e consolador que já me veio ás mãos’ (p. 343). A autora traz, ainda, o seguinte relembração: “Papai e Manoel Carvalho costumavam ter longas conversas sobre filosofia espiritualista. Muito se respeitavam, o médico e o raizeiro-receitador” (p. 340).

⁶³ León Denis (1846-1927) filósofo, escritor e jornalista espírita francês foi um dos principais continuadores da obra de Allan Kardec. Para divulgação do Espiritismo, realizou inúmeras conferências por vários países da Europa. Foi um dos mais destacados polemistas debatendo publicamente com intelectuais de diversas correntes de pensamento que se opunham aos preceitos codificados por Kardec. Escritor incansável deixou entre outros livros: *Cristianismo e Espiritismo*, *Depois da Morte*, *Espíritos e Médiuns*, *Joana D’Arc*, *Médium*, *O Espiritismo na Arte*, *O Porquê da Vida*, *O Problema do Ser*, *do Destino e da Dor*, *Socialismo e Espiritismo*.

⁶⁴ Pietro Ubaldi (1886-1972) filósofo italiano que se radicou no Brasil, pois considerava o país destinado a servir de berço para uma nova civilização no terceiro milênio. O livro que apresenta a base de seu pensamento espiritualista é *A Grande Síntese*, que, como vimos, estava na Biblioteca de Manoel Carvalho e, possivelmente, nas suas conversas com Rosa. A obra completa de Ubaldi é composta por vinte e quatro volumes. Em seu livro

Em *Metafísica do Grande Sertão* (2016), Utéza considera um reducionismo entender o trabalho de Rosa apenas como um esforço, ainda que notável, para desenhar um novo retrato do Brasil, ou, um empenho exitoso de reescrever *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Enfatiza que GSV é um convite para um salto na transcendência. É possível, entretanto especular, que ambas as visões estejam amalgamadas em só *corpus*. Então haveria um chamado para compreender a nação a partir de conceitos espirituais, nos quais não estão apartadas as dimensões da transcendência e da imanência, do espiritual e do material.

Um dos conceitos interpretativos utilizados por Rosa em GSV é o carma. Ideia que não se confunde com a de fatalismo⁶⁵ ou de predestinação⁶⁶. Na concepção espírita de carma, existe um processo dialético entre determinismo cármico e livre arbítrio⁶⁷. O determinismo pode ser entendido como as consequências das ações do indivíduo no passado condicionando o seu presente. O livre arbítrio é a reação de cada pessoa diante da colheita obrigatória. A reação, quando negativa, pode comprometer o futuro; quando positiva, cria novas e melhores oportunidades para a existência de cada indivíduo.

Profecias, capítulo Função Histórica do Brasil no Mundo, escreve: “O Brasil é a terra clássica das fusões de raças, é o "melting-pot" em que tudo se mistura. E sabemos que a natureza se regenera na fusão de tipos diversos, ao passo que o princípio racista isolacionista é antivital. Prova-o o esgotamento das aristocracias muito puras e selecionadas. E já se pode dizer que todas as nações do mundo tenham, hoje, seus representantes no Brasil. Este, dessa forma, já as concentra todas em síntese, como modelos, num todo que as funde juntamente numa raça nova, que pode ser chamada a síntese de todas as outras. Por isso, o Brasil, com este seu universalíssimo, que o coloca nos antípodas das cisões nacionalistas europeias, está apto a ser o berço de uma nova civilização, cujo primordial caráter será a universalidade. O mundo caminha hoje para as grandes unidades, e os patriotismos, em sentido exclusivista e agressivo, da velha Europa, tendem hoje a ser rapidamente liquidados pelas leis da vida, porque são contraproducentes para seus objetivos evolutivos. Nisto, o Brasil tão jovem se acha mais adiantado do que a Europa dividida e belicosa, adiantado numa ideia mais vasta, de nacionalidade cosmopolita, em que todas as nacionalidades se fundem sob o mesmo céu. Por este motivo, o Brasil é mais apto do que a velha Europa a realizar uma ideia, que é a ideia do futuro, uma unidade livre, constituída não de satélites submetidos à força, mas de fusão demográfica, a única que resiste no tempo e que forma os povos novos (UBALDI, 2020, disponível em: <http://www.pietroubaldi.org.br/profecias-3/capitulos-profecias/934-blank-39071655>)

⁶⁵ Doutrina filosófica segundo a qual todos os acontecimentos estão previamente fixados, e a ação humana não pode modifica-los.

⁶⁶ Doutrina religiosa, segundo a qual, a vontade Divina já fez a escolha daqueles que receberão a salvação, segundo o Calvinismo, o êxito material são é um sinal que distingue os escolhidos.

⁶⁷ O mecanismo da Lei de Causa e Efeito, ou carma, no entendimento espírita: “Ora, a doutrina das vidas sucessivas é um resplandecer da ideia da justiça. Dá-lhe um relevo, um brilho incomparáveis. Todas as nossas vidas são solidárias umas às outras e encadeiam-se rigorosamente. Nossos atos e suas consequências constituem uma sucessão de elementos que se ligam uns aos outros, pela relação estreita de causa e efeito. Constantemente, experimentamos-lhes os resultados inevitáveis, em nós mesmos, em nosso ser interior, bem como nas condições exteriores de nossa vida. Nossa vontade atuante é uma causa geradora de efeitos mais ou menos longínquos, bons ou maus, que recaem sobre nós e formam a trama de nossos destinos” (DENIS, 2011, p. 323).

Conforme esclarece Léon Denis, além do carma de cada pessoa, existe um carma coletivo formado pelo conjunto dos carmas individuais (UTÉZA, 2016), de onde é possível depreender que o conjunto dos carmas dos brasileiros constitui o carma nacional.

Riobaldo detém-se diversas vezes em ponderações a respeito de carma e reencarnação. Antes, porém, de observarmos esses trechos, será importante destacar o reconhecimento da existência dos espíritos. O narrador acolhe em suas formulações espirituais concepções transmitidas pelo compadre Quelemén, com quem sustenta intenso intercâmbio a respeito desses assuntos apesar de cioso em guardar a autonomia de seu pensamento: “eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo” (GSV, 1994, p. 13).

Quanto à existência dos espíritos, é relevante lembrar que as concepções dos povos nativos do nosso território e das diversas nações africanas que compõe nossa identidade permeiam a adoção das teses kardecistas sobre o assunto. Por essas razões, Riobaldo reconhece e faz referência à proteção dos bons espíritos (GSV, 1994, p. 13), e ponderações a respeito da presença de “baixos espíritos descarnados, de terceira, fuzuando nas piores trevas e com ânsias de se travarem com viventes – dão encosto” (GSV, 1994, p. 6). Entretanto, mantém uma certa ambiguidade em seu posicionamento, faz questão de ressaltar nunca ter visto nenhum ser espiritual. O que lhe causa, aliás, certa perplexidade, pois considera reunir condições adequadas para ter essas visões (GSV, 1994, p. 6).

Nesse ponto, talvez seja possível observar outras características de nossa espiritualidade: não existe propensão nem à ortodoxia nem ao dogmatismo, e há uma convivência natural com uma dose de ceticismo. Estes aspectos facilitariam transitar por diversos caminhos simultaneamente.

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. (GSV, 1994, p. 32)

No entanto, nos momentos de dificuldade a fé se sobressai à dúvida. É o que acontece, por exemplo, quando o narrador diante da tensão que precede o principiar de uma guerra percebe, durante os preparativos da terrível empreitada, a presença espiritual por meio do assopro dos espíritos (GSV, 1994, p. 460).

Os espíritos, segundo as teses kardecistas compartilhadas entre Quelemém e Riobaldo, são individualizações do princípio inteligente do Universo, sendo incorpóreos e formados por uma matéria quintessenciada. São habitantes originários de uma dimensão denominada mundo espiritual, e são eles que animam os seres humanos viventes no mundo material (KARDEC, 2004, p. 109-112).

O ser humano é constituído por um corpo material; uma alma, denominação atribuída ao espírito quando encarnado; e, por uma substância responsável por unir a alma ao corpo físico denominada perispírito (Idem, 2004, p. 138). A morte é a separação do espírito e do corpo, sendo que o primeiro volta para a sua dimensão e o segundo é reabsorvido pela matéria.

Como os espíritos são criados simples e ignorantes, a reencarnação é o meio para que adquiram conhecimento e sabedoria. De acordo com a cosmogonia espírita, o Universo é regido por leis eternas, perfeitas e imutáveis, cada indivíduo ao obedecê-las se desenvolve e se aprimora, quando as infringe sofre as consequências proporcionais aos seus atos de forma a ajustar-se ao organismo do qual é parte integrante. Trata-se da aplicação da terceira lei de Newton, causa e efeito, ao aperfeiçoamento do ser. Nas tradições do hinduísmo e do budismo, o mesmo princípio é denominado carma.

A leitura antropológica de Guimarães Rosa, que se dá no terreno do transcendente, inclui a reencarnação. O ser humano não é apenas ele próprio no enfrentamento de suas circunstâncias históricas⁶⁸, como se involuntariamente fosse lançado na trama dos relacionamentos humanos e sociais.

Cada indivíduo, a partir de seu passado, forjou o seu presente, e como um tecelão prepara o seu futuro em múltiplas existências que virão em reencarnações sucessivas. Assim, o Brasil atual não é apenas o resultado da luta de classes nem somente o resultado do patrimonialismo usurpador do bem comum registrados ao longo de sua história. Em todo esse mecanismo, existe subjacente uma relação de causa e efeito de ações individuais e coletivas entrelaçadas.

⁶⁸ “Eu sou eu e a minha circunstância e se não a salvo, não salvo a mim mesmo” reflexão do filósofo José Ortega e Gasset (1883-1955) no introito do livro *Meditações de Quixote* publicado em 1914.

Os espíritos reencarnam para lidar com o efeito de suas ações, o que irá desenvolver as virtudes da fraternidade e da solidariedade. Riobaldo explica que, aos pouquinhos, se vai “gastando o diabo de dentro da gente” (GSV, 1994, p. 9). Um dos relatos apresentados por ele é o caso de Aleixo, conhecido como o “homem de maiores ruindades calmas que já viu” (GSV, 1994, p. 27).

O cruel assassino, que matava gente pobre e desvalida até por “graça rústica”, confrontado com o terrível sofrimento de dois filhos e uma filha, que ficaram cegos em consequência de um tipo especialmente grave de sarampo, tornou-se homem mais brando e generoso:

O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo – agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles menininhos tinham?! [...] Compadre meu Quelemém reprovou minhas incertezas. Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar. Senhor o que acha? E o velhinho assassinado? – eu sei que o senhor vai discutir. Pois, também. Em ordem que ele tinha um pecado de crime, no corpo, por pagar. (GSV, 1994, p.10-11)

Nesse trecho fica evidenciada a Lei de Causa e Efeito com seu funcionamento imediato, ou seja, na vida presente Aleixo colhe o sofrimento que semeou nela própria por meio de seus crimes, como o assassinato de um velhinho pedinte sem motivação alguma. Porém, é possível deduzir pela narrativa, que a semeadura vinha sendo feita desde outras encarnações, visto ter atraído para o seu lar espíritos que criaram para eles mesmos o sofrimento da privação da visão. Também é possível observar a resposta de Aleixo no processo dialético entre determinismo cármico e livre arbítrio. Ele faz uso da sua liberdade de escolha e, ao invés de revoltar-se com a situação do sofrimento dos filhos, abrandando-se, passa a ser bom, caridoso e desenvolve um ambiente de felicidade em seu agregado familiar mesmo diante de grande tragédia.

Logo em seguida, um exemplo inverso é apresentado. Trata-se da situação de Pedro Pindó que havia recebido como filho em seu lar por meio da reencarnação, o menino Valtêi. Segundo dedução de Riobaldo, era o reencontro de espíritos que foram inimigos de morte em vidas passadas.

A criança apresenta desde cedo tendência para a violência, e sente satisfação em proporcionar ou testemunhar o sofrimento de pessoas e animais. Pindó e a esposa, a título de corrigenda, impõem ao garoto jejum forçado e surras terríveis, cuja consequência, antevista pelo narrador, será a morte em breve tempo.

Observa-se nesse caso, os pais promoverem uma cruel vingança ao invés de buscarem a reconciliação.

[...]Arre, que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquim foram criando nisso um prazer feio de diversão – como regulam as sovas em horas certas confortáveis, até chamam gente para ver o exemplo bom. Acho que esse menino não dura, já está no blimbilim, não chega para a quaresma que vem... Uê-uê, então?! Não sendo como compadre meu Quelemém quer, que explicação é que o senhor dava? Aquele menino tinha sido homem. Devia, em balanço, terríveis perversidades. Alma dele estava no breu. Mostrava. E, agora, pagava. Ah, mas, acontece, quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho...Ave, vi de tudo, neste mundo! lá vi até cavalo com soluço... – o que é a coisa mais custosa que há. (GSV, 1994, p.12)

Assim o ciclo do aprendizado, de acordo com o narrador, necessitará ter continuidade até que o mal, de tanto lapidar o mal, revele o bem:

[...]o ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar – Deus espera essa ganstança. Moço!. Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca – e afia – que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra quê? Deixa: bobo com bobo – um dia, algum estala e aprende: esperta. (GSV, 1994, p. 17)

A exposição de Riobaldo, apoiada na doutrina de “cárdeque” apresentada por Quelemém, demonstra que existe uma astúcia divina por meio da qual até o mal conduz ao bem.

Ao pretender assim que a ordem do mundo obedece a uma fatalidade sancionando os atos da gente, sem necessidade da intervenção divina, o narrador não faz senão adaptar à moral ocidental a lei do carma própria do kardecismo: “Deus não fere pessoa alguma, ele deixa ao tempo o cuidado de fazer dimanar das causas os efeitos”. (UTÉZA, 2016, p. 56)

E se é fato que a maldade que se faz “um dia se repaga, o exato” (GSV, 1994, p. 24), também é verdade que os feios passados são limpos por essa fórmula acrescentada pela dialética entre determinismo cármico e livre arbítrio, na qual existe sempre a possibilidade de abreviar o caminho e o sofrimento pela “alegria de amor” (GSV, 1994, p. 9). É o que aconteceu com o jagunço Joé Cazuzo, descrito como homem de grande valentia.

No meio de um tiroteio cerrado ele ajoelha-se de braços levantados, sem temer as balas que passavam zunindo gritava: “Eu vi a Virgem Nossa, no resplendor do Céu, com seus filhos de Anjos!...” (GSV, 1994, p. 20).

[...]depois se soube, que mesmo os soldados do Tenente e os cabras do Coronel Adalvino remitiram de respeitar o assopro daquele Joé Cazuzo. E que esse acabou sendo o homem mais pacífico do mundo, fabricante de azeite e sacristão, no São Domingos Branco. Tempos! (GSV, 1994, p. 22)

Recordo que, segundo Guimarães Rosa, Riobaldo é o Brasil, e conforme propõe a reflexão de Utéza (2016, p. 77) a narrativa feita em *Grande Sertão: Veredas* trata de suas sucessivas mortes e reencarnações e da possibilidade de um fator repentino provocar uma iluminação. Diante desses pressupostos, é possível intuir que a leitura de nação ali proposta é fundamentada em leis metafísicas, possibilitadoras de uma harmonização dos pensamentos contrários e de produzir a síntese que faria cessar o redemoinho de onde próspera a divisão que entrava o processo civilizatório brasileiro.

Dentre as descobertas do narrador ao longo da existência, que ratificam suas observações da interação entre carma e reencarnação, o que lhe causa maior admiração é “que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas” (GSV, 1994, p. 25), e ainda que por efeito das sucessivas reencarnações há um constante aperfeiçoamento, apreciado na seguinte sentença:

Me apraz é que o pessoal, hoje em dia, é bom de coração. Isto é, bom no trivial. Malícias maluqueiras, e perversidades, sempre tem alguma, mas escasseadas. Geração minha, verdadeira, ainda não eram assim. Ah, vai vir um tempo, em que não se usa mais matar gente... Eu, já estou velho. (GSV, 1994, p. 24).

Registrados os apontamentos que reportam a utilização dos conceitos de carma e reencarnação como categorias de análise do Brasil, torna-se relevante considerar outros

pontos essenciais de interpretação em *Grande Sertão: Veredas*, como o suposto pacto de Riobaldo com o diabo para alcançar a liderança do bando de jagunço, ou seja, revestir-se de poder.

Para haver pacto, é necessário que existam contrapartes pactárias, no presente caso, Riobaldo e o diabo firmariam um contrato. No entanto, a narrativa lança dúvidas a respeito da existência de satanás, o que, a priori, tornaria inviável o acordo. Mas, a dubiedade se mantém no decorrer da conversa.

Inicialmente, o narrador classifica de “prascóvio” (p. 3) quem acredita na existência e na intervenção do demo no dia a dia das pessoas. Porém, a seguir, apresenta o relato sobre três casos a respeito da manifestação daquele com quem, por muito se evitar, acaba-se por conviver.

Deixa claro, de pronto, que não pode ser taxativo sobre a realidade do demo, e segue a descrever o contato de um certo Aristides com o capioto, a quem escuta ao passar por certos lugares. Já Jisé Simpilício manteria preso um satanazim para ajudá-lo nas tarefas de sua ambição de enriquecer. Descreve, ainda, o diabo apresentando-se na forma de um Moço que seria capaz de realizar em vinte minutos uma viagem a cavalo que demora um dia e meio (GSV, 1994, p. 4-5).

Irá trazer à tona, ainda, a possibilidade de o diabo servir a Deus em certas circunstâncias, nas quais o criador necessita manobrar os seres humanos. Também aborda a hipótese de as pessoas enxergarem o diabo nas ocasiões em que não conseguem compreender os planos divinos (GSV, 1994, p. 49).

Em paralelo, Riobaldo recorre à doutrina de Cárdeque para trazer um novo prisma ao assunto. Com as palavras de Quelemém, conhecedor do assunto, explica que os chamados demônios são na verdade os “baixos espíritos descarnados” (GSV, 1994, p. 4). De fato, em conformidade com *O Evangelho segundo o Espiritismo*, os espíritos maus encarnados ou desencarnados têm por características o ódio e a vingança.

Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser reconsiderada prova ou expiação e como tal aceita. (KARDEC, 2013, p. 367)

De acordo com essa doutrina, os espíritos maus irão gradativamente depurar-se da maldade pelo entrechoque vivido com o retorno de suas maldades, que ocorre em suas reencarnações sucessivas. O diabo não é um ser criado para a danação eterna, mas uma condição transitória pela qual passam as almas humanas em seu processo de aprendizado. Talvez, por isso, à certa altura Riobaldo pontifique:

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. (GSV, 1994, p. 7) [...] Mas o demônio não existe real. Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dançar. Travessia, Deus no meio. (GSV, 1994, p. 435)

Intuída a natureza do diabo, será preciso apreciar a possibilidade de ter havido um pacto. Sobre esse assunto capital, Riobaldo faz diversas especulações sem aparentemente fechar uma conclusão. Ele expressa o seu entendimento de como se dá e qual é o objetivo da combinação:

O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma. Muito mais depois. (GSV, 1994, p. 61)

O contador de sua própria história, pergunta ao seu ouvinte se este acredita na existência do pacto com o demônio, ou mesmo se identifica algum fio de verdade, naquilo que ele classifica com uma parlenda, e arremata: “Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... invencionice falsa! (GSV, 1994, p. 27).

Dá continuidade à sua reflexão, e pondera: se não existe diabo, não pode haver pacto. Ainda insatisfeito lança-se em uma elucubração sobre uma possível predestinação de algumas pessoas para o pacto:

E a idéia me retorna. Dum mau imaginado, o senhor me dê o lícito: que, ou então – será que pode também ser que tudo é mais passado revolvido

remoto, no profundo, mais crônico: que, quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato – que já se vendeu aos poucos, faz tempo? Deus não queira; Deus que roda tudo! (GSV, 1994, p. 48-49)

Em contraposição, Riobaldo argumenta consigo mesmo que vender a alma é uma crença descabida, pois ninguém pode dispor do que não lhe pertence. E agrega ainda outra alegação, mesmo que houvesse a transação ela seria duplamente inválida: primeiro porque se vendeu o que pertence a outrem; segundo, o vendedor não tem maturidade espiritual para efetivar tal ato.

Vender sua própria alma... invencionice falsa! E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. Posso vender essas boas terras, daí e entre as Veredas-Quatro – que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal? Posso algum!? Então, se um menino menino é, e por isso não se autoriza de negociar... E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos – tudo corre e chega tão ligeiro –; será que se há lume de responsabilidades? Se sonha; já se fez... Dei rapadura ao jumento! Ahã. Pois. Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. (GSV, 1994, p. 27-28)

A respeito de seu próprio caso, categoricamente afirma não ter havido pacto (GSV, 1994, p. 439), mas, em seu íntimo, carrega certa dúvida a ser aplaca pelas palavras de seu compadre Quelemém.

– “O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!”
Então ele sorriu, o pronto sincero, e me vale me respondeu:
– “Tem cisma não. Pensa para diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais...” (GSV, 1994, p. 623)

O pacto é uma questão fundamental em *Grande Sertão: Veredas*, é em torno dela que Riobaldo reflete sobre sua vida. Por essa razão, a fortuna crítica desta obra tem desenvolvido significativas linhas de abordagem sobre o assunto. Para efeito da pesquisa aqui desenvolvida, traremos da contribuição de duas delas para ponderar a respeito do que teria ocorrido nas Veredas-Mortas.

Na primeira descerrada pelo professor Francis Utéza, o pacto se dá é com o divino, é um diálogo com o sagrado que produz o renascimento místico por meio de um parto

iniciático (2016, p. 103). A segunda, apresentada pelo professor Willi Bolle elabora “o pacto como alegoria de um falso contrato social” (2004, p. 146), e permite uma leitura histórica da narrativa.

Em *JGR Metafísica do Grande Sertão*, Utéza localiza o local daquilo que denomina pseudopacto com o Diabo (2004, p. 96) como um lugar destinado pelo conhecimento esotérico, profundamente estudado por Rosa, para o casamento sagrado do Céu e da Terra, portanto das forças celestes com as forças telúricas aliançadas em Riobaldo. Então, as chamadas Veredas-Mortas também são as Veredas Altas, conforme atesta o compadre Quelemém (GSV, 1994, p. 865), pois da morte iniciática renasce o espírito elevado. Trata-se de um espaço sagrado, uma encruzilhada do mundo físico e espiritual.

Para além do espaço, o tempo também é tempo sacralizado. A cerimônia iniciática de transmutação de Riobaldo acontece na noite de São João, no solstício de inverno, marcando “a fusão dos tempos sagrado e profano” (UTÉZA, 2016, p. 101).

Era, pois, sob os auspícios do Batista reforçados pela invocação do Senhor, visto que o dia do Precursor naquele ano caía em um domingo, que Riobaldo-Tatarana, a lagarta-de-fogo, se metamorfoseou enquanto desafiava Satanás. (UTÉZA, 2016, p. 102)

O herói do *Grande Sertão: Veredas* está na encruzilhada de espaço e tempo, de profano e sagrado, de imanência e transcendência, e no mais profundo silêncio mergulha em si mesmo, na Natureza e na Eternidade, “à luz do Cruzeiro do Sul que desenha no céu uma encruzilhada estelar”, para renascer (UTÉZA, 2016, p. 103-104).

Na compreensão de emérito professor da Universidade de Montpellier, o pacto diabólico tradicionalmente abordado pela literatura é ressignificado na obra de Rosa. Trata-se de um empreendimento para desafiar e subjugar Satanás, compreendido como príncipe deste mundo. Algo que faz lembrar a tentação do Cristo, a quem o autor afirmava priorizar sobre todas as suas influências.

Segundo relato do Evangelho segundo Lucas, capítulo 4, levado ao deserto pelo Espírito, Jesus é tentado pelo diabo que lhe oferta todas as coisas do mundo físico. Inicialmente, oferece-Lhe pão para saciar a fome de um jejum prologando. Depois promete

dar-Lhe o poder e a sua glória sobre os reinos do mundo, pois foram entregues a ele que os oferece a quem quiser. Finalmente, instiga Jesus ao orgulho e à vaidade, propondo-Lhe contrariar frontalmente a Lei natural da criação Divina. Derrotado, o diabo ausenta-se da presença do Cristo.

O paralelo entre o episódio do pacto e a tentação de Jesus é possível se considerarmos que, segundo Riobaldo, o diabo vige no homem, porém a busca do ser humano é por uma completude sublimada. Ou seja, nos dois episódios, o objetivo era o de vencer a tentação de viver, exclusivamente, sob o domínio da dimensão material abrindo mão da dimensão espiritual e, por consequência, ter uma vida pela metade. Conforme defende Utéza:

Insistindo no esquecimento total dos motivos que o tinham levado àquele lugar, o narrador evidencia que se encontrava além das contingências, a caminho de outro nível da realidade, o nível dos arquétipos e da eternidade, para o exterior da caverna dos homens. Fora do tempo cronológico, o jagunço instala-se na tensão em direção ao presente, própria da plenitude do ser: “E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo”. Cristalizado em uma fórmula enigmática – “Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!” –, este anelo exprime a necessidade metafísica de fazer existir o Ser absoluto na carne relativa e contingente do indivíduo. *Ficar sendo* é conseguir que se manifeste a parte do divino que cada um traz dentro de si próprio, é “tornar-se o que a gente é”, de acordo com a expressão de Santo Ambrósio, comentada em um livro da biblioteca de Rosa [...]. (UTÉZA, 2016, p. 288-289)

Observa o atento analista que, na manhã do domingo (curiosamente dia em que se assinala também a ressurreição do Cristo), após o pacto sagrado, Riobaldo aparece curado de determinado mal, assim como os jagunços de seu bando apresentam-se restabelecidos e lançam-se entusiasmados aos espaços do sertão.

É possível observar que o líder Riobaldo, agora transmutado em Urutu-Branco, se robustece após a noite de São João, trata-se agora de alguém renovado por energias capacitantes a constituir uma liderança renovadora (2016, p.101 e 295). Agora, o exercício da chefia tinha por característica corrigir os erros e, não, obter vantagens pessoais, e, por finalidade, edificar uma cidade de religião nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucuia (GSV, 1994, p. 436).

O professor Wille Bolle, no ensaio *grandesertão.br*, enfatiza ser o romance de Guimarães Rosa, essencialmente, uma glosa a respeito do pacto com o diabo que, para a histórica cultural, é uma forma mítica de representação do poder e da lei (2004, p. 144).

A respeito das interpretações realizadas sobre aquele marco do imaginário coletivo, desenvolvido à exaustão por Rosa, ele considera ter havido

[...]uma sobrevalorização dos aspectos existenciais, esotéricos, míticos e metafísicos da obra, em detrimento dos significados históricos – a tal ponto que a história, em alguns casos, é explicitamente eclipsada. Até bem recentemente, era de praxe nas indagações sobre a problemática existencial de Riobaldo evitar qualquer reflexão sobre a realidade brasileira, considerada assunto de rasa importância, comparado com as grandes questões metafísicas. (BOLLE, 2004, p. 147-148)

No entanto, pondera que não seria o caso de inverter essa polaridade, mas, sim, de buscar desvelar, dialeticamente, dos elementos metafísicos um retrato histórico, político e social do Brasil. E propõe que o ocorrido nas Veredas-Mortas foi uma representação da modernização brasileira com suas contradições e perversidade. Então, Guimarães Rosa apresentaria, a partir dos simbolismos esotéricos do pacto, a sua reflexão sobre instituições, sistemas, processos e leis que organizam a vida nacional (BOLLE, 2004, p. 148 e 155).

É sobretudo da instituição da lei fundadora da sociedade civil e do Estado que a alegoria das Veredas-Mortas trataria:

Minha tese é que o pacto em Grande Sertão: Veredas pode ser entendido com uma visão romanceada da lei fundadora, daquilo que a filosofia política, no limiar da modernidade, imaginou como sendo a base da sociedade civil e do Estado. [...] Enquanto Hobbes concebeu o contrato ou pacto dos cidadãos ou sujeitos como institucionalização do poder soberano do Estado, que poder ser monárquico, aristocrático e democrático, Rousseau desenvolveu essa ideia num sentido decididamente democrático. (BOLLE, 2004, p. 155-156)

Riobaldo, para ascender socialmente e gozar de poder, firma o pacto dos sujeitos, o falso contrato social que legitima o mando dos poderosos em detrimento do contrato social verdadeiro firmado na soberania do povo. Porém, isso lhe remói de remorsos a alma, o que indica possuir discernimento entre o Bem e o Mal. Um dilema moral de alguém que exerce um papel de chefia “transcende a esfera individual, para tornar-se uma questão política.

Efetivamente, o Mal de que trata *Grande Sertão: Veredas*, lido como história primeva do Brasil, é um mal social” (BOLLE, 2004, p. 157).

O pacto, assim compreendido, não poderia ser considerado exclusivamente como um acontecimento iniciático-esotérico de renascimento espiritual. Nele, Riobaldo faz uma opção social e política ao renegar sua condição de pobre. A partir daquele momento consolida uma nova identidade definida e manifestada por seu comportamento: “Trato? Mas trato de iguais com iguais. Primeiro, eu era que dava a ordem” (ROSA, 1994, p.597).

Com a fórmula de um trato entre iguais em que uma das partes dá as ordens, Guimarães Rosa introduz em sua narrativa ficcional um elemento de alta relevância teórica. Em termos de história social, esse trato pode ser identificado com o molde em que se deu durante o período colonial a união dos *senhores* com as coitadas *moradoras*, quase escravas, pertencentes à população primeva do país. É o que me levou a considerar essa cena uma alegoria do nascimento do Brasil. (BOLLE, 2004, p. 173)

Dessa forma, Guimarães Rosa, expõe a ordem social vigente no país: uma relação entre senhores e escravos, que é considerada por Bolle como a lei fundadora de nossa nacionalidade (2004, p. 174).

Respeitadas as divergências entre os dois ensaios aqui sintetizados, nos apropriamos para este trabalho daquilo que podemos denominar de uma centralidade convergente entre ambos, a saber: o conteúdo esotérico, mítico e metafísico em *Grande Sertão: Veredas* não se aplica, exclusivamente, à vida de um indivíduo, ou, a de um grupo de pessoas ou de uma ou outra região geográfica, mas pode ser decodificado com uma interpretação histórica, política e social do Brasil. Sendo esta, entendida por Roncari como a terceira camada do texto, aquela que tem merecido a menor atenção da crítica (2004, p. 18-19).

[...]Grande Sertão: Veredas representa uma espécie de síntese do universo ficcional de Guimarães Rosa, propositalmente direcionado para tentar decifrar imagens do Brasil e torna-las legíveis, enquanto produção de conhecimento, para a história e para a política. (STARLING, 1998, p.138)

Apesar do alerta para um possível reducionismo da obra de Rosa, caso se deseje extirpá-la de sua abordagem esotérica-iniciática, Utéza deixa clara a importância do sistema carma-reencarnação para o propósito de desenvolvimento do indivíduo, mas também do coletivo, ou seja, da vida político-social, no mecanismo do romance. Na sua exegese do

evento estruturante de *Grande Sertão: Veredas*, enfatiza que, após o assim denominado pseudopacto, Riobaldo, agora Urutu-Branco, levanta-se como uma liderança voltada para consertar o que está defeituoso e para edificar uma cidade de religião, uma nova Jerusalém.

A interpretação de Bolle reconhece que não é oportuno ou vantajoso fazer-se a mera substituição das análises metafísicas pelas históricas, mais desejável será, dialeticamente, solver do teor esotérico, mítico e metafísico o conhecimento histórico, político e social deixado por Rosa (2004, p. 148). É o que realiza no exame do pacto, no qual enxerga uma alegoria para representar a afirmação de uma liderança autoritária comprometida historicamente com a Lei Fundadora do Brasil, ou seja, com uma relação entre senhor e escravo, responsável por gerar e manter a forte e cruel desigualdade na sociedade brasileira.

Fica assentado, pelo que vimos, que Guimarães Rosa faz uma interpretação do Brasil em *Grande Sertão: Veredas*, embora seja preciso lembrar o conselho de Utéza no sentido de que não se recuse o convite da obra para que se dê um “saldo para a transcendência” para não resumir o conteúdo a um “projeto antropológico com interesse apenas em elaborar um novo “Retrato do Brasil” ou a uma tentativa de reescrever *Os Sertões* de Euclides da Cunha (2004, p. 48).

É possível observar na obra que Riobaldo, personificando o Brasil, desenvolve uma espiritualidade própria, pensando por si mesmo.

[...]o singular ecumenismo do narrador: uma heterodoxia fundada em um substrato esotérico que, para além da herança do cristianismo em sua versão católica exotérica, remonta às origens do *homo religiosus*. Nessas condições, a pedagogia do erro, da dúvida e da ambiguidade pode levar à luz do conhecimento sob a direção de um caipira do interior de Minas, com pelo menos tanta eficácia como uma lição ex-cátedra de metafísica dada por um doutro em filosofia. (UTÉZA, 2004, p. 59)

Essa espiritualidade ecumênica significa o retorno à fonte espiritual primeira e comum a todas religiões: “No discurso do narrador, a cultura judaico-cristã se impõe como sustentáculo de uma filosofia ecumênica em que transparecerem valores próprios da tradição oriental” (UTÉZA, 2004, p. 200).

Embora os relatos do narrador em sua história evidenciem a tentação de aderir a uma relação social cruel e promotora de desigualdade política e social pelo jogo do poder, também propõe que o entrelaçamento-cármico, realizado por via reencarnação, encaminha

a todos para um futuro de fraternidade. A localidade de Urubu, no interior da Bahia, é utilizada para simbolizar a origem histórica do Brasil. O início de uma vida, que irá prolongar-se em sucessivas reencarnações, conforme é possível interpretar dos versos quarto e quinto.

Urubu é vila alta,
mais idosa do sertão:
padroeira, minha vida –
vim de lá, volto mais não...
Vim de lá, volto mais não?...

Assim também, no terceiro verso da terceira estrofe, a reencarnação aparece:

Remanso de rio largo,
viola da solidão:
Quando vou para dar batalha,
convido meu coração.

Segundo Utéza, a batalha simboliza as reencarnações nas quais se estabelecem os fluxos de atração e repulsão de ato. O convite ao coração, no quarto verso, é feito porque na sede do sentimento está a chave da vitória, pois ao libertá-lo de sentimentos egoístas o ser humano se abre para a presença do sagrado que se manifesta nas formas de fraternidade e solidariedade.

Na segunda estrofe, manifesta-se a reconquista do Éden. O Brasil pode entendido como nova oportunidade ao ser humano para viver no Paraíso perdido.

Corro os dias nesses verdes,
Meu boi mocho baetão:
Buriti – água azaulada,
Carnaúba – sal do chão.

O primeiro verso recorda a frase “Diadorim, os rios verdes”, e descreve o *eu* assenhoreando-se do tempo. O último verso, ao falar da carnaúba, palmeira ligada à terra, remete à palavra do Cristo no “Sermão da Montanha”, quando alerta que somos o sal da terra. O sal não deve perder sua força, sua virtude, caso contrário não será possível restaurar-lhe a energia.

Os versos segundo e terceiro estão imbricados na passagem em prosa

[...]A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugar, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez? Eu queria formar uma cidade da religião. Lá, nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucuia. (GSV, p. 436)

Prosseguindo, em sua interpretação da Canção de Siruiz, Francis Utéza conclui que a segunda estrofe é uma imagem subliminal do Paraíso perdido que

[...]A localização ideal da Nova Jerusalém está efetivamente nas origens, nas fontes do Urucuia, naquele teto do Brasil central onde o *solve* do Rio e *coagula* do Chapadão são uno. E naquele nó onde tudo se ligaria – em religião, há o verbo *re-ligare* -, encaixa-se naturalmente o destino pessoal de Riobaldo, no fluxo de um tempo reversível. O passado vai andando para uma reintegração naquele Presente de Eternidade que é também o retorno à fonte. (2004, p. 79)

Riobaldo, considera que as lideranças políticas e sociais deveriam mobilizar as pessoas para viverem na Nova Jerusalém, conforme descreve o capítulo 21 do Apocalipse de Jesus segundo João Evangelista:

Então vi um novo céu e uma nova Terra porque o velho céu e a velha Terra tinham desaparecido, e o mar também já não existe. E depois vi, eu próprio, a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, esplendidamente bela, como uma noiva no dia do casamento. E ouvi uma voz muito forte, que vinha do trono, dizendo: "Eis que a morada de Deus é agora entre o seu povo! Ele habitará com eles e eles serão o seu povo. Deus mesmo estará com eles. Limpará de seus olhos toda a lágrima e não haverá mais morte; nem haverá tristeza, nem choro nem dor. Tudo isto pertence, para sempre, ao passado. (BÍBLIA, Apocalipse, 21, 1-4)

A paráfrase do texto bíblico pode ser encontrada em *Grande Sertão: Veredas*, como um reconhecimento da vocação do Brasil como Terra Prometida:

Às vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem, em algum apropriado lugar, no meio dos gerais, para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus e pedindo glória do perdão do mundo. Todos vinham comparecendo, lá se levantava enorme igreja, não havia mais crimes, nem ambição, e todo sofrimento se espalhava em Deus, dado logo, até à hora de cada uma morte cantar. (GSV, 1998, p. 74)

No Velho Testamento, Caim fugiu do Paraíso após assassinar seu irmão Abel. Apesar de seu crime, Deus prometera que ninguém o poderia ferir. No entanto, movido pela culpa e

pelo medo de ser vítima de vingança, abandonou o espaço sagrado e, depois, fundou uma cidade em busca de proteção. Então, a Nova Jerusalém irá sublimar o modelo de cidade dos homens, constituindo-se na realização de um projeto civilizatório, no qual a solidariedade exerce primordial na vivência entre irmãos.

5. UM MITO FUNDADOR EM CRISE

O dia 22 abril do ano 2000 assinalou o V Centenário do descobrimento do Brasil, ou da invasão portuguesa, conforme o viés analítico que o define. Desde o ano anterior, o Governo Federal constituiu uma comissão encarregada de definir a programação oficial, da mesma forma, os meios acadêmicos, o mundo da cultura e das artes e a sociedade civil organizada mobilizaram-se para comemorar ou para questionar a efeméride. A partir daquele marco, muitos aspectos da vida brasileira foram debatidos por múltiplos atores da vida nacional.

Na ocasião, veio à lume o ensaio filosófico *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária* de autoria da professora Marilena Chauí, uma das intelectuais mais críticas das comemorações: “Não há, portanto, nada a comemorar nestes 500 anos de descobrimento do Brasil, pois trata-se de um passado constituído por relações teleológicas e personalistas no qual se propõe que a história seja feita pela vontade de Deus e não graças ao trabalho dos homens” (2000 b, p. 35).

Os óbices para a comemoração do que quer que seja, fundamentam-se na própria estrutura da sociedade brasileira organizada a partir de uma cultura senhorial que hierarquiza o espaço social de maneira fortemente verticalizada: um agente superior manda e outro inferior obedece. Aquele que obedece nunca é reconhecido como sujeito com seus direitos a serem preservados e respeitados. Quanto aos iguais, nas camadas superiores, prevalece o compadrio. Na relação entre desiguais surge o clientelismo, a tutela e a cooptação. Finalmente, nos limites mais extremos da desigualdade, emerge a opressão e a repressão para dar cabo de situações que ameacem a estrutura vigente.

A pensadora inverte a lógica predominante segundo a qual o autoritarismo tem como epicentro o Estado, e o desloca para a sociedade. Esta, sim, é o centro irradiante do qual emanam as diversificadas formas de autoritarismo político.

Em seguida condensa as características autoritárias da sociedade brasileira:

Quadro – Características autoritárias da sociedade brasileira

Marca autoritária	Descrição
Matriz senhorial colonial	Disso decorre a maneira exemplar em que faz operar o princípio liberal da igualdade formal dos indivíduos perante a lei, pois no liberalismo vigora a ideia de que alguns são mais iguais do que outros. As divisões sociais são naturalizadas em desigualdades postas como inferioridade natural (no caso das mulheres, dos trabalhadores, negros, índios, imigrantes, migrantes e idosos), e as diferenças, também naturalizadas, tendem a aparecer ora como desvios da norma (no caso das diferenças étnicas e de gênero), ora como perversão ou monstruosidade (no caso dos homossexuais, por exemplo). Essa naturalização, que esvazia a gênese histórica da desigualdade e da diferença, permite a naturalização de todas as formas visíveis e invisíveis de violência, pois estas não são percebidas como tais.
Prevalência das relações privadas	Fundadas no mando e na obediência, disso decorre a recusa tácita (e, às vezes, explícita) de operar com os direitos civis e a dificuldade para lutar por direitos substantivos e, portanto, contra formas de opressão social e econômica: para os grandes, a lei é privilégio; para as camadas populares, repressão. Por esse motivo, as leis são necessariamente abstratas e aparecem como inócuas, inúteis ou incompreensíveis, feitas para ser transgredidas e não para ser cumpridas nem, muito menos, transformadas.
Patrimonialismo	Indistinção entre o público e o privado não é uma falha ou um atraso que atrapalham o progresso nem uma tara de sociedade subdesenvolvida ou dependente ou emergente (ou seja, lá o nome que se queira dar a um país capitalista periférico). Sua origem, como vimos há pouco, é histórica, determinada pela doação, pelo arrendamento ou pela compra das terras da Coroa, que, não dispondo de recursos para enfrentar sozinha a tarefa colonizadora, deixou-a nas mãos dos particulares, que, embora sob o comando legal

	<p>do monarca e sob o monopólio econômico da metrópole, dirigiam senhorialmente seus domínios e dividiam a autoridade administrativa com o estamento burocrático. Essa partilha do poder torna-se, no Brasil, não uma ausência do Estado (ou uma falta de Estado), nem, como imaginou a ideologia da “identidade nacional”, um excesso de Estado para preencher o vazio deixado por uma classe dominante inepta e classes populares atrasadas ou alienadas, mas é a forma mesma de realização da política e de organização do aparelho do Estado em que os governantes e parlamentares “reinam” ou, para usar a expressão de Faoro, “são donos o poder”, mantendo com os cidadãos relações pessoais de favor, clientela e tutela, e praticam a corrupção sobre os fundos públicos. Do ponto de vista dos direitos, há um encolhimento do espaço público; do ponto de vista dos interesses econômicos, um alargamento do espaço privado.</p>
<p>Práticas ideologizadas</p>	<p>Realizando práticas alicerçadas em ideologias de longa data, como as do nacionalismo militante apoiado no “caráter nacional” ou na “identidade nacional”, que mencionamos anteriormente, somos uma formação social que desenvolve ações e imagens com força suficiente para bloquear o trabalho dos conflitos e das contradições sociais, econômicas e políticas, uma vez que conflitos e contradições negam a imagem da boa sociedade indivisa, pacífica e ordeira. Isso não significa que conflitos e contradições sejam ignorados, e sim que recebem uma significação precisa: são sinônimo de perigo, crise, desordem e a eles se oferece como resposta única a repressão policial e militar, para as camadas populares, e o desprezo condescendente, para os opositores em geral. Em suma, a sociedade auto-organizada, que expõe conflitos e contradições, é claramente percebida como perigosa para o Estado (pois este é oligárquico) e para o funcionamento “racional” do mercado (pois este só pode operar graças ao ocultamento da divisão</p>

	<p>social). Em outras palavras, a classe dominante brasileira é altamente eficaz para bloquear a esfera pública das ações sociais e da opinião como expressão dos interesses e dos direitos de grupos e classes sociais diferenciados e/ou antagônicos. Esse bloqueio não é um vazio ou uma ausência, isto é, uma ignorância quanto ao funcionamento republicano e democrático, e sim um conjunto positivo de ações determinadas que traduzem uma maneira também determinada de lidar com a esfera da opinião: de um lado, os <i>mass media</i> monopolizam a informação, e, de outro, o discurso do poder define o consenso como unanimidade, de sorte que a discordância é posta como perigo, atraso ou obstinação vazia.</p>
<p>Demarcação contundente da distância social</p>	<p>Por estar determinada, em sua gênese histórica, pela “cultura senhorial” e estamental que preza a fidalguia e o privilégio e que usa o consumo de luxo como instrumento de demarcação da distância social entre as classes, nossa sociedade tem o fascínio pelos signos de prestígio e de poder, como se depreende do uso de títulos honoríficos sem qualquer relação com a possível pertinência de sua atribuição (o caso mais corrente sendo o uso de “doutor” quando, na relação social, o outro se sente ou é visto como superior e “doutor” é o substituto imaginário para antigos títulos de nobreza), ou da manutenção de criadagem doméstica, cujo número indica aumento (ou diminuição) de prestígio e de <i>status</i>, ou, ainda, como se nota na grande valorização dos diplomas que credenciam atividades não-manuais e no conseqüente desprezo pelo trabalho manual, como se vê no enorme descaso pelo salário mínimo, nas trapaças no cumprimento dos insignificantes direitos trabalhistas existentes e na culpabilização dos desempregados pelo desemprego, repetindo indefinidamente o padrão de comportamento e de ação que operava, desde a Colônia, para a desclassificação dos homens livres pobres.</p>

Fonte: Quadro organizado pelo autor com o texto de CHAUI, 2000, p. 90-92.

A autora propõe que as organizações políticas, por meio da cooptação, do clientelismo, da tutela e do messianismo mobilizam a sociedade, nomeadamente, a classe média, ao apelar para o imaginário autoritário, que mascara os conflitos federativos e esconde os conflitos sociais, e por meio do providencialismo configurado na promessa de progresso.

Esse movimento autoritário se dá, consubstanciado no mito fundador que possibilita a sacralização do governo vigente, e transforma em encenação teológica a prática política. No entanto, essa neblina não impede as camadas populares de perceberem a sua exclusão dos poderes do Estado. Deixadas ao desamparo, acabam por clamar e apoiar propostas salvacionistas e antidemocráticas (CHAUÍ, 2000, p. 93-94).

5.1 Outra perspectiva sobre o Mito Fundador do Brasil

Segundo Benedict Anderson, as nações são comunidades imaginadas, produtos culturais específicos, desenvolvidos no século XVIII a partir da interação de diversas forças históricas, e que têm a capacidade de gerar um enraizamento emocional que os sustentam ao longo do tempo (1983, p. 30). Assim também o Brasil é uma construção, ou como afirma CHAUÍ, “uma criação dos conquistadores europeus” (2000, p. 57).

Embora o conceito de nação seja uma invenção ou produto cultural recente, a formulação dos mitos fundadores largam raízes profundas nos tempos. O Brasil germina desde o surgimento da Ordem Templária, no século XI. Período, em que tem início a formação do Estado Português, com D. Afonso Henriques.

Será cultivado por D. Dinis e pela Rainha Santa Isabel, com as tradições das trovadoras das cantigas de Amor e a teologia profética de Joaquim di Fiori anunciando o Império do Espírito Santo. Será transmitido por escritos da Idade Média que anunciam o achamento das Ilhas Bem-aventuradas e que receberam a denominação de Hy Brasil.

[...] Entre 1325 e 1482, os mapas incluem a oeste da Irlanda e ao sul dos Açores a Insulla de Brazil ou Isola de Brazil, essa terra afortunada e bem-aventurada que a Carta de Pero Vaz de Caminha descreveu ao comunicar a El-Rei o achamento do Brasil. (CHAUÍ, 2000, p. 60)

Da mesma forma, contribui para a formação do mito fundador, a obra lítero-profética do padre Vieira, História do Futuro, ao anunciar o V Império haurido da interpretação feita pelo profeta Daniel a partir do sonho do rei da Babilônia Nabucodossor. Tradição que empolgará Fernando Pessoa, os integrantes do movimento Filosofia Portuguesa, nomeadamente, o filósofo Agostinho da Silva, um dos fundadores da Universidade de Brasília.

As ideias transmitidas por Agostinho da Silva e compartilhadas pelo professor Conceição Silva, também português que dedicou grande parte de sua vida à UnB, influenciaram os Tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil, além, do criador do Cinema Novo, Glauber Rocha.

O prototropicalista, Jorge Mautner, que compartilha em sua obra visões compatíveis com o Mito Fundador do Brasil compôs com Gilberto Gil a canção Outros Viram:

O que Whalt Withman viu
Maiakowski viu
Outros viram também
Que a humanidade vem
Renascer no Brasil!

Teddy Roosevelt viu
Rabindranath Tagore.
Stefan Zweig viu também
Todos disseram amém
A essa luz que surgiu!

Roosevelt que celebrou nossa miscigenação
Até considerou como sendo a solução
Pro seu próprio país
Pra se amalgamar
Misturar-melting pot feliz
Não conseguiu pois seu Congresso não quis!

Rabindranath Tagore profetizou
Ousou dizer que aqui surgiria o ser do amor
Ser superior, da paixão, da emoção, da canção
Terra do samba sim e do eterno perdão!

Maiakowski ouviu
A sereia do mar
Lhe falar de um gentil
De um povo mais feliz
Que habita esse lugar!

Esta terra do sol
Esta serra do mar
Esta terra Brasil
Sob este céu de anil
Sob a luz do luar! (MAUTNER; GIL, 2020)

A letra da canção demonstra que existe um entendimento entre vates da poesia mais refinada como Withman, Maiakowski e Tagore, independentemente de suas convicções ideológicas, no sentido de o Brasil ser o ponto de partida de uma civilização fundamentada no amor fraterno. Aliás, talvez, essa percepção estivesse presente entre os proclamadores da República brasileira quando escolheram o lema positivista “Amor, Ordem e Progresso” para a noção bandeira. Porém, terminaram, por acanhamento, por retirar o fundamento essencial da ordem e do progresso, ou seja, o amor.

Stefan Zweig poeta, escritor e ensaísta judeu-alemão, reconhecido mundialmente, refugiou-se no Brasil em fuga do autoritarismo reinante na Europa. Aqui publicou dentre outros trabalhos, o ensaio Brasil, o país do futuro (1941), que embora sofra algumas restrições críticas no presente, foi uma desassomburada declaração a favor de uma função histórica do Brasil, como espaço de convivência e amálgama das diversas culturas humanas, em contraponto à exclusão e a violência letal promovidas pelo nazismo.

Theodore Roosevelt realizou uma expedição científica como o Marechal Rondon, entre 1913 e 1914, que partiu da cidade de Cáceres no Mato Grosso e percorreu a selva às margens da Bacia Amazônica. O ex-presidente dos EUA, após esse período, considerou que o Brasil apresentava um modelo mais adequado, do que o vigente em seu próprio país, para a convivência entre brancos e negros. A crítica atual considera que ele teria aceitado, na verdade, o discurso oficial brasileiro de que tínhamos uma democracia racial (ANDREWS, 1997, p. 106).

Em 2019, Mautner lançou o álbum de músicas inéditas chamado “Não há abismo em que o Brasil caiba”. O nome é retirado de uma frase autoria de Agostinho da Silva por ocasião da crise do impeachment do então presidente da República, Fernando Collor de Mello, “o Brasil tem um destino tão grandioso, tão grandioso, que não tem abismo que o caiba” (BITTENCOURT, 2019). Ele próprio já consignara em Ensaio para uma Teoria do Brasil:

O que nos interessa, porém, agora, é realmente o problema do Brasil e da sua capacidade de liderar o futuro humano, quando se desembaraçar de tudo quanto lhe foi inútil na educação européia e exercer, com o esplendor e a vigorosa força de criação que pode demonstrar, as suas capacidades de simpatia humana, de imaginação artística, de sincretismo religioso, de calma aceitação do destino, de inteligência psicológica, de ironia, de apetência de viver, de sentido da contemplação e do tempo. (2009, p. 79)

Para Silva, Guimarães Rosa pertence a estirpe daqueles que são guiados a edificar o futuro com a força do sagrado e da eternidade. Em Chauí, *Grande Sertão: Veredas* retoma a epopeia cósmica da luta do bem e mal, cuja concepção é plantada em solo pátrio pelos jesuítas, para elevar ao ápice a edificação do sertão mítico (2000, p. 69).

Ao menos duas perspectivas se defrontam quanto ao mito fundador do Brasil: a primeira entende que o Brasil é a síntese de uma caminhada sagrada de elevação do gênero humano, o cálice sagrado, onde estão depositadas as esperanças de uma civilização de generosidade e de paz; a outra, que entende o mito como recurso astuto de dominação para impedir a autonomia das classes submetidas à exploração e o domínio das minorias oprimidas, ou, como impulso de resistência e revolta das massas populares que sob o imaginário do mito apoiam soluções antidemocráticas para os seus problemas.

No primeiro capítulo deste trabalho, buscou-se apresentar uma visão panorâmica da primeira corrente, fortemente permeada pela tradição esotérica. A seguir, desenhamos uma abordagem do mito como consolidação de um conjunto de crenças primevas, que são sucessivamente alimentadas e adaptadas às situações de cada momento histórico. Elas produzem soluções imaginárias e, dessa forma, distorcem a percepção da realidade o que dificulta identificar e desenvolver soluções efetivas para os problemas da sociedade (CHAUÍ, 2000, p. 8-9).

5.2 Aproximações de GSV do Mito Fundador do Brasil

Os eixos vertebradores do Mito Fundador do Brasil, segundo Chauí, são: “a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado” (2000, p. 58).

Primeiro eixo: O Brasil é a visão do paraíso

Os navegadores que empreenderam o alargamento do mundo, ainda que a serviço do capitalismo mercantil, tornando visível aquilo que estava no invisível, eram também inspirados e movidos pela crença difundida por franciscanos e jesuítas, segundo a qual, alcançariam o Oriente descrito no Velho Testamento, ou seja, o Jardim do Éden o Paraíso perdido em suas viagens. O fogo desse propósito foi alimentado pelo fluxo de correntes proféticas através da literatura do período medieval e da Renascença.

Na descrição feita por Pero Vaz de Caminha da terra encontrada, é possível identificar os três signos paradisíacos perpetuados pela tradição, são eles:

a referência à abundância das águas (dizendo tacitamente que a terra achada é cortada pelos rios de que fala o Gênesis), a temperatura amena (sugerindo tacitamente a primavera eterna) e as qualidades da gente, descrita como bela, altiva, simples e inocente (dizendo tacitamente que são a gente descrita pelo profeta Isaías). (CHAUI, 2000, p. 62)

Calculadamente, o Mito será utilizado para ocultar situações críticas como a escravidão, que era coisa a se esperar pois a serpente do mal habita o Paraíso. Assim os jesuítas de Coimbra desenvolvem teorias inspiradas na ideia de direito natural objetivo e subjetivo.

O direito objetivo explica que o mundo é hierarquizado conforme o grau de pureza e de poder de cada ser, por consequência o lugar de mando e servidão estão de acordo com a graduação divinamente estabelecida. O direito subjetivo reivindica que o ser humano é dotado de razão e vontade, permitindo-lhe escolher entre o bem e o mal.

Aplicado o direito natural às circunstâncias do selvagem que não pode raciocinar devidamente, bem como conduzir a si próprio, concluíam-se que ele é escravo natural. Sendo legítimo e, mesmo, obrigatório que o civilizado o conduza em razão de seu grau de inferioridade.

A inferioridade objetiva dos nativos na hierarquia natural dos seres justifica que, subjetivamente, escolham a servidão voluntária e sejam legal e legitimamente escravos naturais. (CHAUI, 2000, p. 65)

Quanto à escravidão negra, o fundamento foi o direito natural do vencedor escravizar o vencido em guerra. Uma vez mais prevalece o entendimento de que cabe ao banco superior o dever de conduzir o negro inferior à sua posição na ordem universal das coisas.

Segundo Chauí, a divisão do Brasil entre litoral e sertão é outra consequência da visão edênica. A simbologia imanente desta narrativa é a luta cósmica entre Deus e o Diabo. A narrativa tem início com os jesuítas que opunham o litoral receptivo à palavra sagrada e o sertão que a recusava, pois era habitado pelos gênios do mal.

Em Euclides da Cunha, as feições se invertem, o embate agora, à luz da ciência – nova religião, é entre o sertanejo forte, que pode construir o bom futuro, e o habitante do litoral, fraco metal e fisicamente, que representa o mau para o amanhã da raça. Plínio Salgado defende que o sertão expressa a própria brasilidade em oposição aos estrangeirismos debilitantes. Para Vargas, caminhamos para o Sertão movidos pelo fatalismo de nossa própria definição racial. É neste espaço, que há defesa contra aquilo de terrível que vem pelo litoral: liberalismo, comunismo e fascismo.

Para a filósofa uspiana, a plena mitificação do sertão acontece em *Grandes Sertões: Veredas*:

Essa longa construção do sertão mítico, que começa nos autos de Anchieta, passa pelo determinismo de Euclides, aloja-se na ideologia integralista da mentalidade sertaneja e na getulista das entradas e bandeiras, encontra sua culminância em Grande Sertão: Veredas, que retoma o sentido jesuíta inicial do embate entre duas forças cósmicas, Guimarães Rosa escrevendo que “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!” E forte com as astúcias, sabemos, é o Diabo. (CHAUÍ, 2000, p. 69)

Segundo eixo: Deus, profecia e história – Brasil, terra abençoada por Deus.

Na concepção judaico-cristã, a história é a ação divina no tempo humano. Há nessa narrativa a busca pela completude, que pode ser entendida como o fim da trajetória das desavenças e contradições humanas pelo cumprimento da Promessa Divina, e por consequência a integração da humanidade bem-aventurada na plenitude Eterna.

Essa completude, para uns, já se deu como o Advento do Messias; ainda se dará, com o Segundo Advento do Cristo, no Fim dos Tempos, julgam

outros, chamados de milenaristas. Seja como história messiânica, seja como história milenarista, a história se completará e o tempo findará. (CHAUI, 2000, p. 7)

A Igreja Católica, em razão de seu protagonismo cultural e do seu poderio econômico-político-militar, afasta-se da perspectiva milenarista. Propaga ao mundo que a revelação espiritual encerrou-se no primeiro Advento do Cristo, ela própria é a consolidação da Nova Jerusalém. Tudo está consumado!

Porém, pensamentos considerados heréticos irão sustentar que a consumação do plano de Deus, apenas ocorrerá quando houver o segundo Advento – a volta de Jesus à Terra, precedido de tempos abomináveis, mas também pela constituição de um Reino que não poderá ser destruído por mãos humanas, e que propiciará mil anos de felicidade, trata-se do V Império.

O frade franciscano Joaquim de Fiore estruturou uma doutrina milenarista, que influenciou fortemente os descobridores do Novo Mundo. Eles foram impulsionados por essa pregação-profética, ainda que discordante da teologia oficial.

Fiore defendia as Três Idades da história profética do mundo: a idade do Pai, a vigência do Velho Testamento caracterizada pela obediência; a idade do Filho, a vigência do Novo Testamento caracterizada pela manifestação da Graça Divina; a idade do Espírito Santo, a vigência do Evangelho Eterno pela multiplicação da sabedoria no mundo.

As próprias descobertas dos navegadores foram consideradas pelos adeptos da heresia joaquinista, como sinal do cumprimento das profecias anunciadas por Fiore, pois, assim como o povo de Deus se dispersou, no tempo haveria a hora da reunião de todas as nações, e esse reencontro seria assinalado pelo achamento de novas terras e novas gentes.

O próximo passo da ação divina na história humana, será a unificação do mundo: todos os povos e línguas amalgamados no Quinto Império sob o comando do Imperador dos Últimos Dias, profecia de Daniel a partir do sonho de Nabucodonosor.

Numa interpretação minuciosa dos grandes profetas, particularmente de Daniel e Isaías, versículo por versículo, o Padre Vieira demonstra que

Portugal foi profetizado para realizar a obra do milênio e cumprirá a profecia danielina, instituindo o Quinto Império do Mundo[...]. (CHAUI, 2000, p. 76)

Em seu livro a História do Futuro ou Do Quinto Império do Mundo e as Esperanças de Portugal, para demonstrar a predestinação lusitana em ser o agente e o objeto das profecias, o padre Vieira busca identificar no profeta Isaías, a descoberta do Brasil.

Ele o faz, provando que o Brasil foi profetizado por Isaías como feito português. [...]O profeta Isaías diz: “Ai da terra dos grilos alados, que fica além dos rios da Etiópia. Que envia mensageiros pelo mar em barcos de papiro, sobre as águas! Ide mensageiros velozes, a uma nação de gente de alta estatura e de pele bronzeada, a um povo temido por toda parte, a uma nação poderosa e dominadora cuja terra é sulcada de rios (Isaías, 18, 1-2)”. (CHAUI, 2000, p. 77)

Seja a partir do viés providencialista da Igreja institucional que condiz com os interesses das classes dominantes, pois a história já está dada e aguarda apenas o emissário consumidor. Seja pelo viés milenarista, que entende a história como uma promessa, sendo necessária realizá-la por uma ação coletiva. O Brasil é um nação abençoada e conduzida por Deus.

Terceiro eixo: o poder por direito divino do governante

A teoria do direito divino dos reis foi edificada em torno da ideia de que Deus é origem do poder político. Daí nasce a monarquia absolutista capaz de unificar o reino em um Estado centralizado. Justamente, esse modelo viabilizou o empreendimento das navegações, cujo objetivo era de descobrir fontes de riquezas e estender impérios para além do mar. Assim, por meio do capitalismo mercantilista, foi possível encontrar uma vazão para as pressões políticas e sociais surgidas na Europa com os estertores do feudalismo.

O rei, ao ser consagrado, recebe o corpo político ou místico e passa a ter dupla natureza. O monarca absolutista é investido de uma autoridade divina que não pode ser questionada, ou seja, está acima da lei. Temos então o poder teocrático, que se sustenta em duas formulações medievais: primeira – todo poder emana diretamente de Deus, o governante é Seu representante. O ato de governar é o de conceder favores, sendo o principal deles o de conceder algum poder com estamentos do reino. Segunda – a vontade do rei é a vontade de Deus. Na condição de representante do divino, é também senhor de todo

patrimônio régio, a exclusividade sobre terra é um exemplo desse monopólio da Coroa. (CHAUÍ, 2000, p. 81-82).

O poder teocrático da monarquia absoluta foi implantado no Brasil, e constitui a base do mandonismo brasileiro.

Disso resulta que as relações sociais se realizam sob a forma do mando-obediência e do favor, tornando indiscernível o público e o privado, estruturalmente já confundidos porque a coação, o arrendamento e a compra de terras da Coroa garante aos proprietários privilégios senhoriais com que agem no plano público ou administrativo. (CHAUÍ, 2000, p. 84-85)

Por efeito direto, observa-se que nossa sociedade considera os políticos eleitos representantes do Estado e não do povo. O que acaba por legitimar a prática de concessão arbitrária de favores e privilégios, por parte daqueles que estão no poder.

Com a articulação daquilo que denominamos de segundo e terceiro eixos do mito fundador, observa-se que

[...]do lado dos dominantes, ele opera na produção da visão de seu direito natural ao poder e na legitimação desse pretensão de direito natural por meio das redes de favor e clientela, do ufanismo nacionalista, da ideologia desenvolvimentista e da ideologia da modernização, que são expressões laicizadas da teologia da história providencialista e do governo pela graça de Deus; do lado dos dominados, ele se realiza pela via milenarista com a visão do governante como salvador, e a sacralização-satanização da política. Em outras palavras, o mito engendra uma visão messiânica da política que possui como parâmetro o núcleo milenarista como embate cósmico final entre a luz e a treva, o bem e o mal, de sorte que o governante ou é sacralizado (luz e bem) ou satanizado (treva e mal). (CHAUÍ, 2000, p. 86).

Na tecitura da interpretação do Brasil realizada por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* está presente o Mito Fundador, conforme reconhece Agostinho da Silva que nele reencontrou “os mesmos mitos e ideais que alimentaram a raça de nossos navegadores e poetas” (VARELA, 2006, p. 92). E, de acordo, com Marilena Chauí, o romance participa da tradição do Mito, ao retomar a narrativa da luta cósmica entre o Bem e o Mal, iniciada pelos jesuítas, e projetá-la de forma definitiva na mitificação do sertão.

É relevante ainda observar em *Grande Sertão: Veredas* a presença da ideia de uma espiritualidade ecumênica capaz de perfilha-lo à tradição do Mito Fundador, segundo a qual todos os povos e línguas seriam amalgamados. Riobaldo, a saber, o Brasil, bebe de toda água, de todo conhecimento espiritual. As Veredas Mortas ou Veredas Altas são a encruzilhada das encruzilhadas do conhecimento esotérico sobre o qual se assentam as infindáveis concepções de espiritualidade e religiosidade de toda a humanidade.

Há também a ideia de uma cidade de religião, a Nova Jerusalém, o Brasil como materialização de uma civilização. O que é coincidente com um dos principais eixos da decodificação do Mito Fundador, a formação do Quinto Império.

A questão do pacto ou pseudopacto com o diabo possibilita observar o embate cósmico entre o pensamento mágico e o racionalismo, materialismo e espiritualismo, opressão e justiça, sertão e litoral. Embate que resulta em uma síntese, pois é um esforço dialético.

A narrativa de Riobaldo expõe as chagas e as mazelas da injustiça social, do preconceito e da relação senhor e escravo que perpassa a história brasileira, no entanto reconhece um operador para a transformação: é o sistema carma-reencarnação. A maldade é transitória, porém auxilia no aperfeiçoamento de todos os envolvidos.

A edificação do V Império é obra transcendente de Deus, porque o ser humano tem Deus imanente em si. Por essa razão, o diabo que vige nas pessoas e na sociedade é desgastado pelos embates que produzem a melhoria dos indivíduos e das relações sociais. A maldade é transitória, porém auxilia no aperfeiçoamento de todos os envolvidos.

A liderança apresentada por Riobaldo, após cumprir a sua iniciação mística, é aquela que vem para corrigir o que prejudica as pessoas e tem por objetivo construir a cidade de religiões, ou seja, uma sociedade ecumênica. A reconquista do Paraíso é a nova civilização.

O narrador do *Grande Sertão: Veredas* afirma que Deus existindo há esperança, um milagre é sempre possível para solução dos problemas da existência. Nesse sentido há também coincidência com a tradição lastreada no Mito Fundador, que afirma ser o Brasil abençoado por Deus, pois sempre existe a hipótese de o impossível tornar-se possível.

6. CONCLUSÃO

Com o objetivo de responder à questão: O Mito Fundador está presente no Grande Sertão de Guimarães Rosa? Percorri o seguinte percurso de objetivos específicos nesta pesquisa:

- a) Verificar se há elementos do imaginário criado desde Portugal no século XII na narrativa do GSV.
- b) Esclarecer a forma pensamento adotada por Guimarães Rosa na criação do romance e seu pertencimento ao novo-paradigma do conhecimento.
- c) Analisar se as aparições e o imaginário de GSV emanam uma interpretação do Brasil.
- d) Descrever aspectos da crise do Mito Fundador desencadeada a partir das comemorações do V Centenário da descoberta ou invasão do Brasil.
- e) Avaliar se *Grande Sertão: Veredas* ressignifica e atualiza o Mito Fundador do Brasil para comunicá-lo ao mundo contemporâneo.

No decorrer do primeiro capítulo, Imaginário Esotérico e Mito Fundador do Brasil, procurei verificar como o Mito Fundador começou a ser desenvolvido à margem das instituições espirituais exotéricas institucionalizadas, e como, aos poucos, foi se transformado em uma versão predominante do imaginário no período das descobertas portuguesas.

Como foi possível verificar, a Ordem Templária em sua busca pelo Santo Graal é o elemento primeiro dessa construção narrativa. O nascimento de Portugal na Batalha de Ourique, que faz de D. Afonso Henriques, o emancipador do Condado Portucalense dos Reinos de Leão e Castela, rei, é um evento Templário. Considerando que ele foi educado e preparado por São Hugo e São Bernardo, ambos ligados à propagação das ideias relativas ao Santo Graal e da formação da Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo.

A perseguição desencadeada por Felipe, o Belo, levou a que membros da Ordem se refugassem em Portugal, onde D. Dinis, membro da confraria da tradição trovadora *Fidelle D'Amore*, transformou a Ordem dos Templários na Ordem de Cristo para que pudesse manter suas ideias espirituais. A esposa do monarca português, a Rainha Santa Isabel, fora

educada nas ideias de Joaquim de Fiore e, portanto, propugnava a chegada da Idade do Espírito Santo, coroamento da história profética que consolidava o tempo divino na história, com a união de todas as crenças e raças da Terra em um só espaço de paz.

O casal real instituiu a Festa do Divino Espírito Santo, na qual todos são alimentados, os presos são libertados, e um menino é sagrado Imperador. Nela é possível enxergar a pregação simbólica da instituição do V Império. A Festa foi levada para onde, depois, aportaram as caravelas lusitanas, chegando ao Brasil, aonde subsiste até hoje. D. Dinis foi ainda responsável pela plantação do simbólico pinhal de Leiria que possibilitariam ao Infante D. Henrique construir as Naus em busca do Éden perdido.

O achamento do Éden combina-se com a edificação do V Império, cujas imagens proféticas começaram a ser anunciadas pelo sapateiro-profeta Bandarra, que proclamava aos quatro ventos ser aquele o destino de Portugal. Do homem simples ao literato, o mito avança. E o Padre António Vieira com a sua História do Futuro propaga a convicção de ser destinação sagrada de Portugal constituir-se no Reino sonhado por Nabucodonosor, e identificado pelo profeta Daniel como uma obra divina para a confraternização de todas as gentes.

A tradição histórico-ecumênica-esotérica de Portugal é abraçada por seus intelectuais da Renascença Portuguesa e Filosofia Portuguesa. Dentre os quais, Fernando Pessoa, cujo pensamento esotérico, produziu entre outras preciosidades do imaginário lusitano de mundo, o livro *Mensagem*. Todo ele, uma leitura na perspectiva do pensamento mágico e do reencantamento do mundo. Da mesma árvore do pensamento ecumênico-esotérico, procedem o historiador e pensador Jayme Cortesão e o filósofo Agostinho da Silva.

Está documentada a relação havida entre Guimarães Rosa e Jayme Cortesão, diretamente pelas aulas sobre as descobertas portuguesas e o Brasil, que o brasileiro assistiu no Instituto Rio Branco e que foram proferidas pelo exilado da ditadura salazarista. Outro ponto de contato entre ambos foi o editor António de Sousa Pinto, responsável pela divulgação da cultura portuguesa no Brasil, e da cultura brasileira em Portugal.

O educador Agostinho da Silva, genro de Jayme Cortesão, no seu período de exílio político no Brasil ajudou a criar diversas importantes universidades públicas, dentre elas, foi cofundador da Universidade de Brasília. Em sua apreciação, a obra de Guimarães Rosa tem a mesma chama flamejante dos poetas e navegadores portugueses.

Assim é possível concluir que, o ecumenismo-esotérico identificado por Francis Utéza em *Grande Sertão: Veredas*, tenha sido, também, influenciado pelo pensamento esotérico universalista contido no imaginário lusófono, que transpunha para o Brasil a concretização do V Império.

A mesma tradição espiritual pode ser encontrada no Brasil, especialmente, quando analisamos o livro de Humberto de Campos e Chico Xavier “Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho”. A reportagem mediúnica revela anais da história espiritual, segundo a qual, Portugal foi escolhido para revelar ao mundo o novo Éden.

E, embora, a violência movida pelos interesses mercantilistas oprimissem cruelmente nações indígenas e escravizassem enormes contingentes de africanos, sobreviveria um liame de fraternidade capaz de amalgamar brancos, indígenas e negros numa sociedade nova, na qual, indivíduos de todas as nações pudessem ser acolhidos fraternalmente na Nova Jerusalém.

O livro foi publicado em 1938, período em vigorava o Estado Novo getulista, no qual, paralelamente, a ideia da miscigenação era evocada como uma destinação irrecorrível e necessária da identidade brasileira. Porém, as abordagens diferem na análise de suas causas e forças impulsionadoras.

No pensamento positivista de Getúlio Vargas, a miscigenação era impulsionada pelas forças da história e constituíam um efeito biológico. Na tese de Campos, o projeto era espiritual, a harmonização se faria pelos sentimentos e por valores transcendentais, que gradativamente limariam as violências propiciando o encontro de todos. É formação de um amálgama, cujo elemento consolidador é amor incondicional exemplificado por Jesus em seu Evangelho.

Guimarães Rosa dava primazia, dentre todos os pensadores e luminares da história, ao Cristo, com quem desejava unir-se cada vez. Essa característica do pensador e escritor indica uma identidade com a perspectiva contida na leitura de Humberto de Campos.

Em *Grande Sertão: Veredas*, as imagens, desenvolvidas no imaginário português e na narrativa espírita, fundem-se para oferecer uma interpretação de Brasil, a partir de uma metafísica que reúne Oriente e Ocidente, o Evangelho e o Tao-Te-King.

Para dar conta de elaborar essa interpretação originalíssima de Brasil, Guimarães Rosa, a priori, descarta a megera-cartesiana. Livra-se das amarras do pensamento reducionista-mecanicista, e mergulha nas possibilidades do pensamento mágico, capaz de reencantar o mundo. Ele defende o primado da intuição, para ele a dimensão mágica é lugar onde se pode, de fato, captar a essência da trajetória humana.

Grande Sertão: Veredas resulta assim do método fenomenológico, no qual, o eu e objeto se identificam, o mundo não existe fora da consciência do observador. Essa concepção, os conceitos da microfísica, desenvolvidos no final do século XIX e ao longo do século XX, confirmarão.

Daí ser possível compreender também a formulação de *Grande Sertão: Veredas* em múltiplas camadas que se interpenetram de forma complexa. Enquadra-se, dessa forma, a obra, nos princípios da complexidade de Morin:

- a) GSV é dialógico porque os elementos complementares e contraditórios preservam a dualidade e formam uma leitura una;
- b) é recursivo porque o efeito realimenta as relações de causa e efeito;
- c) e, há efeitos holográficos quando se identifica a parte no todo da narrativa, e vice-versa.

Em linhas gerais, no Sertão da narrativa rosiana, é possível identificar a violência e a transcendência; a violência pode ser sublimada em transcendência que resulta em Sertão.

A razão-sensível da fenomenologia de Maffesoli está presente no romance que pesquisa o Brasil, por meio da tríade: descrição, intuição e metáfora. Trata-se de uma conjugação de racionalidade, emoção e transcendência. O que permite concluir que a metodologia de trabalho de Rosa, e, também, aquela com que se realizou o presente trabalho, está alinhada com o novo-paradigma do conhecimento.

Ao analisar, se as aparições e o imaginário de GSV emanam uma interpretação sobre identidade brasileira, foi possível constatar que o próprio autor afirmou ser, o personagem central da obra e seu único narrador, o próprio Brasil personificado em Riobaldo.

Como a abordagem que adotei leva em consideração a escrita como processo mediúnico, nos termos elaborados por Morin, há que se concluir que, estamos conhecendo em GSV, a expressão do pensamento do sistema Guimarães Rosa-Riobaldo.

O que emana dali, segundo críticos da obra, é sim uma interpretação do Brasil. Ainda que, sob certa visão, ela esteja datada pelos tempos da República Velha, outra análise crítica, propõe que, a extensão da análise realizada por Rosa, é mais alargada, e trata-se de fato, de uma leitura de nação a partir de sua Lei Fundadora, ou seja, da fixação de relações sociais firmadas na desigualdade entre senhores e escravos.

No entanto, ambas as abordagens, me pareceram ainda insuficientes para apresentar com clareza o arcabouço utilizado para a interpretação do Brasil por Guimarães Rosa. Assim partindo da análise esotérica, apresentada por uma forte corrente crítica de sua obra, e considerando o recurso teórico de transpor os elementos metafísicos em retrato histórico.

Dessa forma, pude intuir que, Guimarães Rosa, ao estruturar a narrativa de Riobaldo com uma espiritualidade própria, caracterizada pelo ecumenismo-esotérico e, por meio dela, analisar situações descritas ao longo do livro, estava propondo uma interpretação diferenciada e inovadora de Brasil.

Quando GSV é admitido como um processo iniciático que acompanha o ser, desde a nonada até ao infinito conhecimento incessante, descrevendo a travessia de um a outro ponto, verifica-se a convergência do saber iniciático do Oriente e da leitura do Evangelho realizada, no Ocidente, pelo Espiritismo codificado por Allan Kardec.

O processo *mediúnico*, Rosa-Riobaldo, apresenta análises de acontecimentos a partir preceitos espirituais, tais como: carma ou Lei de Causa e Efeito, reencarnação e ascese mística.

É preciso lembrar Guimarães Rosa foi leitor e admirador de Léon Denis, filósofo que deu continuidade à obra de Kardec. Pois, justamente Denis, defendeu que o sistema carma-reencarnação além de ser um mecanismo de desenvolvimento individual, aplica-se também ao aperfeiçoamento coletivo. De onde depreendo que, Guimarães Rosa, ao tratar de casos exemplares sobre o assunto estava, metaforicamente, tratando do processo coletivo do povo brasileiro.

Outros elementos espirituais esotéricos permeiam o GSV e são, por isso mesmo, estruturantes para a interpretação de Brasil feita por Guimarães Rosa, tais como: a busca por beber a essência de todas as religiões, ou seja, da mensagem primacial que, ao longo dos tempos, recebeu diversas formas conforme as diversas culturas e os costumes dos diferentes

povos; o desenvolvimento de uma liderança destinada a corrigir o malfeito e induzir ao bem-estar comum; a religiosidade entendida como religação à essência original da vida; a edificação, no Paraíso reencontrado, da Nova Jerusalém dando cumprimento à vocação do Brasil como Terra Prometida.

As observações permitem concluir que, a partir de pressupostos ecumênicos-esotéricos, GSV apresenta uma interpretação original do Brasil.

Por ocasião das comemorações do V Centenário da descoberta ou invasão do Brasil, a professora Marilena Chauí propôs uma discussão entorno do Mito Fundador do Brasil, cuja decodificação, proposta por ela, foi distribuída neste trabalho em três eixos: Brasil visão do Paraíso Perdido; Deus, profecia e história (Brasil, terra abençoada por Deus); o poder como direito divino do governante.

De acordo com a professora Marilena Chauí, o Mito Fundador produz soluções imaginárias e, dessa forma, distorce a percepção da realidade o que dificulta identificar e desenvolver soluções efetivas para os problemas da sociedade brasileira, além, de impregnar tanto as classes dominantes, quanto as classes populares de um autoritarismo sustentado em crenças lastreadas no Divino. Dessa forma a história não é construção humana, mas de Deus.

Em *Grande Sertão: Veredas*, ela identifica a presença do Mito Fundador como uma retomada da epopeia cósmica da luta do bem e mal, cuja concepção é plantada em solo pátrio pelos jesuítas inspirados pelo pensamento de Joaquim de Fiore, para elevar ao ápice a concepção de um sertão mítico.

Por outro lado, o Mito Fundador do Brasil é evocado em obras artístico-culturais-filosóficas, como a de Jorge Mautner, que se alinham com o pensamento ecumênico-esotérico da Renascença Portuguesa e do movimento Filosofia Portuguesa. O Brasil, então, é entendido como *amálgama* fraterno, síntese da humanidade. Essa perspectiva de análise, também, considera a necessidade urgente da *brasilificação* do mundo para evitar uma nova nazificação.

Para Mautner, *Grande Sertão: Veredas* eleva a sabedoria do povo brasileiro ao que há de mais avançado na filosofia mundial. No século XXI, o Brasil ecumênico de índios-brancos-negros será a viga principal da civilização.

A contínua republicação do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de Humberto de Campos e Chico Xavier e sua vitalidade nos debates promovidos pelo Espiritismo, por diversas religiões e movimentos espiritualistas no Brasil, reforçam, em grande parte, as concepções elaboradas pelos pensadores esotéricos de Portugal.

O enquadramento, proposto por Chauí à GSV, na perpetuação do Mito Fundador do Brasil restringindo-o à mitificação do sertão, a partir de uma releitura do drama cósmico do Bem e do Mal introduzido no imaginário brasileiro pelos jesuítas influenciados pela mística de Joaquim de Fiore, pareceu-me insuficiente para dar conta da obra.

O trabalho de Guimarães Rosa é todo uma interpretação ampla do Brasil a partir de um imaginário esotérico, sem alienar-se dos problemas da sociedade brasileira, pelo contrário, os expõe com cruza: a violência institucionalizada, os conchavos políticos, o abandono dos mais pobres etc.

No entanto, propõe caminhos originais para a equação dos impasses estruturais de nossa nação, por meio de uma síntese espiritual que abarca a espiritualidade do Oriente e do Ocidente. Seu objetivo não se resume à dicotomia sertão-litoral, é muito mais ampla, propõe uma simbiose entre os princípios material e espiritual para fundamentar a civilização nascida do Brasil. A história, para Rosa, é uma construção do intercâmbio do ser humano (corpo-espírito) com a Lei de Deus, considerando sempre a possibilidade da intervenção divina quando surge o limite humano para a solução de situações, aparentemente, insolúveis.

No presente trabalho, embora não tenha sido elencado em seus objetivos, poderia ter sido tratado de forma mais direta e aprofundada a questão mal, do negativo e do Diabo em GSV, o que poderia dar maior sustentação à conclusão de que não há, na obra, nenhum pendor de distanciamento da realidade social e política. E, mesmo, confirmar que a leitura do Mito Fundador do Brasil, apresentada por ela, propõe respostas a partir dos princípios esotéricos e espirituais para as temáticas da vida brasileira.

Além dessa lacuna, considero que há uma vereda de grande importância a ser posteriormente percorrida pela pesquisa, a saber, um estudo para detalhar a interpretação de Brasil contida em *Grande Sertão: Veredas*, a partir dos elementos que compõe o Mito Fundador do Brasil. Neste sentido, será relevante investigar, a relação de Guimarães Rosa e de seu romance, com os pensadores da Filosofia Portuguesa e com suas obras.

Parece também promissor, investigar, a obra de Guimarães Rosa no contexto da lusofonia, considerando os liames espirituais e esotéricos dos povos falantes da Língua Portuguesa. Especialmente, sob o viés da construção ecumênica de uma comunidade lusófona, tanto do ponto de vista espiritual quanto cultural. O que significa tratar com gentes da Ásia, da África, da Europa e da América.

No âmbito da presente pesquisa, foi-me possível concluir que o Mito Fundador do Brasil está presente *Grande Sertão: Veredas*, perfilha-se, assim, a uma leitura ecumênico-esotérica iniciada desde o XII em Portugal. E, a partir de uma narrativa, feita com bastante crueza, de vários aspectos da sociedade brasileira, tais como: a violência, o abandono das populações mais pobres, os mandos e desmandos dos poderes constituídos e de um dramático relato da triste relação senhor-escravo, que perpassa nosso convívio social desde a séculos. Elabora, com princípios universais de espiritualidade, perspectivas de transformação para que a nação brasileira edifique a civilização fraterna que está contida no imaginário do seu Mito Fundador.

Entendo, assim que *Grande Sertão: Veredas* ressignifica e atualiza o Mito Fundador do Brasil, porque dialoga com a realidade concreta edificada ao longo dos séculos, para comunicá-lo às novas gerações perpetuando-o no tempo.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Consuelo. **Bruxo da linguagem no Grande Sertão**. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1977.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ANDREWS, George R. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, n. 30, p. 95-115, maio/ago. 1997.

AXOX, Chiara de O. C. C. C. di. **Sob a Tapatrava de Guimarães Rosa**: o misticismo na vida e na literatura de Joãozito. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Departamento de Letras da PUC, Rio de Janeiro.

_____. **Solve et Coagula**: dissolvendo Guimarães Rosa e recompondo-o pela ciência e espiritualidade. 2013. 248 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC, Rio de Janeiro.

BAIÃO, Livia de S. Walter Benjamin relampeja em Guimarães Rosa. **Cadernos Benjaminianos**. Belo Horizonte, v. 10, p. 100-111, 2015.

BARROS, Eduardo P. Michel Masefoli: a pós modernidade se orienta para “algo anarquista”. *Revista da Faculdade Biblioteconomia e Comunicação*, Porto Alegre, vol. 19, n. 2, jul.-dez. 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/41958/31044>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BERRIEL, Carlos. Da ficção historiográfica ao paulista como ‘raça superior’. Entrevista concedida a Carlos Orsi. **Jornal da Unicamp**, Campinas, n. 569, p. 5-7, 4 ago. 2013.

BÍBLIA. *In* Bíblia online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ol>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BITTENCOURT, Julinho. O melhor de Jorge Mautner em “Não há abismo em que o Brasil caiba”. *Revista Fórum*, Santos, 15 abr. 2019. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/cultura/o-melhor-de-jorge-mautner-em-nao-ha-abismo-em-que-o-brasil-caiba/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BIZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu editor italiano. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BOLLE, Willi. **Gradesertão.br**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2004.

BOMENY, Helena. Universidade de Brasília: filha da Utopia de reparação. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 31, número especial 30 anos, p. 1003-1028, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31nspe/0102-6992-se-31-spe-01003.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRAGAGNOLO, Felipe. Atitude natural e atitude fenomenológica: a relação existente entre diferentes atitudes a partir do ato intuitivo. *Revista Intuitio*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 73-88, nov. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/17312>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento**: um olhar sobre a expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

CALADO, Carlos. **A história de uma revolução musical**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

CALAFATE, Pedro. *José Marinho*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910e.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. *Leonardo Coimbra*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910b.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. *Sampaio Bruno*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/rep6.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CAMPOS, Humberto de (Espírito). **Brasil coração do mundo, pátria do Evangelho**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 2018. Disponível em: <http://www.feblivraria.com.br/febnet/paginas/brasilcmpe.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **Grande Sertão**: Veredas - Antônio Cândido sobre Guimarães Rosa. 2014. (18m 01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura, emergente**. 1 ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1982.

CARDOSO, Marília R. Cadernos de rosa: uma lição benjaminiana sobre a arte da linguagem. Revista de Letras. Fortaleza, v. 1. n. 28, p. 112-115, jan./dez. 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Celso. MARQUES, Juliana. Programa do Curso Interpretações do Brasil. Rio de Janeiro: FGV Direito Rio, 2015. Disponível em: https://diretorio.fgv.br/sites/diretorio.fgv.br/files/u100/interpretacoes_do_brasil_2015-1.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

CASTRO, Damião A. de L. *História Geral de Portugal, e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa, Typografia Rollandiana, 1786. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ZerqifGsq3YC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 fev. 2020.

CASTRO, Gustavo de. **Aspectos do imaginário e da comunicação em Grande Sertão: Veredas**. Revista Intertexto. Porto Alegre, n. 40, p. 96 – 113, set./dez. 2017.

_____. **Comunicação e transcendência**. São Paulo: Annablume, 2013.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

CHACON, Vamireh. **Deus é brasileiro: o imaginário do messianismo político no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. O mito fundador do Brasil. **Jornal Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2603200003.htm>. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. O que comemorar?. **Revista Projeto História**. São Paulo, v.20, p. 35-62, abr. 2000.

COHN, Sérgio (org.). **Encontros-Jorge Mautner**. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

COSTA, Sérgio. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 29, n.3, p. 823-839, set./dez. 2014.

COUTO, José G. *Ação Portuguesa abarca do candomblé ao concretismo*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jul. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u34738.com.br/folha/ilustrada/ult90u34738.shtml>. Acesso em: 18 fev. 2020.

CURY, Carlos R. J. **Alceu Amoroso Lima**. Recife: Fundação Joaquim Naburo, Editora Massanga, 2010.

DENIS, Léon. **O Problema do Ser e do Destino**. 1. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

DIEHL, Astor A. Caio Prado Júnior: as ideias de futuro que se tinha no passado e o pêndulo da razão. In: AXT, Gunter; SCHULER, Fernando (org.). **Intérpretes do Brasil: cultura e identidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

DINES, Alberto. O fracasso da Nova República. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, n. 865, 28 ago. 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/lava-jato/o-fracasso-da-republica-nova/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2010.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

EPIFÁCIO, Renato. A visão de Agostinho da Silva de Portugal e do Brasil. **Revista Ideação**, Feira de Santana, n. 17, p. 73-92, 2007.

ESTRADA, Adrian A. Razão, complexidade e educação. **Akropólis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Umuarama, v. 14, n. 2, p. 85-87, 2006.

FALANGE. In DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/falange/>. Acesso em: 19 fev 2020.

FAMECOS, Porto Alegre, v. 20, n. 20, p. 13-20, abr. 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198>. Acessado em: 20 fev. 2020.

FERNANDES, Cíntia S. Sociedade, Comunicação e Política: a experiência estético-comunicativa da Rede MIAC na cidade de Salvador. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do Brasileiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil**. Rio de Janeiro: 2000. (Intérpretes do Brasil, v. 2 e 3).

GALVANI, Walter. **Nau capitânia: Pedro Álvares Cabral**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GARCEZ, Luciane R. N. **O mito, o herói, o artista**. Revista Ohun, Salvador, ano 4, n. 4, p. 84-99, dez. 2008.

GIANNETTI, Eduardo. **Trópicos Utópicos**: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e na colonização. São Paulo: Publifolha, 2000.

INFOPEDIA. Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$teixeira-de-pascoaes](https://www.infopedia.pt/$teixeira-de-pascoaes). Acesso em: 8 nov. 2018

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). Carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Pero%20Vaz%20de%20Caminha%201500.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2020.

INTÉRPRETES DO BRASIL. Alberto Torres. Disponível em: <http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/75.av>. Acesso em: 20 fev. 2019.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 131. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013

_____. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

LAGES, Susana Kampff. “A Europa de Guimarães Rosa e de Eduardo Lourenço: Portugal, Europa e os não-lugares da saudade.” IN: Anais do Congresso Nacional do Cinquentenário de Grande sertão: veredas & Corpo de Baile. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2006.

LIMA, Sandra M. M. **Uma voz espírita em Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Annablume, 2008.

MAFFESOLI, Michel. A Comunicação sem fim: teoria pós-moderna da comunicação. Porto Alegre, **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 22, p. 13-20, abr. 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. 1 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

MAGALHÃES, Carlos K.; SILVA, Fernando A.; CALDEIRA, Guilherme. A circunstância em José Ortega y Gasset: aproximações ao inconsciente junguiano. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, vol. 29, n.1, p. 58-66, jan./abr. 2018.

MANDUCO, Alessandro. História e Quinto Império em Antônio Vieira. **Topoi, revista de história**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 246-260, jul.-dez. 2005.

MARTINEZ, Monica. SILVA, Paulo C. Fenomenologia: o uso do método em comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v. 17, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2014.

MARTINS, Fernando C. Pessoa em 1912 ou o Saudosismos do Averso. **Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa**. Porto, n. 28, jun. 2013.

MAUTNER, Jorge. **Grande Sertão: Veredas**. Disponível em: <http://www.panfletosdanovaera.com.br/detalhe/3746>. Acesso em: 4 nov. 2018.

_____. **Jorge Mautner: o processo de brasilificação está em avanço absoluto**. Depoimento. [30 de março, 2012]. Rio de Janeiro: Portal IG. Entrevista concedida a Anderson Dezan. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/jorge-mautner-o-processo-de-brasilificacao-esta-em-avanco-absolu/n1597727269812.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. **Mautner: a música brasileira é poesia e profecia**. Depoimento. [11 de julho, 2016]. Salvador: Jornal A Tarde. Entrevista concedida a Daniel Oliveira. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1785490-mautner-a-musica-brasileira-e-poesia-e-profecia>. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. **Mitologia do Kaos**. Rio de Janeiro, 2002. v.1.

_____. **Mitologia do Kaos**. Rio de Janeiro, 2002. v.2.

_____. **Mitologia do Kaos: trajetória do Kaos**. Rio de Janeiro: 2002. v.3.

_____. **O filho do Holocausto: memórias (1941-1958)**. São Paulo: Agir, 2006.

MAUTNER, Jorge; GIL, Gilberto. **Outros Viram**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jorge-mautner/1033997/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MELO, Daniel. **Semblanza de António de Sousa Pinto (1901-1987)**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes - Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI).

Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/buscador/?q=Semblanza+de+Ant%C3%B3nio+de+Sousa+Pinto>. Acesso em: 18 fev. 2020.

MILANO, Gustavo. SALLA, Thiago M. Os Contos antes de Sagarana: desdobramentos da participação de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos no Prêmio Humberto de Campos. **Revista USP**, São Paulo, n. 115, p. 77-88, out./nov./dez. 2017.

MORAIS JUNIOR, Luis C. de M. **Proteu, ou, a arte das transmutações**: leituras, audições e visões da obra de Jorge Mautner. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.

MOREIRA, Daniel A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORIN, E. Cultura de massa no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1962.

OLIVEIRA, Elson D. Deus e o Diabo no *Grande Sertão: Veredas*: Uma Leitura Antimaniqueísta. **Revista Millenium**. Viseu, n.46-A, p. 138-152, nov. 2014.

PATTO, Maria H. S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v.13, n.35, p. 167-198, jan./abr. 1999.

PESSOA, Fernando. **A procura da verdade oculta: textos filosóficos e esotéricos**. 2. ed. Lisboa, 1989.

_____. **Mensagem**. Brasília: Thesaurus, 2006.

PIMENTEL NETO, Aydano de A. **Entre espelhos e labirintos: uma mirada argentina sobre o Brasil**. 2006. 141 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

PINHO, Felipe. Introdução à Fenomenologia Husserl. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/felipespinho/introduo-fenomenologia>. Acessado em: 20 fev. 2020.

PITTA, Danielle P.R. Elementos de método na obra de Michel Maffesoli. *Revista Comunicação e Universidade*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 20-23, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14576/11039>. Acessado em: 20 fev. 2020.

QUEIROZ, Milena de L. **Pacto diabólico [e outros pactos] em Grande Sertão Veredas**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, 2018.

QUELER, Jefferson J. Novas perspectivas sobre a República no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 33, n. 96, p. 1-5, 2018.

RAMATÍS (Espírito). **A vida no planeta Marte e os discos voadores**. Psicografado por Hercílio Maes. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2015.

REAL, Miguel. O espiritualismo d'A Águia. **Cultura Revista de História e Teoria das Ideias**. Lisboa, v.28, p. 237 – 255, 2011.

RED, Piers P. **Os Templários**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, David W. A. **Cartografia das relações: as condições da produção intelectual e os percursos da escrita histórica de Jaime Cortesão no Brasil (1940-1957)**. 2015. 260 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

RIBEIRO, David W. A. **Uma exposição para o IV Centenário de São Paulo: um historiador português narra a “história bandeirante”**. An. mus. paul. [online]. 2018, vol.26, e23. Epub Nov 23, 2018. ISSN 0101-4714.

RIBEIRO, João U. **Viva o povo brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: o amor e o poder**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, João G. **Grande Sertão: Veredas**. 1.ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

_____. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Vilma G. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, Meu pai**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SÁ, Lúcia H. A. de. **Agostinho da Silva e José Luís Conceição Silva: professores luso-brasileiros na Universidade de Brasília**. Revista Participação. Brasília, Ano 12, n. 22, p. 23-29, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/25627/22536>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SANTOS, Juliano B. Elogio da Razão Sensível. Revista Escritos, Salvador, ano 6, n. 6, p. 355-358, 2012. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero06/escritos%206_15_resenha-elogio%20da%20razao.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

SANTOS, Silvana S. C.; HAMMERSCHMIDT, Karina S. de A. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 65, n. 4, p. 561-565, jul./ago. 2012.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLIN, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

SERVA, Maurício. O paradigma da complexidade e a análise organizacional. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, vol. 32, n.2, p. 26-35, abr.-jun. 1992. Disponível em: <http://rae.fgv.br/rae/vol32-num2-1992/paradigma-complexidade-analise-organizacional>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SILVA, Agostinho. **Condições e missão da comunidade luso-brasileira**. SIEWIERSKY, Henryk (org.). Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

SILVA, Antonio C. S. **Jorge Mautner e seus múltiplos na escrita autobiográfica**. 2016. 209 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SILVA, José L. C. **Os painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil**. Brasília: Edição do Autor, 1997.

SILVA, Juremir M. Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p. 43-48, dez. 2004. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/view/269/showToc>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Gilberto Freyre, o clássico injustiçado. *In* AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (org.). **Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

SILVA, Monica M.; SILVA, Paulo C. Fenomenologia: o uso como método em Comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 1-15, maio-ago. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3283/2541>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SIMAS, Luiz A.; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUZA, Raquel. Augusto Casimiro e Fernando Pessoa: “Nau...Portugal” e a conquista da “Distância”. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 1, mai. 2007.

TEIXEIRA, Carlos G.T.; MARCO, Paola; DIAS, Patrícia R. Método fenomenológico: conceitos e abordagens na pesquisa em comunicação. Texto apresentado no **I Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**. São Leopoldo: Unisinos, 2016. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticom-resumos/article/view/592>. Acesso em: 20 fev. 2020.

TEIXEIRA, Dulcínea. **Teixeira de Pascoaes**. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910a.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

TIMPONY, Miguel. **A psicografia ante os tribunais: o caso Humberto de Campos**. Rio de Janeiro: FEB, 1978.

TRAVESSA, Elisa N. Pedagogia Cívica em Jaime Cortesão. **Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa**, Nova Série, nº 8, 1º sem. 2003. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/jaime-cortesao-dp1.html#.W-SSmpNKiUk>. Acesso em: 20 fev. 2020.

UBALDI, Pietro. **Profecias**. Campos: Instituto Pietro Ubaldi, 2020. Disponível em: <http://www.pietroubaldi.org.br/as-reflexoes/17-profecias/934-blank-39071655>. Acesso em: 20 fev. 2020

UTÉZA, Francis. **JGR: Metafísica do Grande Sertão**. São Paulo: Edusp, 2016.

VARELA, Maria H. **A conjunctio oppositorum no pensar-sentir de Agostinho da Silva: Sofia e paradoxia**. Revista Reflexão, Campinas, v. 31, n. 90, p. 87- 94, jul./dez., 2006.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VIANNA, Andrea R. J. **O jornalismo em Guimarães Rosa: aproximações**. 2019. 196 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. 2019.

VIEIRA, António. **História do Futuro**. Lisboa: Sá da Costa, 1953. Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/Futuro_I.pdf. Acesso em: 3 set. 2017.